

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

VOLUME 121.º



COIMBRA

1959

INSTITUTO DE COIMBRA

DIRECÇÃO

DIOGO PACHECO DE AMORIM	<i>Presidente</i>
JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS	<i>Vice-Presidente</i>
FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIRÓS . . .	<i>Secretário</i>
ARISTIDES DE AMORIM GIRÃO.	»
ALBERTO MOREIRA DA ROCHA BRITO . .	»
TORQUATO BROCHADO DE SOUSA SOARES	»
LUÍS REIS SANTOS	»
FRANCISCO DE SOUSA NAZARÉ	»
JOSÉ CAMPOS DE FIGUEIREDO	<i>Tesoureiro</i>
CORONEL BELISÁRIO PIMENTA	<i>Director da Biblio- teca</i>

O INSTITUTO

VOLUME 121.º

ORIENTADO

1977

O INSTITUTO

REVISTA CIENTÍFICA E LITERÁRIA

VOLUME 121.º



COIMBRA
1959

COMISSÃO DE REDACÇÃO

DIOGO PACHECO DE AMORIM
TORQUATO BROCHADO DE SOUSA SOARES
JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Ilha n.º 1

COIMBRA

MOSTEIRO DE SAO JORGE DE IUNTO
A COIMBRA: SUA FUNDAÇÃO, VNIAO,
REFFORMAÇÃO: E HUNS E OUTROS
PRIORES.

Do Mosteiro do inuicto Martyr saõ Jorge, situado hum quarto de legoa a síma da Cidade de Coímbra pera o nacente sobre o Rio Mondego, foy fundador o Conde Dom Sesnando Senhor de Coimbra, na maneira seguinte: Andando o sobre dito Conde á Cassa de Veados, ê porcos mõezez em a mata de Mirlaos, / assím se chamaua este sitio / alem da ponte da dita Cidade, se lhe desemfreou o Cavallo, ê o hia persipitando de hum rochedo da dita mata a baixo: vendosse em tal perigo chamou com grande fê pello gloriozo martyr saõ Jorge, de quem era particular deuoto: parou logo o cauallo milagrozamente, ficando com as mãos no ar, ate que o Conde se apeou. Em recompensa deste milagre, na quelle mesmo lugar mandou fazer huma Ermida â honra do mesmo santo pera memoria do milagre, na Era : M. c. xviiij. que he Anno do senhor : 1080 = E paressendolhe conueniente em respeito da muita gente que leuada da deuoção fequentemente vinha fazer sua romagem ao Santo Martyr, da hi a quatro annos, no de, 1084 = o mesmo Conde Dõ Sesnando, mudou o sitio, ê ao pê do monte, aonde agora está o mosteiro, fundou noua Igreja, â qual o bispo de Coímbra Dom Paterno benzeu, ê lansou a primeira pedra fundamental.

¶ Acabouse a Igreja pellos Annos de, 1088: ê logo o Conde com o bispo de Coímbra Dom Martinho, ordenaraõ fossem viuer nella clerigos de aprouada, ê santa vida, ê

deraõ o Priorado a hum Clerigo graue de Coímbra que se chamaua = Domingos Paes = ê pera a fabríca da Igreja, ê sustento dos clerigos, applicou o dito Conde muitas propriedades, ê renda bastante.

¶ Correndo depois a Era de, M. c. xx. viiiij, he Anno de, 1091: foy Deos seruido leuar pera si o Conde Padroeiro Dom Sesnando em, 25, de Agosto; foy sepultado na mesma Igreja em sepultura alta na parede da Capella mor, â parte do Euangelho = Cuja sepultura com outras bem autorizadas que naquella Igreja estauaõ, se destruiuã quando o Prior môr Comendatario Dom Diogo da Gama mandou derubar a igreja velha, ê fabricar a que agora ainda serue. —

¶ Deixou o Conde Dom Sesnando por herdeira huma filha sua q̃ se chamaua = Dona Eluira Sesnandes, que cazou com hum fidalgo, que se chamaua: Martinho Munis, os quais por não terem filhos fizeraõ doaçaõ do Padroado desta Igreja, ê de suas rendas a hum sobrinho que se chamaua = Salvador Grímaris, clerigo entaõ de Euangelho, natural de Coímbra, letrado, ê virtuozo. Este ordenou entaõ por breue do summo Pontifice Honorio, 2º, que os clerigos desta Igreja fossem Conegos regrantes do Patriarca santo Agostinho, os quais receberaõ a refformaçã, ê santo habito canonico cerca da Era de, M. c. lxiiij = que he Anno de, 1125 = ê com elles a recebeo elle tambem; era ainda entaõ viuo o sobredito Prior Domingos Paes, por cujo falecimento os seus conegos o elegeraõ em Prior, ê assim foy o segundo Prior môr, que teue este mosteiro, ê iuntamente seu Padroeiro, o qual na Era de = M. c. lxx. iiij = no mes de Julho, he Anno de, 1136 = fes doaçaõ do Padroado, ê de todas suas rendas particulares, a este seu mosteiro do martyr saõ Jorge como consta da carta de doaçaõ escrita em pergaminho que se conserua no cartorio do dito mosteiro, que eu vî, ê li ~.

¶ Os serenissimos Reys de Portugal fizeraõ sempre muitas merces, faoures, e liberdades a este mosteiro, dando-lhe muitos priuilegios, ElRey Dom Sancho o primeiro, com a Raynha Dona Dulce sua consorte fizeraõ doaçaõ a

este mosteiro de tudo o que tinhaõ em Façalami, á honra do gloriozo martyr saõ Jorge, por amor do Principe Dom Affonso seu filho que naceo em Coimbra no Anno de, 1185 = o qual a Raynha sua may offereceo a Deos nosso senhor, ê ao santo martyr sobre o seu Altar, que era muito enfermozinho, ê tolhido, ê o pezaraõ a Prata, ê foy logo saõ de todo; isto aconteceo em o vltimo dia do mes de Julho da Era de, M.cc.xxv = que he Anno de, 1187 = ê com a muita prata que pezou se compraraõ muitas herdades, ê fazendas com que se enriquesceu este mosteiro : ê por sua morte o sobredito Rey Dom Sancho lhe deixou quinhentos morabitinos.

¶ ElRey Dom Affonso, 2º, pella lembrança da merce que Deus senhor nosso lhe fes sendo minino de dous annos por intercessaõ do martyr saõ Jorge, como temos dito, recebeo em sua protecçaõ a este mosteiro com suas heranças, ê familiares, ê quanto tinha em todo o seu reyno: foy isto na Era de, M.cc.l.iiij = he Anno de — 1216 = ê lhe chamaua, o seu mosteiro. O mesmo fizeraõ os outros Reys de Portugal seus sucessores, ê muitas outras pessoas nobres, ê ricas, como consta das muitas cartas de doaçoens escritas em pergaminhos que se conseruaõ no Archiuo deste mosteiro, que me foraõ mostradas.

¶ O Papa Honorio, 3º; izentou este mosteiro de saõ Jorge da iurisdicçaõ ordinaria dos bispos de Coimbra, ê o fes immediato â seê apostolica, sendo Prior môr Dom Pedro de Alpoem: as letras apostolicas se passaraõ em .19. de Feuereiro do Anno de, 1221 = ê o tomou debaixo de sua protecçaõ, pagavalhe de Censo cada anno dous morabitinos de ouro: ê sempre desde seu principio os Conegos elegiaõ Prior nouo quando falecia o velho, até que os Reys de Portugal por breues apostolicos vzurparaõ pera sí o Padroado, ê apresentauaõ em Prior comendatario a quem queraõ, ê da qui veio a ser este mosteiro governado por Comendatarios perpetuos, ê ser vizitado pellos bispos de Coimbra, ê seus vizitadores.

¶ De tempos immoriaueis se conserua neste mosteiro

hum relicario de Prata dourada em forma de Crus sem feitiço algum, em meio do qual se vê por hum cristal hum fermoço lenho da Santa Crus de christo, feito em crus.

¶ PRIORES MORES PERPETUOS, E COMENDATARIOS DO MOSTEIRO DE SÃO JORGE.

¶ .1. Domingos Paes = foy o primeiro Prior, dos clérigos seculares deste mosteiro, na Era de, M. c. xx. vj = he Anno, 1088 = Fesse conego regente cõ os seus clérigos na Era de, M. c. lx. iij = he Anno de — 1125. Faleceo na Era de = M. c. lxx. iij. he Anno de . 1136.

¶ .2. Saluador Grimaris Padroeiro = eleito Prior no mesmo Anno de 1136 = Faleceo pelos Annos de, 1148 = foy sepultado na claustra com este Epitafio = ¶ Hic iacet Saluator, hujus monasterij fundator. ¶ Sendo comendatario deste mosteiro Christouaõ Barrozo, foy descuberta esta sepultura, estaua o Corpo seco em carne, ê com sua-uíssimo cheiro.

¶ .3. Dom Garcia = Conego do real mosteiro de s^{ta} Crus = foy eleito Prior de saõ Jorge pellos Annos de — 1148 = Faleceo no Anno de, 1160 = Refformador —

¶ Dom Joaõ Vicente = eleito no Anno de, 1160 = achasse sua memoria no Anno de, 1170 =

¶ Dom Pedro Vicente, seu irmaõ Conego de s^{ta} Crus Prior môr de saõ Jorge pellos Annos de, 1178 = ê, 1192 — em q̃ faleceo =

¶ Dom Gonçallo Martins — foy eleito Prior môr deste mosteiro de saõ Jorge, no ano de, 1192 = ate o Anno de — 1205 = em q̃ faleceo =

¶ Joaõ Domingues — foy eleito Prior môr deste mosteiro de saõ Jorge na Era de, M. cc. xxx. iij = que he Anno de Christo — 1205 = Achasse sua memoria pellos Annos de, 1213 =

¶ Dom Pedro de Alpoem, Prior môr de saõ Jorge, sua memoria no Anno de . 1218 = O Papa Honorio 3^o, lhe izentou o mosteiro da Iurisdicãõ ordinaria dos bispos de

Coimbra, no Anno de, 1221 = Faleceo no Anno, 1235.
Era = M. cc. lxx. iij =

☞ Dom Affonso Pires, foy eleito Prior môr desaõ jorge, no Anno de, 1236 —

☞ Dom Vicente Joaõ, Prior môr deste mosteiro — achasse sua memoria no Anno de, 1247 = Faleceo em. 8 = de Março =

☞ Dom Gomes Lopes = Prior môr desaõ jorge, pellos Annos de, 1258 = e, 1260 =

☞ Dom Martinho Bento = Prior môr de saõ jorge achasse sua memoria no Anno de = 1267 =

☞ Dom Martinho Migueis = Prior môr desaõ jorge, pellos anos de; 1273 = e, 1279 =

☞ Dom Fernando Gonsalves = Prior môr deste mosteiro desaõ Jorge = sua memoria se acha no Anno de = 1281 = Faleceo no Anno de Christo de, 1286 =

☞ Dom Pedro Pires = foy eleito Prior mor de saõ jorge no Anno de, 1286 = Achasse sua memoria no Anno do senhor de, 1298 — Era = M. ccc. xxx. vj = Faleceo em — 8; de janeiro =

☞ Dom Affonso Martinõ = Prior môr desaõ jorge = sua memoria se acha no Anno de, 1306 =

☞ Domingos Miguel = Prior môr deste mosteiro, pellos Annos de = 1311 = e, 1315 =

☞ Joaõ Pires Prior môr desaõ jorge — Achasse sua memoria pellos annos de — 1331 =

☞ Dom Gonçallo Domingues Prior môr de saõ jorge pellos Annos de, 1336 =

☞ Dom Lourenço Pires = Prior môr deste mosteiro, sua memoria no Anno de, 1347 =

☞ Dom Affonso Gonçalves = Prior môr de saõ jorge. nos Annos de — 1363 = e, 1377 =

☞ Dom Gomes = Prior môr deste mosteiro = sua memoria, na Era de, M. ccc. x. viij = he Anno de, 1380 =

☞ Dom Joaõ Aluares = Prior môr deste mosteiro de saõ Jorge = achasse sua memoria na Era de, M. cccc. xxvij — que he Anno de Christo. 1389.

☞ Dom Gomes: Conego de santa Crus: Prior môr de Saõ Jorge = achasse sua memoria na Era de, M.cccc.xxx.iiij = que he Anno do senhor. 1395 =

☞ Ayres Gonsalves = Prior môr de Saõ Jorge = sua memoria pellos Annos = de, 1402 —

☞ Dom Alvaro Gonsalves = Prior môr deste mosteiro de saõ Jorge: achasse sua memoria na era de, M.cccc.l.iiij = que he Anno de christo. de, 1415 —

☞ Dom Lancerote Gonsalves: clerigo secular, confessor delRey Dom Joaõ . 1º . Prior môr Comendatario deste mosteiro, por Bullas do Papa Martinho . 5º . pellos Annos de, 1420 = ☞ Neste seu tempo se largou pera sempre a Era de Cezar, M.cccc.lx. e se tomou o Anno de christo de — 1422. por ley delRey Dom Joaõ . 1º . como ia se auia feito em toda Espanha.

☞ Rodrigo Annes: Prior môr Comendatario de saõ Jorge Pedido aos conegos do mosteiro por elRey Dom Joaõ . 1º . sua memoria se acha no Anno de, 1423 —

☞ Dom Frej Joaõ verba = Prior môr comendatario do mosteiro de saõ jorge em tempo delRei Dom Joaõ . 1º . pellos Annos do Senhor de, 1429 — era Maltés estrangeiro.

☞ Dom Luis — Prior môr Comendatario de saõ Jorge. ã tempo delRey Dom Duarte . Ano . 1435.

☞ Dom Joaõ Pereira. Prior môr Comendatario, pedido aos Conegos de Saõ jorge por elRey Dom Affonso . 5º . sua memoria pellos Annos de, 1445 — 1449 —

☞ Dom Joaõ Rodrigues . Prior môr Comendatario de saõ Jorge, em tempo delRey Dom Affonso . 5º . achasse sua memoria pellos Annos de, 1465 — ate — 1476 =

☞ Dom Joaõ Aluares . era Prior môr comendatario do nosso mosteiro de Eccleziola — Administrador perpetuo deste de saõ jorge — em tempo delRey Dom Affonso . 5º . pellos Annos de, 1477 = e, 1481 — renunciou este Priorado . Bispo de Silues no Algarue — Anno — 1487 —

☞ Dom Fernando de Almeida . Bispo de Septa, Prior môr Comendatario deste mosteiro de saõ Jorge . pellos

Annos de, 1488 = em tempo delRey Dom Joaõ, 2º — delle foy o calix grande de figuras de meio releuo =

¶ Dom Diogo da Gama — Capellam delRey Dom Manoel . era Prior môr de Tomar = Foy Aministrador perpetuo deste mosteiro do Martyr saõ Jorge, por merce do mesmo serenissimo Rey Dõ Manoel, pellos Annos do senhor de 1510 = e, 1513 = Este Comendatario mandou derrubar a Igreja velha deste mosteiro, e fazer a noua que ainda exta.

¶ Dom Martynho de Portugal, irmão de Dom Francisco de Portugal Conde do Vimiozo; Arcebispo do Funchal, Primas das Indias pellos Annos de, 1485 = Nuncio do Papa Clemente . 7º . com poderes de Legado em toda Espanha = ElRey Dom Manoel o fes Prior môr Comendatario deste mosteiro desão Jorge = Achase sua memoria pellos Annos de 1526 = e, 1530 — Ele mandou fazer o sino grande =

¶ Christouaõ Barrozo = Castelhana — secretario do Emperador Carlos . 5º . elRey Dom Joaõ . 3º . o nomeou Prior môr Comendatario deste mosteiro . sua memoria se acha nos Annos, 1538 — e, 1540 = Renunciou este Priorado . mandou fazer a campa.

¶ O Infante Cardeal Dom Henrique, filho delRey Dom Manoel = Administrador perpetuo deste mosteiro, por elRey Dom Joaõ 3º, irmão seu, na renuncia de Christouaõ Barrozo = Anno, 1540 = Renunciou com regresso, Anno, 1547 =

¶ Jorge Coelho = secretario do Cardeal Infante Dom Henrique . Prior môr Comendatario de saõ Jorge pella renuncia com seu regresso no Anno de, 1547 = Faleceo no mes de Agosto do Anno de, 1563. Fes a ermida de saõ Marçal = Ano = 1558 =

¶ O Infante Cardeal Dom Henrique = torna a ser Prior môr Administrador pello regresso, no Anno de, 1563 =

¶ O qual como tornou ao Priorado, deu as rendas da meza Abbacial deste mosteiro aos Padres da Companhia para o seu Collegio do Espirito santo de Euora por letras

do Papa Pio, 4.^o no mesmo Anno, de, 1563, ê o casco do mosteiro com os Passaes, ê pouco mais do que pertencia â meza Conuentual, largou a esta nossa congregaçã, por huma prouisaõ, ê Comissaõ sua, passada em, 16, de Outubro do mesmo Anno, 1563 — pella qual cometeo ao Padre Prior Geral Dom Lourenço Leite todos seus poderes pera o refformar, ê reduzir â obseruancia regular do real mosteiro de Santa Crus da Cidade de Coimbra.

¶ Por virtude desta Comissaõ o sobre dito Padre Prior geral com os seus Collegas Dom Vicente, ê D. Pedro da Assumpçaõ, tomou passe do dito mosteiro de saõ jorge em os, 4, de Fevereiro do Anno, 1564 = ê nelle era Prior Crasteiro o Conego Virissimo Fernandes, o qual largou logo o Cargo, ê asseitou a reformaçaõ = E em quanto naõ vinha o Breve da vniaõ, ê refformaçaõ que se pedia a sua santidade, pos neste mosteiro alguns religiosos conegos do de santa Crus, ê por seu prezidente ao Padre Dom Damião, que ia tinha sido collega. O Papa Pio 4.^o = passou o Breue da Vniaõ, ê refformaçaõ, em os, 2, de Julho do mesmo Anno, 1564 = ê pellos muitos embarassos, ê conluios que ouve com os Padres da Companhia sobre a separaçã das rendas, se naõ deu â execussaõ se naõ já confirmado pello Papa Pio, 5.^o — por que tornou outra ves a Roma.

¶ O Padre Prior geral Dom Jorge Barboza com os seus Collegas, por virtude do sobre dito breve tomou, 2.^a, posse real, ê actual do dito mosteiro de saõ jorge, em, 17, de Agosto do Anno de, 1568 = no qual dia comessou sua refformaçaõ 41, annos depois que comessou a do real mosteiro de S.^{ta} Crus. ê neste mesmo dia fes eleiçaõ Canonica do primeiro Prior triennial, que he o que se segue.

¶ PRIORES TRIENNAIS, E PREZIDENTES, DO MOSTEIRO DE SAÕ JORGE. ¶

¶ .I. O Padre Dom Nicolao de saõ Miguel = Conego do real mosteiro de s.^{ta} Crus, aonde estava quando em, 17, de Agosto do Anno, 1568 = foy eleito primeiro Prior de

São Jorge =ê no dia seguinte foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Jorge Barboza; ê seus collegas, D. Clemente, ê D. Andre.

¶ No capitulo geral que se Celebrou no Anno, 1569 = se ordenou fosse este mosteiro Oratorio com prezidente = E he o seguinte =

¶ Dom Agostinho, Conego de Santa Crus, foy eleito Prezidente de são Jorge no diffinitorio; ê foy confirmado em, 26, de Outubro do Anno, 1570 = pello Padre Prior geral Dom Lourenço Leite: ê seus collegas D. João das Neves =ê D. Gaspar Brandaõ.

¶ No capitulo geral que se Celebrou no Anno, 1572 = se ordenou fosse este mosteiro outra ves Priorado.

¶ .2. Dom Damiaõ, Conego de Santa Crus = eleito Prior de são Jorge em, 27, de Outubro, Anno, 1573 = ê logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Bazilio = Collegas, D. Gabriel, D. Fulgencio.

¶ 3. Dom Nicolao de são Miguel = eleito, 2^a, ves Prior em, 30, de Novembro, Anno, 1576 = logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpção = Collegas . D. Diogo das chagas, D. Matteos —

¶ 4. Dom Theotonio da Crus Mello = morador em são vicente, eleito Prior de são Jorge em, 26, de Janeiro, Anno, 1580 = Confirmado em, 9, de Fevereiro pello Padre Prior geral Dom Lourenço Leite; e seus Collegas, D. João da Trindade, ê D. Simaõ de christo.

¶ 5. Dom Cosme, Conego de santa Crus = eleito Prior de são Jorge em, 13, de Novembro, Anno 1582 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro = Collegas, D. Cypriano, e D. Fellippe.

¶ 6. Dom Antonio das Chagas = eleito Prior de saõ Jorge em, 14, de Novembro, Anno, 1585 = veio de s^{ta} Crus, confirmado no dia seguinte pello Padre Prior geral Dom Simaõ de Christo: e seus collegas, D. Pedro de Figueirô, e D. Joaõ das Neves.

O Padre Prior renunciou o Cargo, Anno, 1587.

¶ 7. Dom Cosme = eleito, 2^a, ves Prior em, 17, de setêbro do Anno de, 1587 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro: e seus Collegas, D. Christovaõ de Christo, é D. Andre.

¶ 8. Dom Dionyzio da Piedade, ou da Mizericordia: conego de s^{ta} Crus, morador em saõ vicente = eleito Prior de saõ Jorge em, 13, de Novembro, Anno, 1590 = confirmado em, 25, do dito mes, pello Padre Prior geral Dom Acurcio de Santo Agostinho: e seus Collegas, D. Gaspar de Christo, e D. Antonio de Santo Agostinho.

¶ 9. Dom Sebastiaõ da Assumpçaõ = era Prezidente de Vilella, eleito Prior de saõ Jorge em, 29, de Dezembro, Anno principiado, 1594 = foy confirmado em os, 9, de Janeiro, 1594 = pello Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ = Collegas, D. Andre dos Anjos, é D. Raffael da Piedade.

¶ 10. Dom Lourenço do Espirito santo Soares = eleito Prior de saõ Jorge em, 13, de Novêbro, Anno, 1596 = veio de saõ vicente, foy Confirmado ã 21, do prezête pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpçaõ: e seus Collegas, D. Manoel do Salvador, e D. Lourenço dos Martyres.

¶ .11. Dom Constantino da Crus, morador no mosteiro da serra, hospede ã s^{ta} Crus: eleito Prior em, 12, de Novêbro, Anno, 1599 = Confirmado no dia seguinte pello

Padre Prior geral Dom Acurcio = e seus Collegas, D. Andre dos Anjos, e D. Francisco da Paixaõ.

O Padre Prior faleceo no Anno de, 1600 —

¶ .12. Dom Lourenco Soares: morador em s^{ta} Crus, hospede em Saõ Vicente, eleito, 2^a, ves Prior de saõ jorge em, 19, de Dezembro, Anno de 1600 = foy confirmado em, 8, dejaneiro Anno, 1601 = pello mesmo Padre Prior geral Dom Acurcio = Collegas D. Andre dos Anjos = D. Miguel dos Reys —

¶ O Padre Prior foy eleito geral, Anno, 1602 —
Pag = 57 =

¶ .13. Dom Fulgencio de Santo Antonio, Vigairo de Saõ Vicente, eleito Prior de saõ jorge em, 16, de Outubro, Anno, 1602 = foy confirmado em o . 1.º de Dezembro pello substituto D. Raffael da Piedade, e o Collega D. joaõ das Neves por comissaõ do Padre Prior geral Dom Lourenço do Espiritosanto soares — D. Clemente collega secretario —

¶ Dom Francisco de santo Antonio, eleito Prior de saõ jorge no, 2º, Capitulo geral nullo, Anno, 1605 = metido de posse pello Padre Dom Bernardo asserto geral e seus chamados Collegas = Foy desposto do Cargo por votos secretos do Convento Anno, 1606, sendo Prior geral Apostolico o Padre mestre Dom Antonio das chagas, por virtude do seu Breve.

¶ .14. Dom Agostinho de Saõ Domingos = eleito Prior de saõ jorge no mes de Dezembro, Anno, 1606 = Confirmado pello Padre Prior geral Apostolico Mestre Dom Antonio das Chagas = é seus Collegas = D. Nicolao dos Santos, e D. Gaspar dos Reys —

¶ . No Capitulo geral do Anno, 1609 = se ordenou q̃ o mosteiro de saõ jorge fosse Prezidencia = e os Prezidentes se elegeriaõ no diffinitorio.

¶ Dom Fernando de Santo Antonio = morador na Serra eleito Prezidente no diffinitorio; confirmado em, 9, de Outubro, Anno de, 1609 = pello Padre Prior geral Dom Miguel Passanha = e seus collegas, D. Jeronimo da Cruz, e D. Constantino dos Anjos —

¶ Dom Jnnocencio Prezidente = confirmado Anno — 1612 — pello Padre Prior geral Dom Dionyzio da Mizericordia = e collegas D. Antonio da Crus, e D. Gaspar dos Reys =

O Padre Prezidente faleceo no mesmo Anno, 1612 —

¶ Dom Jorge Barretto = Prezidente = confirmado em 22 — de Dezembro Anno, 1612 = por Dom Nicolao dos Santos, substituto, e Collegas D. Antonio da Crus, D. Gaspar dos Reys = por comissaõ do Padre Prior geral Dom Dionyzio da Mizericordia —

O Padre Prezidente faleceo no Anno, 1615 —

¶ Dom Gaspar dos Reys = acabou o Collegado = foy confirmado Prezidente em, 9, de Setẽbro, Anno, 1615 = pello Padre Prior geral Dom jeronimo da Crus = collegas D. Manoel de Xpo = D. Sebastiaõ da graça —

¶ Dom Lucas da Apresentaçãõ = Prezidente, Confirmado em, 22, de Outubro Anno, 1618 = pello Substituto Dom Gaspar dos Reys = cõ os Collegas D. Andre da Conceiçãõ, e D. Luis da silveira = por comissaõ do Padre Prior geral Dom Miguel de Santo Agostinho Passanha.

¶ Dom Gaspar dos Reys, acabava de ser substituto, foy confirmado Prezidente, 2^a, ves em, 23, de Outubro Anno, 1621 = por Dom Lourenço Soares Vizitador de Santa Crus, e Diffinidor; com os Collegas, D. Christovaõ de saõ joaõ, e D. Bertolomeu da Vizitaçãõ, por comissaõ do Padre Prior geral, Dom Antonio da Crus =

¶ Dom Lucas da Apresentação, Prezidente 2.^a ves, confirmado em, 6, de Novêbro = pello Padre Prior geral Dom Sebastião da Graça = Colleg. D. Marcos da Crus = e D. Diogo da Piedade Aranha.

¶ No Capitulo geral do Anno de, 1627 = se ordenou, q̄ o mosteiro desaõ Jorge, torne a ser Priorado — Cujos Priores continuaõ numero, 15 =

¶ .15. Dom Paulo Barretto: eleito Prior de saõ Jorge, em. 13: de Mayo, Anno, 1627 = veyo chamado de saõ vicente, foy confirmado em, 20, de junho, pello Padre Prior geral Dom Miguel de s^{to} Agostinho = e seus Collegas, D. Francisco das Neves e D. Símaõ das Chagas.

¶ 16. Dom Francisco da Ressurreiçaõ: eleito Prior em 30, de Agosto, Anno = 1630 = Confirmado em, 7, de Setembro, pello Padre Prior geral Dom jeronimo da Crus = e seus Collegas D. Jozeph de Christo Bretiandos, e D. Gabriel da Ressurreiçaõ —

¶ .17. Dom Simaõ das Chagas: eleito Prior, em, 12, de Setêbro, Anno, 1633 = Confirmado em, 23, pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira = Collegas, D. Luis da Paixaõ, e D. Theodozio da Assumpçaõ —

¶ .18. Doutor Dom Jorge de Santo Agostinho = eleito Prior, em, 20, de Outubro, Anno, 1636 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Paulo Barretto; Collegas, D. Damiaõ da Crus = D. Christovaõ da Crus =

Foy Prior, 8, annos = e nesse meio tempo, Anno, 1639 = foy a Roma a negocios inquietaccenõ da ordem, é naõ fes nada — ate o Anno de — 44.

¶ Dom Theodozio do Espirito santo, Vigairo de saõ Jorge = ficou prezidindo em quanto o Prior foy a Roma =

e faleceu sendo Presidente no Anno de, 1641. em. 18. de setembro =

¶ Dom Balthazar de Santo Agostinho, mestre de São Jorge, continuou com a Presidencia ate o Anno de, 1644 = em que o Prior veio de Roma = e neste Anno acabaraõ todas as contendas da Ordem no Capitulo geral que se celebrou em saõ vicente.

¶ 19. Dom Bento de Santa Maria : eleito Prior em 30 = de Agosto . Anno, 1644 = confirmado em, 10, de setembro pello substituto Dom Agostinho Falcaõ = de comissaõ do Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo viegas, é dos seus Collegas D. jnnocencio das chagas, e D. Nicolao de santa Maria coelho —

¶ 20. Dom Sebastiaõ da Esperança : eleito Prior em o Anno de, 1647 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira = Collegas, D. Luis da Ressurreiçaõ, e D. Agostinho do Rozario —

¶ 21. Doutor Dom Antonio da Graça, Lente Iubilado = eleito Prior desaõ jorge em 4, de Outubro, Anno, 1650 = Confirmado em os, 6, pello Padre Prior geral Dom jeronimo Noronha; e seus collegas, D. Símaõ da Paixaõ, e D. jozeph da Annunciassaõ —

¶ 22 — Dom Manoel da Crus Barretto : eleito Prior em, 11 = de Outubro, Anno, 1653 = veio de Lisboa, confirmado em, 26 = pelo Padre Prior geral Dom Lionardo Doutor = e seus Collegas, Doutor D. Antonio dos santos, e D. Matteos da Crus.

¶ 23 — Dom Manoel dos Martyres = eleito Prior em, 26, de Junho Anno, 1656 = Confirmado no dia seguinte pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira = e seus Collegas, D. Agostinho da Encarnaçaõ, e D. Andre da Conceiçaõ —

¶ 24 — Dom Bertolomeu de saõ Marcos = eleito, e confirmado Prior no, 1º, de Outubro, Anno, 1659 = pello substituto Dom Simaõ dos Anjos, e Collegas D. Sebastiaõ do Rozario, e D. Manoel da Ascensãõ por comissãõ do Padre Prior geral, Dom Miguel Perestrello . 4 . Annos.

¶ 25 — Dom Andre da Conceiçãõ, eleito Prior em o, 1º, de outubro do Anno, 1663. Confirmado no mesmo dia vindo de s^{ta} Crus pello Padre Prior Vigairo geral Dom Henrique do Desterro: e seus Collegas, D. Paulo de saõ Domingos, e D. Fulgencio dos Martyres.

O Padre Prior faleceo em S^{ta} Crus. Anno = 1666.

¶ Dom Gabriel dos Martyres. Vigairo desta caza Prezidio 10 = mezes = e, 10 = dias, do principio de Dezembro, de, 1665 = ate se eleger Prior. Foy a Capitulo geral como Vigairo Prezidente. Anno, 1666 —

¶ .26. Dom Alvaro da Ascensãõ, natural de Coimbra: éra Prezidente do mosteiro de Viana: foy eleito Prior de Saõ Jorge em, 30, de Setembro, Anno, 1666 = e confirmado em, 10, de Outubro: pello Padre Prior geral Dom Lionardo da Purificaçãõ: e Collegas, D. Clemente, e D. Antonio.

¶ .27. Dom Gabriel dos Martyres. natural de Coimbra. foy eleito Prior, em, 28, de Junho, Anno, 1669. logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Joaõ dos Anjos = e Collegas, D. Rodro de Xpo; e D Placido.

¶ .28. Dom Timotheo dos Martyres Serraõ: Conego professo do real mosteiro de Santa Cruz, natural de Coimbra, filho de Manoel Couceiro dazãobuja, Juis dos orfaõs, e Cidadãõ da mesma Cidade, e de sua mulher Magdalena Cerueira da Cunha. Tinha Sido no triennio passado Collega Vizitador, e pessoa do Capitulo geral em q̄ assistio. Foy

eleito em Prior deste mosteiro de saõ Jorge em, 29, de Outubro, do Anno de, 1672 = Veio chamado do real mosteiro de s^{ta} Crus, e Confirmado no mesmo dia pello Padre Prior geral Dom Henrique do Desterro Magalhaens. e seus Collegas, D. joaõ do Paraizo Camello. e D. Jeronimo da Conceiçaõ.

¶ A esta eleiçaõ, e sua Confirmaçaõ vieraõ alguns Padres com embargos, e appellaraõ pera o Illustrissimo senhor Francisco Rauizza Arcebispo de Sydonia Nuncio Apostolico neste Reyno: O qual conhescendo da causa pello seu Auditor, deu sentença em fauor do Prior, em, 22, de Março do Anno de, 1673 = com que foy confirmado, 2^a, ves.

¶ Tornaraõ a Appellar. Teue o Prior, 2^a, sentença no mesmo Anno; do Illustrissimo Senhor Nuncio Marcello Durazi, Arcebispo de Calcedonia.

¶ Teue o Prior por sí, 3^a, sentença pella, 3^a, Instancia: foy dada em, 14, de Junho do Anno de, 1674 =

¶ Em 20, de Julho, Anno, 1675 = veyo o Padre Prior geral a este mosteiro, pera eleger Prior, aonde esteue ate os 24, e se foy despois de ter corrido, 16, iactos, e naõ pode fazer Prior. Ficou gouernando o Vigairo Dom Ioaõ Carneiro — Vigairo geral Dom Fulgencio dos Martyres — Prezidiu o Padre Vigairo Dom Joaõ Carneiro neste mosteiro até a eleiçaõ de Prior = tres mezes, é quinze dias = alem dos dias q̄ esperou q̄ o Prior eleito viesse de Lisboa = q̄ foraõ — 17 — dias =

¶ — 29 — Dom Thomas da Trindade, natural de Lisboa, e professo no real mosteiro de saõ Vicente, aonde era morador, foy eleito Prior de saõ Jorge em os = 9 = de Nouembro do Anno de, 1675 = veyo chamado do mostr^o desaõ vicente, e foy confirmado em, 26, de Nouembro pello Padre Prior Vigr^o geral Dom Fulgencio dos Martyres, e Collegas, Doutor D. Luis da Assencaõ, e D. Jeronimo desaõ Jozeph. Sâa

O Padre Prior Faleceo em, 18 — de Outubro = Anno — 1676 =

¶ 30 — Dom Antonio da Conceiçam, Filho natural do Doutor Pantalião Rodrigues Pacheco, lente, Dezembargador, Inquizidor, e faleceu eleito Bispo de Elvas: Dom Antonio nasceu em Coimbra tomou o habito, e professou no mosteiro de sam Vicente, a onde agora estaua quando foy eleito Prior de sam Jorge em, 4, de Nouembro. Anno de — 1676 = Assistio á eleição o Padre Prior vigairo geral Dom Fulgêcio dos Martyres com os seus collegas ásima nomeados — O Padre Prior veio chamado, é foy confirmado em — 23 — do sobredito mes, pello Padre Dom Jnnocencio da Ressurreiçã vigairo de s^{ta} Cruz por comissã do Padre Vigairo geral. é seus colegas =

¶ 31. Dom Manoel das chagas conego de s^{ta} Cruz, natural de Tamengos, foy eleito Prior deste mosteiro de sam Jorge, no Anno de — 1678. era procurador da mesma caza, foy logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Conceiçã é seus colegas. D. Pedro do Espirito S^{to} Por. é D. Bazilio de S^{ta} Maria. — Foy eleito secretario no capitulo geral do Anno de — 1681 —

¶ 32. Dom Patrício da Cruz, estando morador em Paderne, Foy eleito Prior de sam Jorge, em — 25 — de junho. Anno, 1681 — veyo chamado foy confirmado meado o mes de julho, por ordem do Padre Prior geral mestre Doutor Dom Gabriel de santo Agostinho, é seus colegas, D. Acurcio da Esperança, é D. virissimo de s^{to} Antonio ~.

¶ 33 — Dom Virissimo de santo Antonio Conego de santa Cruz, Depois do seu colegado, foy eleito Prior de saõ Jorge em os dous de Outubro, foy chamado do mosteiro de s^{ta} Cruz, e foy logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Manoel de saõ Lionardo, é seus collegas D. Jozeph de s^{to} Antonio, é D. Raymundo de s^{ta} Maria. Anno de — 1684 —

34 D. Antonio de s^{ta} Maria conego professo do Mos.^{tro} de s^{ta} Cruz e nelle m.^{or} foi eleito Prior do Mos.^{tro} de s. Jorge

e nelle Comfirmado plo R.^{mo} P.^o G.^{al} D. Jnnocençio da Resurreiçaõ, e seus collegas D. Antonio do Desterro, e D. constantino de S. Bernardo.

35 D. Jozeph do Desterro conego professo do Mos.^{tro} de .S. V.^{to} de fora, e m.^{or} no da serra foi eleito Prior do Mos.^{tro} de .S. Jorge e Comfirmado plo R.^{mo} P.^o G.^{al} o D.^{or} D. Pedro da Gloria, e seus collegas D. Silvestre dos Anjos, e D. P.^{am} da Natiuid.^o

36. Dom Luis da Purificaçaõ conego Professo do mostr.^o de s^{ta} Crus, e nelle m.^{or} foi eleito Prior do mostr.^o de S. Jorge e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom M.^{el} de S. Jozeph e seus collegas o D.^{or} Dom Alexandre de S. Jozeph e Dom Theotonio da Conceiçaõ

37. Dom Raymundo de S^{ta} Maria conigo Professo do mostr.^o de Gryo, e morador no mostr.^o de Villaboa do Bispo foi eleito Prior do mostr.^o de S. Jorge e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom Ieronimo de Saõ Jozeph e Seus collegas Dom Christouaõ da Crus, e Dom Jgnacio dos Anjos =

38 Dom Ioaõ des.^{to} Theotonio conigo Professo do Real mostr.^o de S^{ta} Crus foi eleito em Prior do mostr.^o de S. Jorge donde era morador e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom P.^o da Gloria eseus collegas Dom Alexandre de s^{ta} M.^a e Dom Verissimo de S. Gonsallo.

39 Dom Fradique de S. Gualtez conigo professo do mostr.^o de Gryo, foi eleito Prior deste mos.^{tro} de S. Jorge donde era morador e comfirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom Joaõ do Paraiso e Seus collegas Dom Alvaro da Conceiçaõ, e D. Jeronimo de S. Joaõ.

40 Dom Joaõ da Conceiçaõ conigo Professo deste Real mostr.^o de S.^{ta} Crus, e morador no de S. Jorge donde

foi eleito, e confirmado pello Rm^o P.^o Geral Dom Gaspar da Incarnação e Seus collegas, Dom Ambrosio da Conceição, e Dom Miguel do Sacram.^{to}

41 Dom João de S.^{to} Theotonio conigo Professo do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus donde hera m.^{or} foi eleito Prior de S. Jorge Segunda ues e confirmado pello Rm.^o P.^o Geral Dom Jozeph de S. João eseus collegas, Dom João de S.^{ta} Monica, e Dom fran.^{co} de saõ caetano —

42 Dom Ambrosio da conceição conigo Professo do Real mostr.^o de S.^{ta} Crus donde estaua morador, foi eleito em Prior do mostr.^o de S. Jorge e foi confirmado pello Rm^o P.^o Geral Dom Ioaõ de Christo, eseus collegas, Dom Manoel dos S.^{tos} e Dom Thomas da Incarnação.

DOS VLTIMOS, 10, MOSTEIROS
QUE VIERAÕ Â CONGREGAÇÃO PERA
SE AVEREM DE REFFORMAR =

Reinando em Portugal o belicozo Rey Dom Sebastiaõ de lamentavel memoria ainda extavaõ alguns mosteiros da Ordem Canonica, que andavaõ em poder de Comendatarios perpetuos, postos pellos serenissimos Reys deste Reyno, Como Padroeiros da religiaõ. O qual movendosse com algum escurpulo de Conciencia sobre o Padroado delles, tratou de largar huns, 10, delles â nossa Congregação de Santa Crus de Coimbra, pera se refformarem, e com effeito nos concedeu o direito que tinha de apresentação, mas nem em seu tempo se procurou a Confirmação de sua santidade, nem teve effeito esta sua renuncia que atalhou a destruição deste Reyno em Africa.

Sucedeu no Reyno exausto ao Cardeal Rey Dom Henrique, él Rey Dom Felipe o Prudente de Castella, o qual tambem por descargo de sua conciencia, de novo ouve de largar de todo a esta nossa Congregação o Padroado com estes, 10, mosteiros, mas com penção de hum Conto e sessenta mil reis todos os Annos, os quais applicou a certas obras pias.

¶ O Padre Dom Pedro da Assumpção Prior do real mosteiro de Santa Crus, é geral que era da Congregação, a quem el Rey fes a merce, enviou logo a Roma os Padres, mestre Dom Antonio das Chagas, é Dom Manoel dos Martyres, aonde estiveraõ huns sete annos, sem poderem aviar despacho, pellos embarassos de quatro Papas que neste tempo em breve faleceraõ, até que o Papa Clemente Outavo,

que foy eleito no Anno de 1592; confirmou o contrato da vniaõ destes, 10, mosteiros pera serem refformados, por seu Breve, passado em, 23, de Mayo do Anno de, 1594; Por Virtude do qual o Padre Doutor Dom Christovaõ de Christo Prior que entaõ era do real mosteiro desanta Crus de Coimbra, é geral da Congregaçaõ com os seus Collegas D. Andre dos Anjos, é D. Raffael da Piedade, tomaraõ delles posse real, é actual, é os vniraõ â Congregaçaõ, e refformaçãõ do real mosteiro de santa Crus, como a baixo se irá declarando em cada hum delles por sua ordem, o dia, mes, e anno, em que os vniraõ, e foraõ refformados, que saõ os que se seguem —

- .1. — ¶ Mosteiro de saõ Pedro de Folques, no Bispado de Coímbra = foy Refformado no mes de Janeiro, do Anno de, 1595 = he Priorado.
- .2. — ¶ Mosteiro do Salvador de Paderne, no Arcebis-pado de Braga = Refformado em, 29, de janeiro do mesmo Anno, 1595 = he Priorado.
- .3. — ¶ Mosteiro de Santa Maria de Mohia, no Arcebis-pado de Braga Refformado em, 2, de Fevereiro, do mesmo Anno = he Prezidencia.
- .4. — ¶ Mosteiro de s^{to} Estevaõ de Vilella, no Bispado do Porto = foy Refformado em, 9, de Fevereiro, do mesmo Anno = he Prezidencia.
- .5. — ¶ Mosteiro de Saõ Martinho de Caramos, no Arce-bispado de Braga Refformado em, 12, de Fevereiro, do mesmo Anno = he Priorado.
- .6. — ¶ Mosteiro de Santa Maria de Oliveira = no Arce-bispado de Braga Refformado em, 17, de Fevereiro, do mesmo Anno = he Prezidencia —
- .7. — ¶ Mosteiro de .S. Simaõ da junqueira = no Arce-bispado de Braga = Refformado em o, 1º, de Mayo, do mesmo Anno, 1595 = he Prezidencia.
- .8. — ¶ Mosteiro de S^{ta} Maria de Villaboa = no Bispado do Porto = foy Refformado em, 12, de Setembro do Anno de, 1605 = he Priorado.

- .9.— **¶** Mosteiro de .S. Miguel de Villarinho = no Arce-
bispado de Braga = Refformado no mes de Agosto, do
Anno de, 1610 = he Prezidencia.
- .10.— **¶** Mosteiro de Saõ Martinho de Crasto; no Arce-
bispado de Braga Refformado no Anno de, 1615 = he
Anexo a Prezidencia =

SAM PEDRO DE FOLQUES:
MOSTEIRO, SUA VNIAM, REFFORMACAM,
E PRIORES MORES, E TRIENNAES. ~.

O Nosso Mosteiro de sam Pedro de Folques = esta situado no Territorio da Beira, na Comarca, e Bispado de Coimbra, sete legoas affastado desta Cídade, no termo da Villa de Argannil . ~ . Nesta Villa, ou Aldea foy edificado a princípio o mosteiro, e dedicado ao Apostolo Sam Pedro antes da perda de Espanha, e assim se lhe não sabe o princípio, nem quem o fundasse, mas consta que foy sempre de Conegos Regrantés do Patriarca santo Agostinho: e aqui neste lugar de sua primeira fundação perseuerou, e se conseruou por muitos annos, a té o tempo do Bispo de Coimbra Dom Miguel nosso Conego, como abaixo se dirá

¶ A mais antiga doação que nelle se acha, he de hum Vermundo Paes rico homem, com sua mulher Dona Eluira Drais, feita na mesma villa, e mosteiro de sam Pedro de Arganil, em os Jdos de junho, que são aos, 13, do mês; Era de, M.c.xx.iiij = que he Anno de, 1086 = Na qual doação ao santo Prior Dom Goldrofe, humas herdades que tinhaõ no lugar de Folques.

¶ Como o mosteiro de saõ Pedro de Arganil se conseruasse no tẽpo em que toda Espanha estaua em poder de Mouros, com lhe pagar cada Anno serto tributo, os seus religiosos Conegos naquelles miseravens tẽpos socorriaõ de ordinario com suas grandes esmollas que faziaõ aos christaõs necessitados, e vexados pelos Mouros. O Conde Dom Henrique com a Raynha Dona Tareja sua mulher, depois que entraraõ no gouerno do reyno, querendo em

parte pagar, e agardesser esta benevolencia que tinhaõ feito, deraõ a Iurisdicãõ, e senhorio desta villa de Arganil ao santo Prior do mosteiro Dom Goldrofre, pera elle, e seus sucessores, os quais tãueraõ dahi em diante nella toda a jurisdicãõ Ciuel secular: Punhaõ as iusticas da sua mãõ, e dellas se appellaua pera o mesmo Prior: é exercitauaõ todos os mais actos pertencentes ao gouerno da villa. Esta Iurisdicãõ Ciuel, e Senhorio confirmada pellos Senhores Reys de Portugal, lograraõ tambem muitos Annos os Priores de Folques, até o tempo, é reinado delRey Dom Affonso. 5º =

¶ PRIORES MORES COMENDATARIOS DO D
MOSTEIRO DE SAÕ PEDRO DE FOLQUES —

¶ O Santo Dom Goldrofe, he o mais antigo Prior môr que se pode descobrir: Era Prior no mosteiro de Saõ Pedro de Arganil na Era de, M. c. xx. iiij = he Anno de, 1086 = Faleceo em os, 4, de Feuereiro.

O Senhor Bispo de Coimbra Dom Miguel nosso Conego, o nomeou por santo, em respeito de hum milagre grande que nelle fês. O seu Corpo está debaixo do Altar mor deste mosteiro de Folques de quem imos falando, pera onde o tresladaraõ trazendo de Arganil na mudança do mosteiro, entãõ tiraraõ huma cana de hum brasso, parte della trouxe-raõ pera o nosso Collegio sapientia, de Coimbra — a demais está encastoadada em prata neste mesmo mosteiro, aonde o santo he buscado, e venerado contra as maleitas, e outras doensas.

¶ Dom Pedro Joaõ de Nandim = conego do mosteiro de s^{ta} Crus Foy pera Prior môr do mosteiro de Saõ Pedro de Arganil, na Era de, M. c. l. xxxx. viij = he Anno de, 1160 = fizeraõlhe muitas doaçoens. Achasse sua memoria no Anno de, 1164 = Faleceo em os, 4, de Março — naõ consta em que Anno.

¶ Dom Gonçallo Pires = Prior môr do mosteiro de Saõ Pedro de Arganil = Porque o mosteiro estaua muito dani-

ficado, e destruido pella antiguidade dos annos, fes petição ao nosso bispo de Coimbra Dom Miguel na Era de, M. cc. x. viij = he Anno de, 1180, lhe desse licença pera o mudar pera o lugar de Folques a onde tinhaõ a principal fazenda; e o mesmo senhor Bispo lhe lansou a primeira pedra. E quando da hi a Des annos fes a mudança do mosteiro, no de, 1190 = era Bispo de Coimbra Dom Martinho que se achou presente; fizeraõ a tresladação do Santo Prior Dom Goldrofe, e deixaraõ de fora a reliquia de que a síma se fas menção.

¶ Dom Affonso Joaõ = Prior môr do mosteiro de saõ Pedro de Folques = Faleceo no Anno de, 1352 =

¶ Dom Alvaro Gonsalves = de Reitor de s^{ta} Maria de Areda foy eleito Prior do mosteiro de Folques, Anno de, 1352 = Renunciou o Priorado ~.

¶ Dom Martinho Marques, que lhe succedeo, renunciou tambem no Anno de, 1358 =

¶ Dom Garcia Gonsalves = Foy eleito Prior môr do mosteiro de saõ Pedro de Folques, pella renuncia do seu antecessor: e foy collado pello Tizoureiro môr da seê de Coimbra = Tambem renunciou —

¶ Dom Joaõ Affonso = Faleceo sendo Prior môr deste mosteiro de saõ Pedro de Folques, na Era de — M. cccc. xx. viij = que he Anno de, 1390 = Sucedeulhe por eleição Canonica no Priorado —

¶ Dom Alvaro Gonsalves, 2^o, do nome. Foy eleito canonicamente Prior môr deste mosteiro no Anno de, 1390 = e foy Collado pello Vigairo geral da seê cathedral de Coimbra.

¶ Guilhelmo Filasterio = de nação Frances = Presbytero Cardeal do tt^o de Saõ Marcos = Diam de Remes = Acipreste da Basilica Lateranense = Prior môr comendatario deste mosteiro de Folques, na Era de, M. cccc. l. iij = he Anno de, 1415 = No seu tempo se acabaraõ as Eras,

neste rejno = Esteue sempre em Roma, gouernaua o mosteiro hum seu Assistente, ou procurador q̄ se chamaua Gillete de Lauilleu = Falecido este Comendatario em Roma, em os, 6, de Nouẽbro, Anno, 1428 =

¶ Dom Miguel Pires da Silua = Prior m̄r Comendatario deste mosteiro. ElRey Dom Affonso, 5º, o fes Conde de Aluares, e do seu Conselho de Estado, Anno, 1472 = por lhe largar a Villa de Arganil cõ a sua iurisdicãõ, e senhorio que nella tinha: e da hi em diãte os Priores mores deste mosteiro, eraõ iuntamente Condes de Aluares, e senhores de Fajaõ: é deu a Villa de Arganil com titulo de Condado a Dom Joaõ Galuaõ que era Bispo de Coimbra, pera elle, e seus sucessores: os quais ainda oje saõ Bispos de Coimbra, Condes de Arganil, e senhores de Coja —

¶ Luis Carneiro de Alarcaõ = sendo clerigo secular, elRey Dom Affonso, 5º, lhe deu o Priorado m̄r deste mosteiro com titulo de Comendatario. Foy o vltimo Prior m̄r comendatario que teue este mosteiro de saõ Pedro de Folques; o qual faleceo no Anno de — 1591 = em o mes de Dezembro —

¶ O Padre Dom Acurcio de Santo Agostinho = sendo Prior geral, com os seus Collegas . D. Gaspar de Christo, e D. Antonio de s^{to} Agostinho tomaraõ posse deste mosteiro, no mesmo Anno, 1591 = e em quanto naõ vinhaõ as letras da Vniaõ, nomearaõ Prezidente, a o seguinte = em o mes de Dezembro =

¶ Dom Jnnocencio, Conego de s^{ta} Crus = que foy Prezidente cerca de Anno, e meyo —

¶ Dom Pedro da Assumpsaõ = que acabaua o Priorado de Grijo = o Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ de Christo, o fes Prezidente, deu lhe posse com seus collegas em o mes de julho, do Anno de, 1593 = Foy Prezidente Anno e meyo ate o fim de Dezembro do Anno de, 1594 =

¶ O Papa Clemente, 8º, passou as letras da Vniaõ, e refformaçãõ em, 23, de Mayo = Anno, 1594 = O Padre Prior

geral Doutor Dom christouaõ de Christo com seus Collegas, tomou, 2^a, posse real, e actual deste mosteiro, no principio do mes de janeiro, Anno, 1595 = comessou entã sua refformaçã, e vniaõ = e procedendo a eleicaõ de primeiro Prior triennial, elegeraõ canonicamente —

¶ PRIORES TRIENNAIS DO D MOSTEIRO DE FOLQUES.

¶ .1. O Padre Dom Pedro da Assumpsaõ, que iã tinha sido tres vezes geral = e agora era Prezidente deste mosteiro de saõ Pedro de Folques = Foy eleito em primeiro Prior triennial no principio do mes de Janeiro, Anno, 1595 = é logo foy confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ de Christo, é collegas, D. Andre dos Anjos, e D. Raffael da Piedade —

¶ O Padre Prior foy eleito geral, Anno = 1596 = P. 55. x.

¶ .2. O Doutor Dom Christouaõ de Christo = acabou o generalado, é foy eleito Prior de Folques no mes de Mayo, Anno, 1596 = foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpsaõ, é collegas D. Manoel do Salvador, é D. Lourenço dos Martyres.

¶ 3. Dom Pedro da Assumpsaõ = Acabou o generalado, e foy eleito, 2^a, ves Prior de Folques no mes de Mayo, Anno, 1599 = é foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Acurcio de Santo Agostinho : é seus Collegas, D. Andre dos Anjos, é D. Francisco da Paixaõ.

¶ No Capitulo geral que se Celebrou no Anno, 1602 = se ordenou que os mosteiros piquenos, fossem Prezidenciais: este de Folques, é o de Paderne se vniraõ ao nosso Collegio de Coímbra, pera o que ouveraõ letras apostolicas: os Reitores do Collegio cobraõ as rendas de hum, é do

outro . este de Folques esteve muitos annos sã ter Prezi-
dente, nem religioso algum; salvo algum converso. —

¶ Dom Luis da Paixaõ : acabou o Collegado = é por
ordem do capitulo geral do Anno, 1636; o fizeraõ Prezi-
dente deste mosteiro de Folques o Padre Prior geral
Dom Paulo Barreto, é seus Collegas, D. Damiaõ da Crus, e
D. Christovaõ da Crus, o confirmaraõ : foy Prezidente,
8, annos ex causa —

¶ No Capitulo geral que se celebrou no mosteiro de
saõ vicente, no Anno de, 1644 = foraõ restituidos a Prio-
rados, Folques, é Paderne. Os Priores de Folques saõ os
que se seguem, numero, 4. —

¶ 4. Dom Andre das Neves: morador em s^{ta} Crus =
eleito Prior de Folques, Anno, 1644 = confirmado pello
Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo Viegas: collegas
D. Jnnocencio das Chagas, D. Nicollao Coelho.

¶ 5. Doutor Dom Antonio dos Santos : morador em
S^{ta} Crus: eleito Prior de Folques Anno, 1647 = Confir-
mado pello Padre Prior geral Dom Luis da silveira: Colle-
gas D. Luis da Ressurreicaõ, D. Agostinho do Rozario.

¶ 6. Dom Fernando de Saõ Miguel Mello : morador
em S^{ta} Crus eleito Prior de Folques, Anno, 1650 = confir-
mado pello Padre Prior geral Dom jeronimo Noronha :
Collegas, D. Símaõ da Paixaõ, D. Jozeph Sarinho.

¶ 7. Dom Theotonio da Encarnaçaõ : morador em
S^{ta} Crus = eleito Prior de Folques, Anno, 1653 = confir-
mado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo =
Collegas Doutor Dom Antonio dos S^{tos} : D. Matteus da
Crus.

O Padre Prior renunciou o cargo = Anno — 1655 =

¶ 8. Dom João da Assumpção Pitta = Vigairo de Folques, eleito Prior no Anno de, 1655 = foy confirmado pello mesmo Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo viegas, cõ os seus mesmos collegas —

¶ 9. Dom Paulo da Assumpção, morador em s^{ta} Crus = eleito Prior, Anno, 1656 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira = e Collegas D. Agostinho da Encarnação, e D. Andre da Conceição.

¶ .10. Dom Vicente de Christo Perestrello, conego de Grijo, e morador em S^{ta} Crus = eleito Prior Anno, 1659 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Miguel Perestrello, eseus Collegas D. Sebastião do Rozario, e D. Manoel da Ascensão — 4. annos foy Prior —

¶ .11. Dom Símaõ de santo Agostinho, conego de Grijo, morador em s^{ta} Crus, eleito Prior em, 6, de Outubro, Anno, 1663 = confirmado pello Padre Prior Vigairo geral Dom Henrique do Desterro : e collegas . D Paulo de saõ Domingos, é D. Fulgencio dos Martyres.

¶ .12. Dom Nicolao da Crus : eleito Prior em, 14, de Outubro, Anno, 1666 = neste dia foy confirmado ; eleito foy em, 26, de Setebro = Prior geral q̄ o Confirmou Dom Lionardo da Purificação = e seus collegas D. Clemente do Paraizo, é D. Antonio da Ascensão.

¶ 13. Dom Manoel da Trindade, de Coimbra = eleito Prior em, 8, de setembro, Anno, 1669 = veio chamado de villaboa, confirmado em s^{ta} crus em, 20, do presente, pello Padre Prior geral Dom joaõ dos Anjos = é Collegas, D. Rodrigo de christo, é D. Timotheo dos Martyres.

¶ 14. Dom Nicolao de santo Agostinho = eleito Prior em, 18, de Outubro; Anno, 1672 = veio chamado de

S^{ta} Crus, e foy confirmado em, 20, do presente, pello Padre Prior geral Dom Henrique do Desterro . Collegas, D. joão do Paraizo = ê D. jeronimo da C.

¶ .15. Dom Felix da Trindade, natural de Lisboa, e professo no real mosteiro de saõ vicente; foy eleito Prior do mosteiro de Folques em os, 24, de Outubro Anno de, 1675 = veyo chamado do real mosteiro de s^{ta} Crus donde era morador, é foy confirmado em os, 26, do presente pello Padre Prior vigairo geral Dom Fulgencio dos Martyres, e seus collegas, mestre Doutor D. Luis da Ascençaõ, e D. Jeronimo desaõ Jozeph — saâ —

¶ .16. Dom Constantino de sam Bernardo, Machadinho de Coímbra . Conego desanta Crus . foy eleito Prior deste mosteiro de Folques neste Anno — 1678 = estaua morador no mesmo mosteiro, foy logo confirmado pello Padre Prior geral. Dom jeronimo da Conceiçaõ, e seus Collegas D. Pedro do Espirito santo, e D. Bazilio de santa Maria =

¶ No Capitulo geral do Anno de — 1681 — por sentença do Nuncio Apostolico Marcello Durazí, se extinguiu este Priorado, ficando as rendas deste mosteiro liures pera o nosso Collegio de Coimbra.

VNIAÕ, E REFFORMAÇÃO DO MOSTEIRO DO SALVADOR DE PADERNE: É
~. SEUS PRIORES TRIENNAIS. ~ =

A Condeça Dona Paterna, vivva do Conde de Tuy Dom Herminigildo, fundou o Mosteiro do Salvador de Paderne sobre o rio Minho, iunto a Melgasso, na Comarca de Valença, que sendo do destrito, é bispado de Tuy, he oje do Arcebispado de Braga: ao qual foy posto nome, Paderne, de sua illustre fundadora a Condeça Dona Paterna: Esta senhora depois que vivvou fundou este mosteiro em huma sua quinta, é herdade grande, pera nelle se recolher, com quatro filhas que lhe ficaraõ, é outras senhoras, é parentas da cidade de Tuy, que a quizeraõ seguir: —

¶ Acabado o mosteiro na Era de, M. c. l. x. viij: que he Anno de, 1130 = O Bispo da Cidade de Tuy Dom Payo Melendes nosso Conego de Reffoyos, o dedicou a o Salvador em, 6, de Agosto, dia de sua glorioza transfiguraçaõ, é nesse mesmo dia lançou o habito branco de Conegas Agostinhas, â Condeça Dona Paterna, é suas filhas é compañeiras. Ordenou mais o Bispo Dom Payo que ouvesse neste mosteiro sete clerigos, que servissem de capellaenõ a estas religiozas Conegas, é a hum delles que se chamava, Ramiro Paes, constituhio seu confessor geral. Os quais depois na Era de, M. c. lxxvj = he Anno, 1138 = â imitaçaõ dos Conegos da seê de Tuy, é de parecer do mesmo Bispo Dom Payo Melendes, se fizeraõ Regulares segundo o instituto do Patriarca santo Agostinho, pera os quais a Abbadeça Dona Paterna mandou edifficar da outra parte da Igreja, sua claustra, é officinas apartadas, é ficou mosteiro dobre.

¶ Viveo alguns annos a Abbadeça fundadora Dona Paterna com grande observancia regular, é faleceo em, 6, de janeiro, da Era, M. c. l. xx. viij : que he Anno, 1140 = sucedulhe no Cargo de Abbadeça sua filha Dona Elvira Sarracina = alias Dona Elvira de Moura = à qual o deuoto Rey Dom Affonso Henriques no Anno seguinte, 1141 = fes doaçã do seu Couto = que depois no Anno de, 1248 = confirmou com todos os mais privilegios, o serenissimo Rey Dom Affonso, 3º =

¶ Quando de todo se extinguirã estas Conegas, ficando no mosteiro sô mente Conegos Regrantes, que foy por morte da Abbadeça Dona Elvira Sarracina, alias de Moura = se não sabemos he serto possuirem elles iã o mosteiro, na Era de, M. cc. xc. q̄ he Anno de 1252 = era neste tempo seu Prior, ou Confessor geral hũ Dom Joã Pires, o qual fundou nova Igreja = o que consta de huma Carta do senhor Rey Dom Affonso 3º, escrita em favor do mosteiro. —

¶ No Anno do senhor, 1264 = sagrou esta Igreja do mosteiro de Paderne, Dom Gil Pires de Cerveira, Bispo de Tuy, em os, 6, de Agosto = Como consta de huma Pedra que está à entrada da Igreja, que em latim rude dis assím =

¶ Dedicatio Egidij jsta Ecclesia, in tempore Joannis Petri Prior : Era, M. ccc. ij ¶ que he Anno a sima dito, 1264 =

¶ O Couto, é os Privilegios deste mosteiro, confirmaraõ depois os serenissimos Reys de Portugal: Dom Dinis = Dom Pedro = Dom Fernando = D. Joã. 1º = Dom Affonso, 5º = é vltimamente em tempo delRey Dom Manoel, o Prior môr Dom Estevaõ Rodrigues, os fes confirmar por sentença no Anno de = 1517 = . Tem o Prior môr iurisdicã Civel neste seu Couto, poem iustiças da sua maõ de quem se appella pera o mesmo Prior = he tam bem capitam môr das terras do seu couto, nomea capitaenš, é officiaes de milicia = de tudo isto goza oje em dia o Prior triennial deste mosteiro, confirmado por elRey Dom Felipe o Prudente, sendo Prior Dom Nicolao dos Santos, que foy o Primeiro Prior da refformaçã pellos Annos de — 1596 =

¶ Foy o vltimo Prior môr Comendatario deste mosteiro do Salvador de Paderne, Diogo de Alarcam, clerigo secular: que tinha sucedido a hum Pedro de Souza, tambem secular; Faleceo o Prior môr Diogo de Alarcam, no Anno de, 1593 = sendo já Prior geral o Padre Mestre Dom Christovaõ de christo, o qual com seus Collegas tomou posse deste mosteiro, é pos nelle com titulo de Prezidente ao Padre Dom Acurcio de santo Agostinho, que acabava o generalado, é prezidiaria nelle cerca de seis mezes, é o largou ao qual succedeo na Prizidencia Dom Martinho de Santa Maria que foy Prezidente perto de hum Anno, em cujo tempo chegaraõ as letras Vniaõ por que se esperava.

¶ O Papa Clemente, 8º, passou as letras da Vniaõ, é refformaçã em, 23, de Mayo do Anno de, 1594 = o mesmo Padre Doutor Dom Christovaõ de Christo Prior geral, com os seus collegas, tomou posse real, é actual deste mosteiro de Paderne por virtude das mesmas letras apostolicas, em, 29, de Janeiro, do Anno, 1595 = é no dia seguinte em que vnio â Congregaçaõ este mosteiro, é comessou sua refformaçã, fes eleiçaõ Canonica do primeiro Prior Triennial, que he o q̄ abaixo vai nomeado.

¶ PRIORES TRIENNAIS, E PREZIDENTES ¶ DO MOSTEIRO DE PADERNE

¶ .1. O Padre Dom Nicolao dos Santos, Conego de Sta Cruz, acabou o Priorado da Serra, foy eleito primeiro Prior de Paderne, em, 30, de Janeiro, Anno, 1595 = é por se achar presente foy logo confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom christovaõ: é seus Collegas, D. Andre dos Anjos, é D. Raffael da Piedade.

¶ 2. Dom Francisco de Santo Antonio; eleito Prior de Paderne, no Anno de, 1598 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro: Collegas, D. Manoel do Salvador, e D. Lourenço dos Martyres.

¶ 3. Dom Martinho de Santa Maria; eleito Prior de Paderne, Anno, 1601 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Acurcio: Collegas, D. Andre dos Anjos, D. Miguel dos Reys.

¶ No Capitulo geral do Anno de, 1602 = se Ordenou, que os mosteiros piquenos fossem Prezidenciais: este de Paderne se vnio com suas rendas a o nosso collegio de Coimbra, pera o que impetraraõ Breve de sua santidade é assentaraõ que Dom Martinho acabasse o seu triennio de Prior. —

¶ Dom Bernardo da Conceiçaõ, eleito Prior de Paderne, no Capitulo geral de, 15, de Outubro, Anno, 1605 = confirmado em o, 1º, de Novembro, por Dom Bernardo da Piedade asserto geral, e seus chamados Collegas = Foy desposto do Cargo por votos do Convento, no Anno, 1607 = sendo Prior geral apostolico, o Padre mestre Dom Antonio das chagas = em, 27, de Feuerº =

¶ Dom Constantino dos Anjos = eleito Prior de Paderne, em 27, de Fevereiro, Anno, 1607 = Confirmado pello Padre Prior geral apostolico, D. Antonio das chagas = e Collegas, D. Nicolao dos Santos, e D. Gaspar dos Reys = Declarou o Diffinitorio, q̃ naõ era Prior = mas que viesse a capito geral anno, 1609, pella açcaõ de Prior que tinha adquerido.

¶ Dom Cosme dos Reys: eleito Prezidente no diffinitorio, Anno, 1609 = confirmado em 24, de Novembro por Dom Gaspar das chagas Prior de Reffoyos, por comissaõ do Padre Prior geral Dom Miguel Passanha: e collegas, D. jeronimo da Crus, D. Constantino dos Anjos.

¶ Dom Jorge da Assumpçaõ: eleito Prezidente no diffinitorio, Anno, 1612 = confirmado em, 8, de Outubro

por Dom Mauricio Prior de Reffoyos, por comissão do Padre Prior geral Dom Dionyzio da Mia e dos seus collegas, D. Gaspar dos Reys, e D. Antonio da Crus.

¶ Dom Simaõ do salvador : eleito Prezidente em diffinitorio, Anno, 1615 = confirmado em 31, de Outubro, pello seu antecessor, por comissão do Padre Prior geral Dom jeronimo da crus = e seus collegas D. Manoel de Christo, e D. sebastiaõ da graça —

¶ Dom Estevaõ dos Martyres : eleito Prezidente em diffinitorio, Anno, 1618 = confirmado em, 10, de Novembro por Dom Mauricio Prior de Reffoyos, per comissão do Padre Prior geral Dom Miguel Passanha : e collegas, D. Andre da conceição : D. Luis da silveira.

¶ Dom Mauricio da Esperança : eleito Prezidente em Diffinitorio, Anno, 1621 = confirmado em, 4, de Novẽbro, por seu Antecessor, por comissão do Padre Prior geral Dom Antonio da Crus : e seus collegas, D. Christovaõ desaõ joaõ = D. Bertolomeu da vizitação.

¶ Dom Mauricio, reeleito em Diffinitorio, Anno de 1624 = Sendo Prior geral o Padre Dom Sebastiaõ da Graça; e seus Collegas, D. Marcos da Crus, e D. Diogo da Piedade Aranha.

O Padre Prezidente faleceo no Anno de, 1626 —

¶ Dom Christovaõ de Christo = eleito Prezidente, Anno, 1626 = confirmado em . 5 . de Novembro por Dom Manoel da Esperança; por comissão do mesmo Padre Prior geral Dom Sebastiaõ; e os mesmos seus collegas —

¶ Dom Joaõ da Madre de Deos, eleito Prezidente, Anno. 1627 — confirmado em, 3, de Dezembro por Dom Theotonio Prior de Reffoyos; por comissão do Padre Prior geral Dom Miguel de s^{to} Agostinho, e seus Collegas — D. Francisco das Neves, D. Simaõ das Chagas —

¶ Dom Justiniano da Vizitação = eleito, Anno, 1630 = cõfirmado em, 9, de Dezẽbro por seu antecessor, por comissaõ do Padre Prior geral Dom jeronimo da Crus: e seus collegas, D. Jozeph de Christo bretiando e D. Gabriel da Ressurreiçaõ =

¶ Dom Bento da Assumpçaõ: eleito Anno = 1633: Confir-
mado em, 13, de Novẽbro por seu antecessor, per comis-
saõ do Padre Dom Luis da Silveira = Colegas . D. Luis da
Paixaõ, e D. Theodozio da Assumpçaõ.

¶ Dom Justiniano, eleito, 2^a, ves: Anno, 1636 = Con-
firmado em, 12, de Dezembro por seu antecessor, por comis-
saõ do Padre Prior geral Dom Paulo Barretto = Collegas
D. Damiaõ . e D. Christovaõ da crus.

Foy Prezidente, 8, annos et ultra ex cauza.

¶ No Capitulo geral que se Celebrou no mosteiro de
saõ vicente, Anno, 1644. foraõ restituídos a Priorados = os
dous Mosteiros de Folques, é Paderne . ~ .

. Os Piores de Paderne, saõ os seguintes — n.º 4 —

¶ 4. Dom Símaõ da Paixaõ. eleito Prior de Paderne,
em . 7. de Outubro, Anno, 1644: Confirmado pello Padre
Prior geral Doutor Dom Lionardo Viegas = é collegas,
D. Jnnocencio: é D. Nicolao de s^{ta} Maria.

¶ 5. Dom Ambrozio de Santo Antonio = eleito Prior
de Paderne, no Anno de, 1647 = confirmado pello Padre
Prior geral Dom Luis da Silveira é seus collegas D. Luis
da Ressurreiçaõ, é D. Agostinho do Rozario.

¶ 6 Dom Constantino da Crus, eleito Prior, Anno 1650
= confirmado pello Padre Prior geral, Dom Jeronimo de
Noronha: é seus collegas, D. Símaõ da Paixaõ, é D. jozeph
da Annunciaçaõ.

¶ .7. Dom Jozeph da Apresentação : eleito Prior, Anno de, 1653 = confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo : e seus collegas, Doutor D. Antonio dos Santos, é D. Matteos da crus —

¶ 8. Dom Nicolao dos Santos : eleito Prior Anno, 1656 = confirmado pello Padre Prior geral, Dom Luis dos santos silveira = é seus collegas, D. Agostinho da Encarnaçãõ, é D. Andre da Conceiçãõ.

¶ 9. Dom Francisco de Santo Agostinho : eleito Prior Anno de, 1659 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Miguel Perestrello; collegas D. Sebastiaõ do Rozario, é D. Manoel da Ascensaõ.

O Padre Prior faleceo no Anno, 1661 —

¶ 10. Dom Manoel desaõ Lionardo : eleito Prior, Anno de, 1661 = confirmado pello Padre Prior Vigairo geral Dom jozeph de christo: collegas D. Sebastiaõ do Rozario, D. Matteos da crus —

¶ 11. Dom Cypriano de s^{to} Agostinho : eleito Prior, Anno. 1663: confirmado pello Padre Prior vigairo geral Dom Henrique do Desterro = Collegas, D. Paulo, é D. Fulgencio dos Martyres —

¶ 12. Dom Fernando da Conceiçãõ: eleito Prior Anno de 1666 = confirmado pello Padre Prior geral D. Lionardo da Purificaçãõ = collegas, D. Clemente do Paraizo = e D. Antonio da Ascençaõ.

¶ .13. Dom Pantaliaõ de santa Maria = eleito Prior em os, 30, de Julho, Anno de, 1669 = chamado do mosteiro da serra, confirmado pello Padre Prior geral Dom joaõ dos Anjos: e seus Collegas D. Rodrigo de Christo, e D. Placido da conceiçãõ =

¶ .14. Dom Theotónio de Santa Maria, conego de Santa Cruz, foy eleito Prior de Paderne em, 26, de Agosto do Anno de. 1672 = veio chamado do real mosteiro de saõ vicente donde foy vigairo o triennio passado, é foy confirmado, em, 19. de setembro pello Padre Dom Pantaliaõ seu antecessor, por comissaõ do Padre Prior geral Dom Henrique de Desterro, é seus Collegas, D. joaõ do Paraizo, é D. jeronimo da conceiçaõ —

¶ No Anno de, 1674 = no mes de Março: Querendo o P^e Prior fazer tombo nas terras do mosteiro, tendo iã para isso prouizaõ do infante Dom Pedro Princepe governador do reyno, os cazeiros se leuantaraõ, foraõ com motim ao mosteiro para lhe porem o fogo, resgaraõ a prouizaõ, roubaraõ tudo quanto acharaõ das portas a dentro, de sorte que os religiosos conegos naõ tiueraõ outro remedio mais que auzentaremse, largandolhe o mosteiro pellos naõ matarem, estaõ apossados das rendas, é propriedades sem quererem pagar, nem reconhecer senhorio algum. O Prior com os conegos seus subditos se vieraõ para o mosteiro de Reffoyos, é para outros mosteiros, é naõ tornaraõ mais a Paderne, é hum conuerso foy recolher as rendas por ordem do Padre geral, até a fim do triennio.

¶ — 15 — Dom Patricio da Crus. Conego professor do real mosteiro de s^ta Crus = Foy eleito Prior do mosteiro de Paderne em os — — de Setembro, Anno — 1675 = é logo confirmado pello Padre Prior Vigairo geral Dom Fulgencio dos martyres. Collegas Mestre Doutor D. Luis Lobbo = é D. Jeronimo de saã —

Esta eleiçaõ foy feita no mostr^o de Mohia — E o Prior com os seus subditos estaõ apozentadas no mosteiro de saõ Martinho de Crasto.

¶ Os Lauradores, é cazeiros do mosteiro de Paderne que estauaõ rebelados, vieraõ a Conserto, é boa amizade com o Prior, é religiosos deste mosteiro, os quais com festa,

é grande alegria, é muitos repiques na torre, entraraõ no mosteiro, é delle tomaraõ posse em os, 15, de Março do Anno, de, 1676 — pedindolhe os ditos cazeiros, é lauradores muitos perdoens do passado, obrigandosse a satisfazerem as perdas, é danos que tinhaõ feito.

¶ .16. Dom Jeronimo de sam jozeph. saâ — Conego professo do real mosteiro do santa crus, natural de Condeixa a noua, filho de Joam do saâ Pereira sotto mayor cidadam da Cidade de Coimbra, é de sua mulher Dona Mariana. foy eleito Prior deste mosteiro, no Anno de — 1678 = veyo chamado do real desanta Crus aonde tinha sido o triennio atras collega vizitador. é foy confirmado por ordem do Padre Prior geral Dom Jeronimo da Conceição é seus Collegas = D. Pedro, é D. Bazilio —

¶ — 17 — Dom Lionardo da Crus = foy eleito Prior de Paderne no mes de setembro, Anno — 1681 — estaua morador em Reffoyos aonde tinha sido Prior = Veyo chamado, é foy confirmado pello Padre Prior geral Mestre Doutor Dom Gabriel de s^{to} Agostinho = é collegas D. Acurcio — é D. Virissimo —

¶ .18 — Dom Antonio de s^{to} Agostinho, Conego de s^{ta} Crus; q̄ foy a Roma, foy eleito Prior de Paderne, a onde estaua, em Agosto do Anno — 1684 — foy logo confirmado pello Padre Prior geral Dom Manoel de saõ Lionardo é seus collegas — D. jozeph de s^{to} António, é. D. Raymundo de S^{ta} Maria —

19 D. Francisco da Trindade conego professo do Mos.^{tro} de s^{ta} Cruz, e m.^{or} no Mos.^{tro} de Paderne aonde foi eleito Prior no Anno de — 1687 — e confirmado plo Rm^o P.^o G.^{al} D. Innoçenço da Resureiçaõ, e seus collegas D. Antonio do Desterro, e D. constantino de .s. Bernardo.

20 D. Ignácio do Anjos conego professo do Mos.^{tro} de Moreira, e m.^{or} no de Paderne aonde foi eleito Prior no

Anno de — 1690, e confirmado plo. Rm.º P.º G.º al o D.ºr D. Pedro da Gloria eseus colegaz D. Silvestre dos Anjos, e D. P.ºm da Natividade.

21. Dom Bernardino dos Anjos conego Professo do mos.ºtro de S.ªta Crus e m.ºr no da serra foi eleito Prior do mostr.º de Paderne no anno de 693 e confirmado pello Rmº P.º geral D. M.ºel de S. Jozeph, eseus collegas, o D.ºr Dom Alexandre, e D. Theotonio

22 Dom An.ºto de S.ºto Henrique conigo Professo do Real mostr.º de S.ªta Crus e morador no de Gryo, foi eleito em Prior do mostr.º de Paderne, e confirmado pello Rmº P.º Geral Dom Ieronimo de S. Jozeph, e seus collegas Dom Christouaõ da Crus, e Dom Ignácio dos Anjos ≈

23 Dom Manoel de S.ªta Anna conigo Professo do Real mostr.º de S. V.ºte, foi eleito em Prior do mostr.º de Paderne donde era morador, e confirmado pello Rmº P.º Geral Dom Pedro da Gloria, eseus collegas Dom Alexandre de S.ªta M.ª e Dom verissimo de S. Gomsallo

24 Dom An.ºto de S.ºto Henrique conigo Professo do Real mostr.º de S.ªta Crus, e morador no mostr.º de Gryo foi eleito em Prior do mostr.º de Paderne, e confirmado plo Rm.º P.º Geral, Dom Joaõ do Paraiso, eseus collegas, Dom Alvaro da Conceiçaõ, e Dom Jeronimo de S. Joaõ.

25 Dom Manoel de S.ªta Anna conigo Professo do Real mostr.º de S. V.ºte de Lx.ª, foi eleito em Prior deste mostr.º de Paderne Seg.ºda ues, e confirmado pello Rm.º P.º Geral Dom Gaspar da InCarnaçaõ e seus collegas Dom Ambrosio da Conceiçaõ, e Dom Miguel do Sacram.ºto

26 Dom Jozeph de S.ºto Theotonio conego Professo do mostr.º de Gryo foi eleito Prior do mostr.º de Paderne donde estaua morador, e confirmado pello Rmº P.º Geral

D. Jozeph de S. Joaõ eseus collegas Dom Joaõ de S.^{ta} Moniça e Dom fran.^{co} de S. Caetano

27. Dom Joaõ de S^{ta} Theresa, conigo Professo do Real mos.^{tro} de S.^{ta} Crus, foi eleito Prior do mos.^{tro} de Paderme e confirmado pello Rm^o P.^e Geral Dom Joaõ de Christo eseus collegas Dom Manoel dos S^{tos}, e Dom Thomas da Incarnação

VNIAM, É REFFORMAÇAM DO MOSTEIRO
DE SANTA MARIA DE VILLA NOVA DE
MOHIA = É ALGUNS DOS SEUS PRIORES.

O Mosteiro de Santa Maria de Villanova de Muhia, ou Molia, situado perto do Rio Líma, mea legoa distãte da Vila da Barca, no Iulgado de Anobrega, Arcebispado de Braga : fundou hum illustre fidalgo, que se chamava = Gudio Faffis de Lanhozo, rico homem, da Caza do Conde Dom Henrique, que o acõpanhou sempre na guerra = fundou este Mosteiro na Era de, M. c. xxx . v = he Anno de, 1097 = E na Era de, M. c. xxxx . j = he Anno, 1103 . lhe fes doaçaõ do seu Couto, e de outras herdades = e fes Prior a Dom Ramiro Faffis seu irmão = Por esta doaçaõ consta ser este mosteiro de Conegos Regrantas do Patriarca Santo Agostinho = Huma, e outra couza, cõfirmou o Papa Pascoal, 2.º, no Anno seguinte = 1104 =

¶ Dom Sueiro Gil = hum dos, 72 = fundadores do real mosteiro de santa Crus de Coimbra = foi o, 2.º, Prior môr deste mosteiro: a o qual o grande Rey D. Affonso Henriques, na Era, M. c. l xx. ix . he Anno de, 1141 = lhe confirmou, é demarcou o seu Couto.

¶ Dom Pedro Faffis — hum dos, 72, succedeo neste Priorado, e foy o, 3.º, Prior môr, mas não consta em que Anno = era sobrinho do fundador deste mosteiro — Faleceo em, 16, de Agosto =

¶ Dom Martinho Godins = era Prior môr deste mosteiro na Era de, M .cc. lx. vij = he Anno de, 1229, = a o

qual elRey Dom Affonso 2º, confirmou o couto do mosteiro =

¶ Dom Rodrigo Gonsalves de Mello = sendo Prior = môr deste mosteiro, elRey Dom João, 1º, lhe confirmou também o Couto do mosteiro, na Era, de, M. cccc. xxxx. ij = he Anno de, 1404 =

¶ Dom Gil Lourenço = sendo Prior môr deste mosteiro, fes confirmar o seu couto por sentença, no Anno de, 1452 = em tempo delRey Dom Affonso, 5º =

¶ Dom Gomes da Rocha = Prior môr comendatario dos tres mosteiros, a saber = Reffoyos = Mohia = é Saõ Martinho de Crasto = por merce delRey D. Affonso, 5º = pellos Annos de, 1468. Faleceo no Anno de, 1472 = succedeulhe =

¶ Dom Rodrigo de Mello = filho do Visconde de Ponte de Lima = Arcediago = Abbade = — = Prior mor comendatario dos nossos tres mosteiros, Reffoyos = Mohia = é Crasto, por merce delRey Dom Affonso, 5º, Anno, 1472 = foy comendatario ate o Anno de, 1497 =

¶ Dom Pedro de Mello = seu filho espurio, lhe succedeo por merce delRey Dom Manoel, Prior môr dos três mosteyros, a saber = Reffoyos = Mohia = é Crasto; Anno, 1497 = foy, 50, annos comendatario Dissipador = Faleceo no Anno de, 1547 =

D O Infante Cardeal Dom Henrique, filho delRey Dom Manoel = succedeo neste Anno, 1547 = nos tres mosteiros, por nomeação delRey Dom Joaõ, 3º, irmão seu —

¶ O Doutor Antonio Martins = Agente em Roma del-Rey Dom Joaõ, 3º: Impetrou do Papa Julio, 3º = o Priorado môr do mosteiro de Mohia = possuhio ate a morte = foy o vltimo Prior môr comendatario = Faleceo no Anno de, 1594 =

¶ O Padre Doutor Dom Christovaõ de Christo, Prior geral com seus collegas tomaraõ logo posse deste mosteiro = é em quanto não chegavaõ as letras apostolicas da Vniao,

pós nelle alguns religiosos, ccm o Padre, Dom Gaspar dos Reys, por seu Prezidente —

¶ No mesmo Anno, 1554 = em, 23, de Mayo, o Papa Clémente, 8º, passou as letras da Vniaõ = o mesmo Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ com os mesmos seus collegas, tomaraõ 2ª, posse real, e autual depois que chegaraõ as letras, é o vnio â congregaçãõ, em os, 2, de Fevereiro do Anno de, 1595 = é no dia seguinte em que comessou sua refformaçãõ, fes eleiçãõ canonica do seu primeiro Prior triennial = é he o seguinte —

¶ PRIORES TRIENNAIS DO MOSTEIRO DE MOHIA ¶

¶ = I = O Padre Dom Agostinho de Saõ Domingos, conego professo do mosteiro da Serra = eleito Prior primeiro do mosteiro de Mohia, em os, 3, de Fevereiro = veyo chamado de Santa Crus, é foy confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Christovaõ de Christo, é seus collegas = D. Andre dos Anjos = é D. Raffael da Piedade.

¶ .2. Dom Nicolao dos Santos: sae de Prior de Paderne, eleito Prior de Mohia, Anno, 1598 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpçãõ = é collegas, D. Manoel do Saluador, é Dom Lourenço dos Martyres = O Prior foy pera Prior de Grijo. Anno, 1599 —

¶ .3. Dom Bertolomeu dos Martyres — eleito Prior de Mohia no mes de Agosto, Anno, 1599 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Acurcio: collegas D. Andre dos Anjos, é D. Francisco da Paixaõ —

O Padre Prior faleceo no Anno, 1601 —

¶ 4. Dom Constantino dos Anjos: eleito Prior de Mohia, no mes de Fevereiro, Anno, 1601 = Confirmado pello mesmo Padre Prior geral = collegas, D. Andre dos Anjos, é D. Miguel dos Reys =

¶ No Capitulo geral que se celebrou no Anno, 1602 = se ordenou fosse este mosteiro Prezidencia = é o Prior Dom Constantino acabasse os seus tres annos = acabou no Anno de, 1604 —

¶ Dom Constantino de Christo; eleito Prior de Mohia, 2º, capitulo geral Anno, 1605 = confirmado pello asserto geral Dom Bernardo da Piedade, é seus chamados collegas — foy reprovado por votos secretos do convento, Anno, 1607 = pello Padre Grior geral apostolico Dom Antonio das Chagas = é seus collegas.

¶ Dom Jorge da Assumpçaõ: eleito Prior de Mohia Anno, 1607 = confirmado pello Padre Prior geral apostolico Dom Antonio das chagas: Collegas, D. Nicolao dos Santos, é D. Gaspar do Reys.

Declarou o Diffinitorio que não era Prior por ser contra o declarado no capitulo geral do Anno, 1602 = veio a capitulo geral do Anno de, 1609 = como prezidente, pello direito q̄ tinha a principio adquirido de Prior.

¶ Dom Marcos do Salvador: eleito Presidente de Mohia = no Diffinitorio, é confirmado no mes de Setembro, Anno, 1609 = pello Padre Prior geral Dom Miguel de S^{to} Agostinho Passanha = é collegas, D. Jeronimo da crus, é D. constantino dos Anjos.

¶ O Padre presidente faleceo em, 20, de Agosto do Anno de, 1610 ~

¶ Este mosteiro de Mohia teve outros muitos Prezidentes; e com elles vai continuando = O capitulo geral que se celebrou ne Anno de 1624 = vnio este mosteiro com suas rendas, ao mosteiro que de novo se mandou fundar a o Padre Santo Theotonio = o qual se principiou, é lhe foy lansada a primeira pedra na villa de Viana do Lima; no Anno de, 1630 =

MOSTEIRO DE SANTO ESTEVAO
DE VILELLA : SEU PRINCIPIO,
VNIAO, REFFORMAÇÃO, E PRIO-
RES TRIENNAIS. ~ .

O Mosteiro do Protto martyr Santo Estevão de Vilella, situado no Bispado do Porto, quatro legoas distante desta Cidade pera a parte do nacente, e mea legoa do lugar de Arriffana, no julgado de Aguiar de Souza, he antiquissimo. A sua Igreja sem mosteiro fundou hum Fidalgo que se chamava, Fromarigo Espazendes, na Era de, M. x. vjii que he Anno, 1010 = Este fidalgo com sua mulher Dona Vivila, e quatro filhas, a saber, Dona Gontina = D. Ermezenda = D. Palla = e Dona Elvira: tratando entre si de se recolherem a fazer vida santa, e religiosa, edificaraõ na sua quinta de Vilella esta Igreja ao Protto martyr Santo Estevão de quem eraõ devotos, e nella comessaraõ a fazer vida tam Santa, e exemplar, que soando por todo o reino a rezolução destas devotas senhoras, se lhe ajuntaraõ muitos devotos, e devotas, que em sua companhia quizeraõ viver a mesma vida santa dotando primeiro suas fazendas ao martyr Santo Estevão.

¶ O primeiro que se ajuntou com o fundador, foy hum Santo e devoto varaõ seu parente, que se chamava = Vilivlfo = o qual fes doaçaõ de toda sua fazenda a esta Igreja do Martyr Santo Estevão —

¶ A segunda pessoa foy, Dona Toda: a qual na Era de M. c. xx. = que he Anno de, 1082 = em, 13, de Feve-

reiro fes doação, e testamento de sua fazenda ao martyr Santo Estevaõ, e se ajuntou com as mais senhoras —

¶ No anno de 1086 em, 19, de Abril fizeraõ doação, e se recolheraõ â Igreja de santo Estevaõ de Vilella huns devotos bem cazados, Alvito Randi, com sua mulher, Ance-donia Vizoy =

¶ Viveraõ estes servos, e servas de Deos alguns annos nesta santa vniaõ, e fraternidade, entre os quais havia alguns Clerigos que a hí rezavaõ, e celebravaõ os officios divinos, entre os quais o principal como Confessor geral, e Parroco, se chamava Eurico, alias Henrique.

¶ Morto o fundador, Fromarigo Espazendes = não consta quando falecesse = Payo Gutterres rico homem fidalgo da quelles tempos, fundou então nesta Igreja de Santo Estevaõ de Vilella hum mosteiro, e nelle por ordem do Bispo do Porto ordenou â quelles servos, e servas de Deos que nella habitavaõ, tomassem o santo habito do Patriarca Santo Agostinho, e se fizessem Conegos Regran-tes, de modo que fazendo todos sua profissão solemne, ficou o mosteiro dobre, de Conegos, e Sorores, como então se permitia, e para seu governo elegeraõ em Abbade a hũ dos companheiros que se chamava = Dom Affonso Paes =

¶ Com a fundação deste mosteiro, a Vivva Dona Vivila com as suas quatro filhas, iã canonicas recluzas, e ella sua Abbadessa, fazem larga doação de toda sua fazenda ao Abbade Dom Affonso Paes, em os sinco de Dezembro da Era de, M. c. xxxiiij = he Anno de, 1105 = Dis a doa-ção em latim barbaro, estas palavras = vbi edificatum est monasterium nuncupatum, Vilella, super Alpe Bandoma, confinibus Annegiæ, Albeum Ferrariæ, habitantes ibidem sub tramitem Regularis, Canonicos, Sorores, et servorum Dei ego humilima famula Dei Vivili. — donde consta aver iá neste tempo no mosteiro de vilella conegos regrantes do

Patriarca Santo Agostinho, com seu abbade que se chamava Dom Affonso Paes = e ser este mosteiro dobrado, como se permitia na quelles tēpos. —

¶ No Anno seguinte, 1106 = huma devota senhora, que se chamava = Gelvira Brandilaz; fes doaçaõ a este mosteiro de toda a fazenda que tinha, e se fes canonica com as demais = Dis assim huma verba do seu testamento; Pro remedio animae meae, ut Domino sit semper ad fratres, et sorores, qui ibi habitantes sunt, et vita sancta perseveraverint. — .

¶ Na Era de, M. c. xxxviiij = he Anno de, 1110 = se recolheo com ellas, e lhe doou muita fazenda huma devota Senhora chamada = Goldôgode Pelaes =

¶ Na Era de, M. c. l. vj = he Anno de, 1118 = huma Senhora devota, que se chamava = Gilla Paes irmã do Abbade Dom Affonso Paes, se recolheo, e fes conega regrante, fazendo ao mosteiro doaçaõ de algumas propriedades que tinha.

¶ Na Era de, .M. c. l. xx. vj = he Anno de, 1138 = hum fidalgo que se chamava = Payo Pires = fes doaçaõ de algumas herdades ao Prior môr deste mosteiro de Santo Estevaõ, que se chamava, dom Garcia Pires = parece que era seu irmão.

¶ Na Era de .M. cc. xiiij = he Anno de, 1175 = Pedro Vermoim, chamado, Arteiro, Clerigo autorizado, fes doaçaõ de todos seus bens ao Prior môr Dom Garcia Pires = E outras muitas doaçoenõ foraõ feitas a este mosteiro em diuersos tempos —

¶ As senhoras conegas deste mosteiro por tempos se extinguirãõ, mas naõ consta em que Anno = Os Conegos continuaraõ com seus Abbades eleitos dentre sí, dos quais se achaõ os seguintes.

— I — ¶ Dom Affonso Paes, Primeiro Abbade de Vilella depois da morte do fundador, do Anno, 1105 = até, 1118 =

¶ Dom Garcia Pires . Prior môr = Anno, 1138 =
é = 1175 =

¶ Dom Mendo Hermiges . Prior môr.

¶ Dom Nuno . Conego de Santa Crus . Prior môr —
Faleceo em os, 7, de Outubro , não consta o Anno = obitos =

¶ Dom Affonso Esteues = Prior môr = Faleceo em, 15,
de Agosto = não consta o Anno = obitos =

¶ Bras Brandaõ = Prior môr Comendatario = renun-
ciou em seu Sobrinho no Anno de, 1560 = e Faleceo no
de, 1566 = em os, 4, de Feuereiro = Iás na capella môr =

¶ O Doutor Antonio Brandaõ seu sobrinho = era Prior
de Alemquer = Comendatario pella renuncia, Anno, 1560
= Faleceo no de, 1590 = Iás na sepultura de seu tio . Por
sua morte.

¶ O Padre Prior geral Dom Acurcio com os seus
Collegas D. Gaspar de xpõ = e D. Antº de S^{to} Agostº;
tomou posse deste mosteiro — no mesmo Anno, 1590 =
e em quanto não vinhaõ as letras da vniaõ, pos nelle Pre-
zidente — â

¶ Dom Lourenço dos Martyres = que foy Prezidente
huns dous annos e meio.

¶ Dom Sebastiaõ da Assumpçaõ = Prezidente = Anno
de 1593 = no mes de junho, pello Padre Prior geral Dou-
tor Dom Christouaõ e collegas D. Andre dos Anjos, e
D. Raffael da Piedade = Daqui o tiraraõ para Prior de saõ
jorge, no mes de janeiro de, 1594 =

¶ Dom Lourenço dos Martyres; torna a ser Prezidente
no Anno de, 1594 = pello mesmo Geral =

¶ O Papa Clemente, 8º, passou as letras da vniaõ
em 23, de Mayo, Anno, 1594 = O Padre Prior geral Doutor
Dom Christouaõ com seus Collegas, tomou, 2ª, posse real,
e autual em os, 9, de Feuereiro Anno, 1595 = E no mesmo
dia comessou sua refformaçãõ, e elegeo o primeiro Prior
triennal =

¶ PRIORES TRIENNAIS DO MOSTEIRO DE D
SANTO ESTEVAO DE VILELLA ~.

¶ .1. O Padre Dom Gaspar dos Reys = acabou a sua Prezidencia do mosteiro de Mohia = e foy eleito Prior de Vilella em os, 9, de Feuereiro, Anno, 1595 = foy confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Christouaõ de Xpo, e seus Collegas, D. Andre dos Anjos, e D. Raffael da Piedade.

¶ .2. Dom Joaõ das Neues = acabou o Priorado de Caramos, e foy eleito Prior de Vilella; Anno, 1598 = foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Ascenção; e collegas D. Manoel do Salvador, e D. Lourenço dos Martyres.

¶ No Capitulo geral do Ano de, 1599 = Vniraõ este mosteiro in perpetum, ao mosteiro da Serra : e que deixassem acabar primeiro os tres annos ao Prior Dom Joaõ das Neues = que os acabou em Feuereiro do Anno de, 1601 = No qual tempo o Prior da Serra Dom Lourenço dos Martyres tomou posse deste Mosteiro de S^{to} Esteuão de Vilella.

¶ Dom Manuel da Luz = foi eleito Prior de Vilella no capitulo geral do Anno, 1605 = confirmado pello asserto geral Dõ Bernardo, e seus chamados Collegas. Foy repro-nado por votos do Conuento, e desposto do Cargo, Anno, 1607 = sendo Prior geral apostolico, o Padre mestre Dom António das chagas —

¶ O Mestre Dom Joaõ de s^{to} Agost^o, repro-nado do Priorado da Serra, eleito Prior neste de Vilella, Anno 1607 — e foy confirmado pello Padre Prior geral apostólico mestre Dom Antonio das chagas, e seus Collegas, D. Nicollao dos S^{tos}, e D. Gaspar dos Reys = ¶ O mestre Dom Joaõ, era Lente iubilo = Declarou o Diffinitorio, que Dom Joaõ de

Santo Agostinho não era Prior de vilella, se não prezidente, conforme o assentado no capitulo geral do Anno de, 1599 = porem foy admittido ao capitulo do Anno de, 1609 = pello direito que a principio tinha adquirido de Prior =

Este mosteiro muitos annos não teve Prezidentes, mas os Priores do mosteiro da Serra os governavaõ por alguns leigos, e outras vezes lhe punhaõ Prezidentes conforme nos capitulos geraes se ordenava.

MOSTEIRO DE SAÕ MARTINHO
DE CARAMOS = SEU PRINCIPIO, VNIAÕ,
REFFORMAÇÃO E PRIORES. ~.

O Mosteiro de Saõ Martinho de Caramos. situado na comarca de tras os montes, termo da Villa de Guimaraens, distante tres legoas da mesma Villa, e huma da Villa de Amarante, no Arcebispado de Braga, he antiquissimo.

¶ Em tempo delRey Dom Fernando chamado, o Grande de Espanha = O Conde Dom Nuno Mendes, capitão geral, gouernador, e Senhor das terras de entre Douro e Minho, e tras os montes, tendo com os Mouros Sarracenos huma porfiada, e sanguinolenta batalha nos campos da veiga a onde agora permanesse este mosteiro, vendo que os seus soldados enfraquessidos tornauão pê atras, e dauão as costas a os inimigos, considerandosse perdido, e afrontado, chamou com grãde feê pello soldado valerozo de Christo, Saõ Martinho, de quem era particular deuoto, que fosse em sua ajuda, e o socorresse com seu fauor contra aquelles inimigos de Jesu christo. Vio logo o deuoto capitão diante de sí, ao santo Bispo Turonense a cauallo, o qual com huma lansa que na mão trazia, feria, e mataua a muitos Mouros. Animado o valerozo Conde Capitão com esta vista, chamou pellos seus soldados dizendo = Cara a Mouros, cara a Mouros, que saõ Martinho está com nosco, e nos ajuda com seu fauor. Os soldados tomando animo com estas nouas fizeraõ outra vês rosto aos Mouros, e os acabaraõ de desbaratar ficando com a victoria. Foy isto na Era de, M. c. vj = que he Anno de — 1068 =

¶ Em agradecimento, e memoria deste fauor taõ soberano, o sobre dito Conde Capitaõ Dom Nuno Mendes, no mesmo lugar da batalha, e no mesmo Anno, 1068 = mandou edificar huma Igreja, a qual dedicou ao bemaumentado Saõ Martinho, e se chamaua = Saõ Martinho de Cara a Mouros: que com pouca corrupçaõ se chama oje; Saõ Martinho de Caramos: e adotou de algumas rendas. Faleceo o Conde Dom Nuno Mendes da hi a tres annos, no Anno de, 1071 = em, 10, de Nouembro, deixando por herdeiro, e sucessor de sua caza, a seu filho Dom Goncallo Mendes Viegas, o qual nesta mesma Igreja de Saõ Martinho fes sepultar ao Conde seu pay em sepultura alta do cham, no vaõ da parede raza com ella, como na quelles tempos se costumaua =

¶ O Conde Dom Gonçallo Mendes Viegas, filho e sucessor do conde capitaõ Dom Nuno Mendes, pera euitar alguns desgostos que tinha com elRey Dom Garcia se fes clerigo, e comessou a fabricar hum mosteiro iunto da sobre dita Igreja de saõ Martinho da Caraamouros, da qual era Padroeiro, a onde se recolheo com alguns clerigos de boa uida que se lhe ajõtaraõ, e com seis delles se foy apresentar ao illustrissimo senhor Arcebispo de Braga Dom Pedro, a quem pedio os quizesse asseitar de baixo da sua protecçaõ, e os fizesse Conegos Regrantas. Foy isto na Era de, M. c. xx. viij = que he Anno de, 1090 = E neste mesmo Anno em onze de Nouembro, dia do bemaumentado saõ Martinho Bispo Turonense, patraõ, e titular desta Igreja de Caramos, veio a ella o dito senhor Arcebispo Dom Pedro, e reuestido em Pontifical ao Offertorio da Missa que a hi cantou, lansou o habito canonico do Patriarca Santo Agostinho, ao sobre dito Conde Dom Gonçallo Mendes Viegas, e a seus companheiros, e lhe concedeu a profissaõ regular: e logo na tarde da quelle mesmo dia, em cabido foy elleito canonicamente o sobredito Conde Dom Goncallo em primeiro Prior dos religiosos Conegos deste nouo mosteiro, e foy confirmado pello senhor Arcebispo.

¶ PRIORES MORES DO MOSTEIRO
DE SAÕ MARTINHO DE CARAMOS.

.I. ¶ O Conde Dom Gonçallo Mendes viegas; depois q̄ foy eleito, e confirmado em Prior môr deste mosteiro de saõ Martinho de Caramos, mandou logo a Roma buscar suplemento, e confirmação do que tinhaõ feito, e ordenado, que o summo Pontifice Vrbano, 2º, lhe concedeo, e aprouou com muitas graças, e indulgencias, por seu Breue de motu proprio passado no Anno de 1091 = ~.

O sobredito Prior mor, depois que governou este seu mosteiro, 34, annos, faleceo em os, 8, de janeiro do Anno de, 1124 = como consta do liuro dos obitos = Ibi = Sexto Jdus Januarij, obiit venerabilis Pater Domnus Gondissalus Menendi, primus Prior, et fundator monasterij Sancti Martini da Cara Mouros: Era, M. c. lxxij. que he o Ano a sima dito — 1124 =

.2. ¶ Dom Fructuoso Gonsalves — Conego do mesmo mosteiro, foy o 2º, Prior môr deste mosteiro, eleito canonicamente; e foy confirmado em, 18, de janeiro, Anno de, 1124 = pello Arcebispo de Braga Dom Payo Mendes. Este santo Prior renunciou o Cargo no Anno de, 1130 = pera ir vizitar os lugares santos de Jerusalem.

.3. ¶ Dom Mendo Pires = Conego do mesmo mosteiro: foy o, 3º, Prior môr, eleito pella renuncia de seu antecessor e foy confirmado pella renuncia de seu antecessor, e foy confirmado pello mesmo Arcebispo no mesmo Anno de, 1130 = ElRey Dom Affonso Henriques lhe fes algumas doaçoens, entre as quais lhe fes merce do Padroado da Igreja de Constantim iunto a Villa real = Facta carta donationis mense Julio: Era. M. c. lxxxx. ij = he Anno de, 1154 =

¶ A Dom Fructuoso Gonsalves — que tinha renunciado o Priorado, e ido a Jerusalem = o Prior môr Dom

Mendo fes Abbade da Iggreja de Constantim no mesmo Anno, 1154 = em que elRey Dom Affonso Henriques lhe tinha feito doação della = O santo varaõ Dom Fructuozo foy confirmado na Abbadia pello Arcebispo de Braga Dom Ioaõ Peculiar nosso Conego = e tendo a logrado sete annos, santamente, faleceo em, 10, de Nouẽbro do Anno de, 1162 = Foy sepultado ao pê do Altar de são Fructuozo Arcebispo de Braga, cuja capella lhe tinha feito na sua Igreja de Constantim: Na pedra da sepultura lhe mandaraõ abrir este Epitafio = ¶ Hic iacet in terris, Fructuosus Abbas celebris; custos, et amicus egregius, ejus anima sit in Cœlis. Obiit plenus meritis, iiii: Jdus Nouembris. Era bis centesima peracta milesima. E. M. cc. he Anno. 1162. O Senhor Arcebispo Dom Esteuaõ soares da Silua nosso conego; vistos os milagres q̃ este santo Abbade fazia, foy a Constantim no Anno de, 1216 = fes lhe abrir a sepultura, mudou-lhe os ossos pera outra, alta no vaõ da parede da mesma capella, e a sua Cabessa mandou encastoar em prata, e he muito venerada por aquellas partes, e lhe chamaõ a Cabessa Santa = ¶ Quando falecesse o sobredito Prior môr Dom Mendo Pires, não consta = succedeulhe por eleição canonica, e confirmação do Arcebispo de Braga. =

4. ¶ Dom Payo Fromarigues = Conego deste mosteiro = Prior môr confirmado pello Arcebispo de Braga = Achasse a sua memoria pellos Annos de, 1174 = ¶ Faltam neste lugar muitos Priores ¶

¶ Dom Joaõ Esteues = conego do real mosteiro de s^{ta} Crus. Prior môr do mosteiro de São Martinho de Caramos, quando tomou posse se não sabe = fes troca com seu tio homẽ velho Prior môr que era do mostr^o de são vicente de Lisboa, por Breue do Papa Gregorio, 9.^o, no Anno de 1376. Foy Prior môr de são Vicente 27, annos —

¶ Dom Rodrigo Esteues Clerigo Secular, medico delRey Dõ Fernando = Sendo Prior môr do mosteiro de são vicente de Lisboa, fes troca com seu sobrinho o Prio-

rado, no Anno de 1376. Foy Prior môr deste mosteiro de Caramos, hum anno, era velho, logo faleceu em os, 2, de Dezẽbro do Anno seguinte, 1377 =

¶ O Cardeal Infante Dom Henrique, filho delRey Dom Manuel de gloriosa memoria = foy Prior môr Comendatario deste mostrº de Caramos, por data, e merce delRey Dom Joaõ, 3º, seu irmão = Possuhio alguns annos, e depois o renunciou outra vez nas mãos delRey, no Anno de, 1538 =

¶ O Senhor Dom Duarte: filho natural delRey Dom Joaõ 3º = foy Prior mor deste mosteiro de Caramos por data, e merce delRey seu pay, no Anno de, 1538 = Foy tambem Prior mor comendatario vltimo do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra = Anno — 1540 = e do mosteiro de Saõ Joaõ de Longauarses, entaõ da nossa ordem canonica e iuntamente Abbade do mosteiro de saõ Miguel de Reffoyos de Basto, da Ordẽ do Patriarca saõ Bento = e vltimamente Arcebispo de Braga. Faleceo em Lisboa antes que fosse sagrado nem sacerdote em os onze de Nouembro do Anno de, 1543 = em idade de, 22, annos, sendo ainda viuo elRey Dom Joaõ, 3º, seu pay =

¶ Dom Gonçallo Pinheiro Bispo de vizeu = succedeo neste Priorado, por merce delRey Dom Joaõ, 3º no sobre-dito Anno de — 1543 = Faleceo no de, 1567 =

¶ Dom Theotonio Monte ruyuo = Conego do real mosteiro de Santa crus = entrou a ser Administrador deste mosteiro de Caramos no Anno de, 1567 = e o possuhio hã Anno —

¶ Dom Joaõ Pinto — Conego do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e nelle lente de Theologia, sobrinho do Padre frey Diogo de Murcia, religioso da ordẽ de saõ Jeronimo, que foy Reytor da Vniuersidade de Coimbra, e Abbade Comendatario do mosteiro de Reffoyos de Basto da Ordem do Patriarca saõ Bento. O qual ouue Breue de sua santidade pera seu sobrinho Dom Joaõ Pinto lhe succeder, e ser comendatario de Reffoyos de Basto: como de feito, o sobre dito Dom Joaõ Pinto, foy Abbade comendatario algum tempo da quelle dito mosteiro. O Cardeal

Infante Dom Henrique fês com elle largasse esta Abbadia pera a ordẽ do Patriarca saõ Bento, e lhe deu por troca o Priorado môr deste mosteiro de Caramos, no qual succedeo no Anno de, 1568, por bullas apostolicas do Papa Pio quinto = e tendo o administrado, 19, annos faleceo em os, 5, de junho de, 1587 =

¶ O Padre Dom Pedro da Assumpsaõ Prior geral com os seus collegas D. Andre dos Anjos, e D. Christouaõ de Christo, tomou posse deste mosteiro no mesmo Anno, 1587 e pôs nelle alguns religiosos conegos de santa Crus, que o administrassem em quanto naõ uinhaõ as letras da Vniaõ

¶ O Papa Clemente, 8º, passou estas letras em, 23, de Mayo do Anno de, 1594 = Chegaraõ de Roma sendo Prezidente deste mosteiro, Dom Manoel de saõ joaõ = e Prior geral o Padre Doutor Dom Christouaõ de Christo, o qual com seus Collegas tomaraõ, 2ª, posse real, e actual, e o vniraõ â congregaçã em, 12, de Feuereiro, Anno, 1595 = e em, 14, do dito mes em que comessou sua refformaçã fes eleiçaõ Canonica do primeiro Prior triennial que teue e he o seguinte =

¶ PRIORES TRIENNAIS DO MOSTEIRO DE CARAMOS. ~ .

¶ .1. O Padre Dom Joaõ das Neues = acabou a Prezidencia do mosteiro de saõ Simaõ : foy eleito em, 1º, Prior de Caramos, em, 14, de Feuereiro, Anno, 1595 = confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Christouaõ de Christo = Collegas, D. Andre dos Anjos = D. Raffael da Piedade.

¶ .2. Dom Gaspar dos Reys = Acabou o Priorado de Vilella; foy eleito Prior de Caramos em, 9, de Feuereiro, Anno de, 1598 = foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Pedro da Assumpsaõ = e collegas, D. Manoel do Salvador, e D. Lourenço dos Martyres.

¶ 3. Dom Sebastião da Assumpção = acabou o Priorado de Nãdim; eleito Prior de Caramos em, 20, de Fevereiro, Anno, 1601 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Acurcio de s^{to} Ag^o = e seus Collegas, D. Andre dos Anjos, e D. Miguel dos Reys —

O Padre faleceo no Anno de, 1602 =

¶ Dom Theotonio de s^{ta} Maria = Vigairo de Caramos, prezidio por morte do Prior, 4, mezes, e meyo = veio a capitulo geral no Anno de, 1602 = como vigairo Prezidente.

¶ No Capitulo geral deste Anno, 1602 = se ordenou que os mosteiros piquenos naõ tenham Priores, sejaõ prezidencias = Os presidentes de Caramos eleitos em Diffinitorio, saõ os seguintes.

¶ Dom Theotonio de S^{ta} Maria = foy confirmado Prezidẽte de Caramos = Anno, 1602 = pello Padre Prior geral Dom Lourenço Soares, e collegas, D. Clemente da Assumpção, e D. Joaõ das Neues.

¶ Dom Lucas da Aprezẽtação = eleito Prior de Caramos, no capitulo geral, 2^o, Anno, 1605 = q̄ foy nullo = confirmado pello Padre Dom Bernardo asserto geral, e seus chamados Collegas = Foy reprouado, e desposto por votos secretos do conuento, Anno, 1607 = sendo Prior geral apostolico o Padre mestre Dom Antonio das chagas.

¶ Dom Manoel de Saõ Joaõ = eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1607 = confirmado pello Padre Prior geral apostolico Dom Antonio das chagas = Collegas, D. Nicolao dos S^{tos} = e D. Gaspar dos Reys = Declarou o Diffinitorio q̄ naõ era Prior, se naõ Prezidente = mas foy admittido a Capitulo, no Anno de, 1609 = pella acção que tinha adquirido de Prior.

¶ Dom Manoel de Christo Serra = Confirmado Presidente no mes de Setembro, Anno, 1609: pello Padre Prior geral Dom Miguel Pesanha = e Collegas D. Jeronimo da Crus, e D. Constantino dos Anjos.

¶ Dom Gaspar das chagas = acabou o Priorado de Reffoyos, eleito Presidente de Caramos = Anno, 1612 = Confirmado em Outubro pello Padre Prior geral Dõ Dionyzio da Mizericordia : e seus Collegas D. Antonio da Crus, D. Gaspar dos Reys.

¶ Dom Pantaliaõ do Salvador = eleito Presidente de Caramos. Anno, 1615 = Confirmado em Julho pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Crus: e collegas, D. Manoel de Christo, e D. Sebastiaõ da Graça.

¶ Dom Gregorio da Paixaõ = eleito Presidente de Caramos Anno = 1618 = Confirmado em Outubro pello Padre Prior geral D. Miguel Passanha = e Collegas, D. Andre da Conceiçaõ, e D. Luis da Silveira.

¶ Dom Francisco da Piedade: eleito Presidente de Caramos Anno, 1621 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Antonio da Crus = e Collegas, D. Christovaõ de Saõ Joaõ, e D. Bertolomeu da Vizitaçaõ —

¶ No Capitulo geral do Anno, 1624 = se ordenou, o Mosteiro de Caramos torne a ser Priorado = os Piores se seguem — numero . 4 —

¶ . 4. Dom Justiniano da Annunciaçaõ: eleito Prior de Caramos em, 8, de Setembro, Anno, 1624 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Sebastiaõ da Graça: Collegas, D. Marcos da Crus, D. Diogo de Piedade.

¶ 5. Dom Luis da Natividade Lobo = eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1627 = confirmado pello Padre

Prior geral Dom Miguel Passanha: e Collegas, D. Francisco das Neves, e D. Simão das chagas.

¶ 6. Dom Manoel da Esperança Gil = eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1630 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Crus: e Collegas, D. Jozeph de Christo Bretiande, e D. Gabriel da Ressurreição.

¶ 7. Dom Bernardo da Ascenção: eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1633 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis Silveira: e collegas. D. Luis da Paixaõ, e D. Theodozio da Assumpção.

¶ 8. Dom Luis da Ressurreição: eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1636 — Confirmado pello Padre Prior geral Dom Paulo Barretto = e collegas, D. Damiaõ da Crus, e D. Christovaõ da Crus =

Foy Prior outo annos ex causa —

¶ 9. Dom Luis da Paixaõ Pacheco = eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1644 = Confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo e Collegas, D. Jnnocencio das Chagas, e D. Nicolao de S^{ta} Maria —

¶ 10. Dom Lionardo da Purificação: eleito Prior de Caramos, no Anno de, 1647 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis da Silveira: e Collegas, D. Luis da Ressurreição, e D. Agostinho do Rozario.

¶ .11. Dom Agostinho da Encarnação: eleito Prior de Caramos Anno, 1650 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Jeronimo Noronha = Collegas, D. Simão da Paixaõ, D. Jozeph da Annunciação.

¶ 12. Dom Joaõ dos Anjos Correa = eleito Prior de Caramos: Anno de, 1653 = Confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom Lionardo: collegas, Doutor D. Antonio dos Santos; e D. Matteos da Cruz —

¶ 13. Dom Fulgencio dos Martyres: eleito Prior de Caramos Anno, 1656 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Luis Silveira: collegas, D. Agostinho da Encarnação, D. Andre da Conceição —

¶ 14. Dom Miguel dos Santos Salgado = eleito Prior de Caramos, Anno, 1659 = Confirmado pello Padre Prior geral Dom Miguel Perestrello = Collegas, D. Sebastião do Rozario = D. Manuel da Ascenção.

¶ 15. Dom Joaõ do Paraizo Camello = eleito Prior em Nouëbro, Anno, 1663 = confirmado pello Padre Vigairo geral Dom Henrique do Desterro = Collegas, D. Paulo de Saõ Domingos, D. Fulgencio dos Martyr.

¶ 16. Dom Bernardo de Saõ boaventura la Cerda = eleito Prior, Anno 1666 = em Setembro = Conego de Reffoyos, veio chamado de santa crus, foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Lionardo da Purificação: Collegas: D. Clemente e D. Antonio da Ascenção.

¶ 17. Dom Luis da Nazareth. Correa = eleito Prior de Caramos no mes de Setembro, Anno, 1669 = veio chamado de Santa Crus = foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Joaõ dos Anjos = e seu Collega secretario, D. Rodrigo de Christo Saã = foy eleito em, 12, de Agosto —

¶ Em, 20, de Outubro, do mesmo Anno, 1669 = O Padre Prior com todas as ceremonias devidas, e aparato, lansou a primeira pedra fundamental na Igreja nova deste mosteiro de Caramos.

¶ E acabando logo a Capela Môr pera servir de Igreja aos freguezes, disse nella a primeira Missa em, 29, de Julho do Anno seguinte, 1670 =

¶ .18. Dom Jgnacio da Crus Azeuedo = foy eleito Prior deste mosteiro em, 12, de Setembro, Anno de, 1672 = confirmado no dia seguinte pelo padre Dom Luis de nazaré q̄ tinha acabado o Priorado, por comissão do Padre Prior geral Dom Henrique do Desterro, e seus Collegas, D. Ioaõ do Paraizo e, D. Jeronimo da Conceição =

¶ Acabaua o Padre Prior de ser prezidente do mosteiro de Oliveira donde foi chamado.

O Padre Prior faleceo no Anno de, 1673 =

¶ .19. Dom Loppo de Christo, natural de Ponte do Lima, dos Pittas, Malheiros Barrigas = Conego professo de Reffoyos morador no real mosteiro de Saõ vicente = foy elleito Prior de Caramos em 21, de Julho, do Anno de, 1673. assistindo á eleição o Paðre sustituto Dom Jeronimo de S^{to} Antonio com os Collegas D. Joaõ do Paraizo, e D. Jeronimo da Conceição, por comissão do Padre Prior geral Dom Henrique Magalhaens. veio chamado e foy confirmado em os, 15 = de Agosto do mesmo Anno pellos mesmos Padres substituto, e collegas do Rm^o Padre geral —

¶ 20 — Dom Paulo de S^{to} Agostinho, natural da Villa da Barca, conego do real mosteiro de s^{ta} Crus = foy eleito Prior deste mosteiro de Caramos — — de Setembro Anno de, 1675 = veyo chamado de Reffoyos donde era morador, e foy cõfirmado pello Padre Prior Vigairo geral Dom Fulgerico dos Martyres, e seus collegas.

¶ .21. — Dom Joam Cezar. Conego do real mosteiro de S^{ta} Crus, foy eleito Prior de Caramos, Anno de. 1678. Foy confirmado pello Padre Prior geral Dom Jeronimo da Conceiçam, e seus colegas D. Pedro do spirito s^{to}, e D. Bazilio de s^{ta} Maria —

¶ — 22 — Dom Antonio da Madre de Deos, Barca, Conego de s^{ta} crus, foy eleito Prior de Caramos no mes de

Setembro, Anno — 1681 — foy logo confirmado por estar morador no mesmo mosteiro pello Padre Prior geral mestre Doutor Dom Gabriel de s^{to} Agost^o = é seus colegas, D. Acurcio da Esperança, é D. Virissimo de s^{to} Ant^o =

¶ 23 — Dom Constantino da Crus, natural do Porto = conego de s^{ta} crus = foy eleito Prior de Cramos no mes de Setembro, era Presidente de Anno — 1684 veyo chamado foy confirmado pello Padre Geral. Dom Manoel de Sam Liouardo, é seus collegas, D. jozeph de s^{to} Antonio, é D. Raymundo de s^{ta} Maria —

24 D. Sebastião da Graça. Conego professo do Mos.^{tro} de s^{ta} Cruz, e m.^{or} no de Landim foi eleito Prior do Mos.^{tro} de Cramos no Anno de 1687, e confirmado pello R.^{mo} P.^e G.^{al} D. Jnoçençio da Resurreição, e seuz collegas D. An.^{to} do Desterro. e D. constantino de . S. Bærn.^{do}

25 D. Roque da Paixaõ conego professo do Mos.^{tro} de s^{ta} Cruz, e m.^{or} no de Cramos aónde foi = eleito Prior no Anno de 1690, e confirmado pello R.^{mo} P.^e G.^{al} o D.^{or} D. Pedro da Gloria, e seus collegas D. Silvestre dos Anjos e D. P.^{am} da Nativid.^e

26. Dom Ioaõ de Saõ Iozeph conego Professo do mos.^{tro} de S^{ta} crus e nelle m.^{or} foi eleito Prior do mostr.^o de Cramos e confirmado pello Rm.^o P.^e Geral Dom M.^{el} de S. Iozeph e seus collegas o D.^{or} Dom Alexandre de S. Iozeph e Dom Theotonio da Conceicaõ.

27. Dom Esteuaõ da Expectação conigo Professo do mostr.^o de Grijo e nelle morador, foi eleito Prior do mostr.^o de Cramos, no anno de 697 e confirmado pello Rm.^o P.^e Geral Dom Ieronimo de S. Jozeph e seu collegas Dom Christeuaõ da Crus, e Dom Ignacio dos Anjos =

28. Dom Rodrigo de Saõ Lourenço conigo Professo do mostr.^o de S.^{ta} Crus, foi eleito em Prior do mostr.^o de

Cramos donde estaua morador, e confirmado pello Rmº P.º Geral Dom Pedro da Gloria e seus collegas Dom Alexandre de S^{ta} Maria, e Dom verissimo de S. Gomsallo; e Ia este Trienio tinha sido Prior do mesmo mostr.º, o Pº Dom Cypriano de s^{to} Agostinho — que faleseu,

29 Dom Leonardo de S^{to} Agostinho, conigo Professo do mostrº de Landim, foi eleito em Prior do mostr.º de Cramos p.^a donde veyo do mostr.º de Mor.^a donde estaua m^{or}, e confirmado pello Rmº P.º Geral D. Joaõ do Paraiso, e seus collegas, D. Alvaro da Conceição, e Dom Jeronimo de S. Joaõ.

30. Dom Thomas da Piedade conigo Professo do Real mostr.º de S^{ta} Crus, foi eleito em Prior da mostr.º de Cramos donde era morador, e confirmado pello Rm.º P.º Geral Dom Gaspar da Incarnação, e seus collegas Dom Ambrosio da Conceição, e Dom Miguel do Sacram.^{to}

31. Dom Iozeph da Conceipcaõ conigo profeço do Real Mostrº de S. Vicente de fora foi Eleito em prior do Mostr.º de Cramoz, e confirmado pello R.^{mo} P.º G.^{al} D. Iozeph de S. Ioaõ; e seus collegaz D. Ioaõ de S.^{ta} Monica e D. Fran.^{co} de Saõ caetano

32. Dom Ieronimo de S^{ta} Anna conigo Professo do mos.^{tro} de Refoyos, foi eleito Prior do mos.^{tro} de cramos e confirmado pello Rmº P.º geral Dom Joaõ de christo e seus collegas Dom Manoel dos S.^{tos} e Dom Thomas da Incarnação —

PRÍNCIPIO, VNIAÕ, E REFFORMAÇÃO DO
MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE OLIVEIRA,
E SEUS PRIORES TRIENNAIS . ~ .

No Termo da villa de Barcellos, no Iulgado de Vermoim, iũto a o Rio Ave, Arcebispado de Braga, esta situado o Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, de Conegos Begrantes, do Patriarca Santo Agostinho, o qual he antiquissimo.

¶ Dom Arias de Britto rico homem, dizem, que fundou este mosteiro, a onde agora esta a Ermida de Nossa Senhora de Perrellos, hum quarto de legoa donde agora estã situado, mas naõ consta em que Anno o fundasse, nem se he mais antigo, porem sempre foy de Conegos Rebrantes do Patriarca Santo Agostinho . Anno — 968.

¶ Dom Sueiro de Britto seu filho lhe acrescentou a Igreja, e confirmou a os conegos huma doaçaõ que seu pay lhe tinha feito, e de novo lhe fes outra doaçaõ das pesqueiras do Rio Ave que eraõ suas —

¶ Na era de, M. lx . ix = que he Anno de 1031 = em os 20, de Fevereiro, huns bem cazados devotos, e servos de Deos, que se chamavam = Marto, ou Marcos = com sua Mulher = Aldozinda = fazendo votto de continencia fizeraõ doaçaõ de todas suas rendas, e herdades, a Dom Antam Abbade Regular do mosteiro de Santa Maria do lugar de Perrelos, e o sobre dito Marto, ou Marcos, se fes religioso conego no dito mosteiro, e sua mulher Aldozinda se reco-

lho a viver como conega religioza, de que fes profissão solemne que o mosteiro pairesse que era duplex . O que tudo consta da sua doação e outras memórias que se conservaõ neste mosteiro de Oliveira.

¶ Dom Sesnando Sueris, filho de Dom Sueiro de Britto, e consequentemente neto do fundador deste mosteiro, o mudou do lugar de Perrellos, pera este sitio de Oliveira a onde de novo o restaurou a fundamentis, e lhe fes doação de todas suas rendas, e senhoríos, a o mesmo Abbade Dom Antam, pera a fabrica, é sustentação dos seus conegos, em os, 22, de Abril da Era, M. lxxj. que he Anno de, 1033 =

¶ A Jgreja deste mosteiro de Santa Maria de Oliveira, sagrou o nosso Arcebispo de Braga Dom Joaõ Peculiar em, 18, de Novembro do Anno de, 1168 = Sendo Prior môr Dom Mendo = como consta de huma inscripção, ou rotulo que estava sobre o Portal da Jgreja, que dis assim = Xiiij. Kalend. Decemb. Prior Domnus Menendus; Era. M. cc. vj = jn dedicatione sanctæ Mariæ virginis, Archiepiscopus Domnus Joannes: é naõ dis mais.

O seu orago e invocação he, Nossa Senhora da Assumpção: e a Ermida de Perrellos a onde esteve a principio o mosteiro, fica na freguezia de Saõ Matteos, vigairaria ad nutum aneixa a este mosteiro de Oliveira.

¶ Este mosteiro por merce do grande Rey Dom Affonso Henriques teve Couto = e o Prior môr iurisdicção secular civil, confirmava todos os annos a eleição que se fazia de Juis pedaneo, e Almotaceis, e das suas sentenças se appellaua pera o dito Prior môr, e do Prior pera elRey. Este Privilegio confirmou depois por sua sentença elRey Dom Affonso, 4º = no Anno de, 1336 = O qual depois se quebrou reinando elRey Dom Joaõ 3º = por assim convir a seu servisso, e ficou de todo sujeito a o Ouvidor de Barcellos.

¶ A claustra deste mosteiro mandou reedificar Dom Pedro da Costa Bispo do Porto, e de Osma sendo aqui Prior môr, como consta da inscripção que no circuito de toda ella em quadro, se lê em o frizo de letras fermozas que dizem assim = † Dom Pedro da Costa Capellam môr da Emperatriz Jzabel molher do † Emperador Carlos quinto, Bispo de Osma, primeiro Bispo do Porto, commendatario † deste mosteiro, o primeiro Anno que o possuhio mandou fazer † esta obra por sua devoção, Anno do Senhor de, M. D. l. viiiij = †.

¶ Dos Priores mores perpetuos, e comendatarios que teve este mosteiro, não se achaõ mais que Des, os quais a qui se põe escritos como se acharaõ. D

¶ .I. Dom Antam, foy o Primeiro Prelado deste mosteiro com titulo de Abbade: Já o era no Anno de, 1031 =

¶ Dom Mendo, conego do mesmo mosteiro, com titulo de Prior môr, sua memoria pellos Annos de, 1168 = mandou sagrar a Igreja Por Dom Joaõ Peculiar Arcebispo de Braga, nosso Conego.

¶ Dom Fernando Pires, Prior môr pellos Annos de, 1299 = era Varaõ Santo; renunciou o Priorado pera se dar a Oração, e contemplação, e a outras obras santas: Faleceo em, 18, de Janeiro, Anno, 1340 = foy lhe dada Sepultura na claustra metida na parede, tem estas letras = xv: Kalen. Februa. obiit D. Ferdinandus Petri Prior: Era, M. ccc. lxxviiij = e deste tempo ficou por tradição que na quella claustra iazia hum Prior santo: No Anno de, 1556 = se descobrio a Sepultura quando se reedificou a claustra e acharaõ o corpo inteiro, e incorrupto. Affonso Rodrigues Prior crasteiro, foy o q̄ descobrio esta sepultura —

¶ Dom Pedro Mendes, Conego de Santa Crus = Prior môr de Olivrª Faleceo em os. 8. de Março, não consta em q̄ Anno.

¶ Dom Francisco Miguel = Conego de Santa Crus = Prior môr de Oliveira = faleceo em — 11 — de Mayo = não consta o Anno =

¶ Dom Rodrigo Esteves: Prior môr de Oliveira = Faleceo no Anno de, 1442 = succedeulhe por eleição.

¶ Dom Vasco Affonso = Prior mor de oliveira, eleito no Anno de, 1442 =

¶ Dom Pedro Gonsalves = Prior môr de Oliveira: sua memoria pellos Annos de, 1491 =

¶ Dom Pedro da Costa = Bispo do Porto, e depois de Osmã em castella = Capellaõ môr da Emperatris Dona Iza-bel filha DelRey Dom Manoel = Prior môr comendatário de Oliveira = e ja o tinha sido de Moreyra = mandou reedifficar a claustra deste mosteiro no Anno de, 1559 = como consta do rotulo da mesma claustra, de que asima se fes mençaõ — Renunciou en seu irmaõ —

¶ Christovaõ da Costa Brandaõ = tomou posse deste Priorado pella renuncia do Bispo seu tio que nelle fes = foy o ultimo Comendatario deste mosteiro; Faleceo em, 15, de Mayo, de 1599: quatro Annos depois que comessou esta refformaçãõ. Jas na capella môr —

¶ No Anno de, 1594 = em, 23, de Mayo, o Papa Clemente outavo, confirmou, e passou as letras da Vniaõ, e refformaçãõ destes des Mosteiros que elRey Dom Felipe o Prudente, nos deu, ou tinha dado = chegaraõ de Roma no Anno seguinte 1595 = Sendo Prior môr comendatario o sobre dito Christovaõ da Costa Brandaõ deste mosteiro de Oliveira, o qual deu seu consentimento ao Padre Prior geral Doutor Dom christovaõ de Christo pera que delle pudesse tomar posse, o que elle fes com os seus collegas no mesmo Anno de, 1595 = em 17, de Fevereiro: e no dia seguinte

festa do Padre Santo Theotónio comessaraõ ao refformar, e fizeraõ eleição canonica do seu Primeiro Prior triennial = e he o seguinte —

¶ PRIOR TRIENNAL DO MOSTEIRO D
DE OLIVEIRA —

¶ .I. O Padre Dom Bernardo da Piedade = natural de Lisboa; conego do mosteiro de saõ vicente: foy eleito Prior de Oliveira em 18, de Fevereiro, Anno, 1595 = em vida do Prior môr Christovaõ da Costa Brandaõ pera o que deu seu consentimento, foy confirmado pello Padre Prior geral Doutor Dom christovaõ de christo, e seus collegas, Dom Andre dos Anjos; e D. Raffael da Piedade = foy Prior os seus tres annos =

¶ No Capitulo geral que se celebrou em, 29, de Abril, Anno de, 1596 = se ordenou que este mosteiro seja Prezi- dencia, deixando primeiro acabar os tres annos de Prior a Dom Bernardo, o qual acabou no Anno de, 1598 =

¶ No Capitulo geral que se celebrou em, 26, de Abril, Anno de, 1599 = Vniraõ, e aneixaraõ in perpe- tuum este mosteiro de Oliveira ao mosteiro de saõ vicente de Lisboa; pera o que se pedio suplemento ao Papa Clemente 8º —

¶ No mesmo Anno de, 1599, em, 15, de Mayo faleceo o Prior môr comendatario christovaõ da Costa Brandaõ como fica dito E em os, 17, do dito mes, e Anno, o Padre Dom Aleixo de Santa Maria vigairo do mosteiro de Landim, tomou a vltima posse real, e actual deste mosteiro de Oli- veira por procuração que já pera isso tinha do Capitulo geral proxime passado, no qual fora eleito Prior geral o Padre Dom Acurcio de santo Agostinho, o qual com seus

collegas D. Andre dos Anjos, e D. Francisco da Paixaõ visitou o dito mosteiro em, 19, de Junho do sobre dito Anno, e nelle nomeou Prezidente —

¶ Dom Marcos do Salvador, conego de ^{sta} Crus, confirmado em Prezidente de Oliveira em, 19, de Junho, Anno, 1599. pello Padre Prior geral Dom Acurcio de Santo Agostinho: e seus collegas, — D. Andre dos Anjos, e D. Francisco da Paixaõ.

¶ Dom Miguel dos Reys: conego de santa Crus, acabou o seu collegado, foy elleito no Diffinitorio Prezidente de Oliveira, Anno de, 1602 = confirmado pello Padre Prior geral Dom Lourenço Soares = Collegas, D. Clemente da Assumpçaõ e D. Ioaõ das Neves.

¶ Dom Ambrozio dos Reys: conego de ^{sta} Cruz: eleito Prior de Oliveira no capitulo geral, 2º, do Anno, 1605 = nullo = sem embargo de ser iã Prezidencia = confirmado pello Padre Dom Bernardo Asserto geral = e seus chamados collegas = Foy desposto do cargo reprovado por votos dos religiozos do convento no Anno de, 1607 = sendo Prior geral Apostolico o Padre mestre Dom Antonio das chagas.

¶ Dom Mauricio da Esperança. eleito Prior de Oliveira no Anno, 1607 = confirmado pello Padre Prior geral Apostolico mestre Dom Antonio das chagas = Collegas, D. Nicolao dos santos. D. Gaspar dos Reys. Declarou o Diffinitorio que era Prezidente, e naõ podia ser prior = porem foy a capitulo geral, Anno, 1609 = com os mais Prezidentes, pello direito que a principio tinhaõ adquirido de Priores.

¶ Dom Raffael da Piedade = conego de ^{sta} Crus = eleito Prezidente de Oliveira no Diffinitorio, Anno, 1609 = confirmado em, 18, de Outubro pello Padre Prior geral

Dom Miguel Passanha = e seus collegas, D. Jeronimo da
Crus = e D. Constantino dos Anjos =

☞ Dom Jeronimo de santo Agostinho.

☞ Dom Manoel de Santo Antonio —

☞ Dom Estevão dos Martyres —

☞ Dom Francisco da Ressurreição —

☞ Dom Francisco da Piedade.

☞ Este mosteiro sempre teve Prezidentes os demais —

(Continua)

D. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES

A CORTIÇA, COMO MATERIAL ORGÂNICO
E ELÁSTICO
A APLICAR NAS CONSTRUÇÕES
ANTI-SÍSMICAS

O estudo cada vez mais minucioso, das condições sísmicas dos diferentes países e a necessidade naturalmente intuitiva e sobretudo humana, de preservar a vida, tem concorrido, para que se faça, com mais larga vantagem, a aplicação dos princípios técnicos, com base no estudo e conhecimento dos vários materiais a empregar na edificação das habitações. A amplitude do movimento vibratório, nos sismos, é a origem dos desastres e desmoronamentos principais: variando entre valores inferiores a um milímetro, pode atingir até 30 centímetros.

Muito abaixo deste número, já os sismos se podem classificar de destruidores, observando-se que com amplitudes menores de 4 centímetros e períodos curtos, já são notados desastres. Uma das coisas fundamentais nas construções dos países sísmicos é a escolha do tipo do edifício, ou melhor, a sua própria planta. Priolo, técnico italiano, decide, inteiramente a favor da planta circular, por ser aquela que oferece igualdade de resistência em todas as direcções, o que a torna mais vantajosa do que a quadrada, rectangular, poligonal ou triangular.

No caso do nosso país, em que a sismicidade não atinge pararello com as regiões mais abaladas, o tipo de planta pode deixar de constituir a preocupação dominante. Isto não significa que descuremos a maneira de construir e possamos gosar duma tranquillidade completa.

Numerosas têm sido as experiências efectuadas, com vista à escolha dos materiais a indicar nos edifícios anti-sísmicos. De todos, o ferro e o cimento armado, constituem os mais resistentes e os que melhor provaram, nas manifestações sísmicas mais violentas.

As formações metálicas, são indicadas, por originarem a obtenção de *triângulos invariáveis*.

Passando a outros materiais de construção, verifica-se a superioridade do tijolo em relação à pedra, no levantamento das paredes, sendo aquele mais resistente do que esta. Em qualquer caso, deve sempre atender-se ao princípio de F. de Montessus de Ballore: nunca economizar a espessura das paredes nos países submetidos aos sismos e não hesitar em dar-lhe um terço, pelo menos, a mais, do que seria normalmente indicado.

A edificação em *adobo*, é muito precária e nociva nos países sísmicos, por ser facilmente destruída, devido aos movimentos verticais. Também é de eliminar, a construção de paredes com elementos de densidades diferentes, porque a sua resistência às vibrações é diversa e constitui perigo imediato. Como princípios elementares a seguir nos métodos construtivos, devem abolir-se os recobrimentos pesados e adoptarem-se a ardósia, ou, com mais proveito ainda, o zinco ondulado.

Um dos problemas importantíssimos a resolver, é o das chaminés dos edifícios, as quais devem ser leves e independentes e destituídas de arrebiques ornamentais, comprometedores da segurança das habitações. No tremor de terra de Charleston, de 1886, a proporção das chaminés destruídas foi de 95%. Em 14.000 existentes, 13.200 foram aniquiladas. Os terraços, nas partes superiores dos edifícios, são formações arquitectónicas a pôr de lado, assim como as abóbadas, que, apesar de resistirem aos movimentos no sentido vertical, são desconjuntadas pelas acções dinâmicas horizontais. Também nas paredes, o arco redondo, é mais proveitoso nos edifícios anti-sísmicos do que outro qualquer, por oferecer maior estabilidade. Considerando o cimento armado com ligações metálicas, incluindo o material de construção incombustível, teríamos, segundo o sismologista Navarro Neumann e em rigor, os verdadeiros elementos para a edificação assísmica.

Mas o preço mais elevado deste tipo, não permite que

ele se possa tornar largamente espalhado. Há, por isso, necessidade de escolher outros processos, que, deem segurança e se tornem compatíveis, com a capacidade económica dos habitantes. E, cada país, segundo a sua situação e qualidades geológicas e florestais, terá de resolver o seu problema, de acordo com as suas próprias possibilidades. Entre nós, em Portugal, a solução parece não ser difícil de encontrar, dada a riqueza que possuímos, nas largas manchas povoadas pelo sobreiro.

A cortiça, é um material esplêndido que deve ser aproveitado, com manifesta vantagem, nos edifícios das principais zonas sísmicas portuguesas e a sua aplicação, favorece, não só o desenvolvimento da sua cultura, como pela excepcional posição de primeiro país produtor, dá, a Portugal, o ensejo, de exportar para o estrangeiro, a cortiça, com a mesma finalidade.

Sendo a sua densidade muito pequena, o seu emprego nas construções civis, imprime não só mais leveza aos edifícios, como protege sob outros pontos de vista de ordem física, o interior das habitações. Comparando a densidade da cortiça com a de diversas madeiras, temos:

Cortiça	0,24
Madeira de pinho	0,45
Madeira de castanho	0,55 a 0,74
Madeira de plátano	0,65
Madeira de freixo	0,84
Madeira de carvalho.	0,983

Daqui resulta que o nosso produto *bem nacional*, proveniente do *quercus suber*, se sobrepõe às mais variadas espécies de madeira. A sua própria contextura, onde se revela por cada centímetro cúbico, um número superior a 40 milhões de células, imprime-lhe características tão pessoais, que, em nenhum outro material, as poderemos encontrar em tão vasta proporção.

Elástica, compressível, isoladora, térmica e acústica, impermeável aos fluídos, rarissimamente se putrefazendo,

a cortiça é hoje conhecida em todas as suas invulgares qualidades e só nos resta, em nome do bom senso e a favor da economia nacional, multiplicar o seu emprego e utilizá-la com frequência como merece. Se juntarmos ainda mais as propriedades que possui de ser quase imcombustível, não se decompor com o tempo, resistir à humidade, não desenvolver cheiros e ser facilmente trabalhada quando constituindo um aglomerado puro, teremos um conjunto de caracteres, que é difficilimo encontrar paralelo em qualquer outro produto. Nas construções anti-sísmicas, precisamos de dar aos edificios o dom da resistência, mas, sobretudo, acentuar a elasticidade, evitando assim as torsões e roturas dos seus componentes. A cortiça, substituindo a madeira, oferece muito maiores condições do que esta, precisamente porque é muito mais elástica, compressível e leve. O amortecimento das vibrações, pelo seu carácter anti-vibratório e até o ser praticamente imcombustível, acrescenta-lhe o interesse e aumenta as suas próprias vantagens. Sempre que se possa, nos edificios anti-sísmicos, deve substituir-se a madeira por placas de aglomerado de cortiça. Esta é naturalmente aconselhada para os soalhos e tetos sob essa forma; nas divisões interiores dos edificios, deve fazer-se applicação do granulado, ou do regranulado, em vez do uso das fasquias. Desta forma, se consegue imprimir à habitação, um cunho de maior estabilidade, pelo que diz respeito às suas partes internas.

Protecção contra o estado vibratório resultante dos movimentos sísmicos, maior elasticidade e perigo de incêndio mais reduzido.

A plasticidade deste material, a sua resistência à água e às substâncias oleosas, aconselham-no como isolador da humidade e dão fortes garantias na sua applicação. As suas qualidades anti-fónicas, devem ser sobretudo apreciadas nos edificios a construir em regiões sísmicas, dada a enorme frequência com que acompanham os tremores de terra, os chamados *ruídos subterrâneos*, elementos acústicos que desmoralizam mais do que o próprio abalo, o espirito das populações.

Nos próprios alicerces e paredes exteriores, a cortiça pode ser aplicada como material acessório e meio elástico por excelência. Sobretudo nos planos de tijolo, é vantajoso preencher os espaços deste elemento de construção, com a cortiça granulada. Nas fundações que não assentem sobre rocha viva e em que haja necessidade de construir uma *base armada*, a sua mistura, diminui a pressão unitária sobre o terreno, que, segundo Priolo, em casos destes, não deve ultrapassar dois quilogramas por centímetro quadrado. Tão reais são as suas vantagens, que, o conhecimento das mesmas, impõe ao engenheiros e técnicos afins, o estudo nas mais delicadas minúcias, deste excepcionalíssimo material de construção. E, por mais experiências que no estrangeiro se hajam feito, para substituir este produto vegetal, por outro de iguais qualidades, não se conseguiu até agora, pelos processos da técnica, descobrir um sucedâneo da cortiça. Esta, continua a ser, pelas suas propriedades intrínsecas, um produto natural que supera em realidades, qualquer outro conhecido.

Constituindo uma base económica, de primeiro plano, na riqueza nacional, a cortiça, mercê das favoráveis condições climáticas que possui no nosso país, vê crescer dia a dia o seu emprego e não pode deixar de ser considerada, como uma revelação particular da nossa paisagem silvícola. Nas habitações das nossas zonas sísmicas, ela pode e deve assegurar, mercê da sua própria estrutura, um maior resguardo aos edifícios e servir a vida, em silenciosa e branda protecção, contra os efeitos inopinados dos agentes endógenos. Do espesso manto do *Quercus suber*, há a esperar, como dádiva portentosa, toda a floração sublime das suas multiformes aplicações, acrescentadas, no campo da arquitectura anti-sísmica, como um dos resultados mais evidentes, da sua função humana por excelência.

RAÚL DE MIRANDA

AS NUVENS NAS PAISAGENS DE JÚLIO DINIS

(Continuado do vol. 119.º, pág. 102)

Aquele carácter, essencialmente contemplativo, sentia-se livre e desafogado então. Não havia ninguém a espiar-lhe no semblante o reflexo dos encontrados pensamentos que de contínuo o assaltavam; ninguém a perguntar-lhe a causa, por ele mesmo talvez ignorada, dum sorriso instantâneo, duma melancolia mais duradoura, e às vezes até duma lágrima, em que a sua tristeza habitual parecia de quando em quando condensar-se, raras crises que por momentos lhe desanuviavam o espírito visionário.

Por isso caminhava longas horas pensativo pelo ermo da costa.

Parecia procurar acalmar, por esta forma, a vaga inquietação que sentia em si. Como se aquela ânsia que o devorava fora a necessidade de movimento» (1).

Aqui também, como no passo anteriormente transcrito, as «nuvens cada vez mais negras, e grandes como montanhas», se assemelhavam a «informes monstros marinhos, surgindo do seio das águas». Era a imaginação de Pedro do Ramires, a fantasia do poeta, que criava, delineava, e imaginava esses monstros, que o pareciam mesmo, nas formas que assumiam. É ainda a família da Cecília de «Uma Família Inglesa»...

E mais adiante:

Por este tempo já a escuridade da noite era completa, antecipada, como fora, pelos cúmulos de nuvens que, partindo do Ocidente, se tinham, em pouco, espalhado por toda a abóbada celeste.

«O jovem pescador parou enfim; parou e pôs-se a olhar vagamente para o mar, como se de mistura com o clamar

(1) *Ibid.*, vol. II, págs. 246-248.

das ondas, esperasse receber alguma voz que lhe fosse destinada.

Depois quase se deixou cair na areia da praia, e, pousando a cabeça nas mãos encruzadas, deitou-se e fitou os olhos nas nuvens, como se nas formas irregulares que elas desenhavam no espaço estivesse lendo uma página misteriosa escrita em caracteres desconhecidos.

E assim se conservou durante horas, não o inquietando a violência do vento húmido que lhe açoutava as faces, os gritos roucos e angustiosos de alguma ave que fugia à borrasca iminente, nem o rumor surdo que já se escutava de quando em quando, eco ameaçador de tempestades longínquas (1).

Os agregados de nuvens haviam sido, para Pedro do Ramires, núncios de procela e de noite escura e tormentosa. Eram os cúmulos de nuvens que haviam partido do Poente.

Mas, para Pedro do Ramires, as nuvens também falavam... Era uma linguagem misteriosa e cabalística, como se o pescador-poeta fosse adepto de uma espécie de antropomorfismo... Ele quedava-se, absorto, «fitando os olhos nas nuvens», como se houveram de revelar-lhe segredos preciosos, que eram só para ele, segredos que ele lia como «uma página misteriosa escrita em caracteres desconhecidos».

Continuemos.

«Eu conheço alguma coisa o mar», dizia a *sereia* feiticeira, a formosa *Madama*, aos pescadores que a levavam no barco, «e sei ler na direcção do vento e no aspecto das nuvens as mudanças prováveis do tempo. Estudei as tempestades da minha terra. Nasci, como vós, à beira-mar» (2).

A cantora italiana, filha do mar como *sereia* que era, sabia ler, como os pescadores, «no aspecto das nuvens as mudanças prováveis do tempo». Mas também se enganava...; e assim sucedeu naquela noite fatal em que o

(1) *Ibid.*, vol. II, págs. 249-250.

(2) *Ibid.*, vol. II, pág. 254.

pobre Pedro do Ramires pereceu, e ela própria ia indo, com toda a tripulação do batel, para o fundo do abismo.

E mais além :

«Apesar das recomendações de João Cabaça, já a noite veio encontrar a Pedro no seu posto de vigia.

A tarde estivera magnífica. No firmamento límpido não se formara uma só dessas pequenas nuvens que são o primeiro assomo da cólera dos elementos. Reinava uma calmaria completa ainda no princípio da noite.

A atmosfera tépida e asfíxiante não era agitada pela menor viração; as ondas, como que dominadas pela geral languidez da natureza, estendiam-se lentamente na praia com suave murmúrio.

E, contudo, no meio desta tranquilidade, Pedro sentia-se inquieto, como se alguma coisa pressentisse ameaçando-o de um perigo latente. As organizações impressionáveis são formadas por estas misteriosas percepções que se não explicam.

Por um instinto semelhante ao das aves que volteiam sobre as praias ainda quando a tempestade está longe, mas que elas pressentem já, não as iludem as aparências de bonança que o céu às vezes oferece; o que quer que seja de invisível lhes prognostica as tormentas.

Aonde se engana a experiência dos anos realiza-a a voz profética destes inexplicáveis instintos.

Nesta noite Pedro sentia-se triste, e experimentava um secreto medo que a si próprio admirava.

Não sei o que descobria no cintilar das estrelas, que o assustava; a voz das vagas, na sua aparente suavidade, parecia-lhe murmurar ameaças surdas; o sorriso da natureza dir-se-ia um sorriso traiçoeiro; não lhe infundia confiança» (1).

Havia no ambiente uma calma enganadora. «Não se formara uma só dessas pequenas nuvens que são o primeiro assomo» da tormenta. Era preciso que o instinto, uma espécie de presciência, suprisse os sinais exteriores. Estava

(1) *Ibid.*, vol. II, págs. 275-276.

nestas condições Pedro do Ramires, como privado e familiar que era do mar.

E logo na página seguinte:

«Esta vez os temores que ressentia, na aparência mal fundados, pouco a pouco os principiou a justificar o novo aspecto que foram tomando o mar e o firmamento.

Levantou-se do sul uma viração, ao princípio branda, mas que adquiriu gradualmente mais intensidade, turbando a limpidez do céu com um sem número de pequenas nuvens que coalhavam a imensa abóbada que se descobria dali. A forma, a disposição destas nuvens era dum agoiro pouco seguro para olhos amestrados. Pedro surpreendeu toda a significação destes sintomas do céu, e via confirmados por eles os seus vagos terrores de há pouco.

Temia já que o barco, cujo aparecimento ele tão ardentemente esperava, não viesse aquela noite, e só com esta lembrança sentia-se desfalecer.

Era como se aquela esperança, se aquele gozo de momentos fosse o único laço que já agora o prendia à vida.

Pensar que lhe poderia faltar era para ele a origem de uma tristeza tão íntima, de uma tão absoluta desesperança, que na morte antevia o único alívio a esperar, depois de tão dolorosa desilusão.

Mas, no meio destas apreensões, puderam seus olhos descobrir, apesar da cerração cada vez mais densa que principiava a ocultar-lhe o mar, uma forma que lhe pareceu a do barco que aguardava com tanto fervor.

Trémulo de ansiedade indizível, se aproximou da beiramar, fazendo excessivos esforços para devassar o fundo impenetrável daquela escuridão.

O coração dizia-lhe que era aquela a aparição pela qual esperava, no seu palpitar ansiado, e na misteriosa sensação que ressentia» (1).

E Pedro não se enganou. De repente, a voz da misteriosa *sereia* começou a cantar a formosa poesia *Evocação à Tempestade*.

Foi primeiro uma multidão de pequenas nuvens que coalharam a imensidade da abóbada celeste.

(1) *Ibid.*, vol. II, pág. 277-278.

Por outro lado «a forma, a disposição destas nuvens era dum agoiro pouco seguro para olhos amestrados».

O vento soprou em rajada, violento e iracundo, tufão do meio-dia que «veio encapelar as ondas já inquietas, encobrando com a sua voz poderosa as últimas notas da canção. Preso do feitiço da voz misteriosa, julgando que se ia perder irremediavelmente o barco e os que nele vogavam, Pedro lançou-se à água, nadou esforçada, heróica, desesperadamente, até que uma vaga traiçoeira o precipitou na voragem. Foi o fim do malogrado Pedro do Ramires!

*

Digam-nos agora os leitores se não devemos estar agradecidos ao ilustre sábio e homem de letras, Sr. Dr. Egas Moniz, por nos haver proporcionado a leitura e a apreciação da maior e da melhor parte do texto do precioso manuscrito de *O Canto da Sereia!*

Nove vezes ocorreu, no formoso esboço do romance, a menção de nuvens, sempre no sentido próprio. Na poesia inserta, *As Andorinhas*, ocorrem duas referências a nuvens reais⁽¹⁾, as quais também são mencionadas uma vez na poesia também aí inserta «Evocação à Tempestade».

* * *

Segue-se, finalmente, a consideração do estudo das nuvens nos dois romances *A Morgadinha dos Canaviais* e *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Na ordem cronológica vem primeiro *A Morgadinha dos Canaviais*.

«*A Morgadinha dos Canaviais* foi escrita» diz Alberto Pimentel⁽²⁾, «com extrema rapidez, e começou a publi-

(1) Na forma que depois revestiu, na edição das *Poesias*, há uma única menção.

(2) Vide Alberto Pimentel, «Esboço Biográfico de Júlio Dinis», Porto, Tipografia do *Jornal do Porto*, 1872, pág. 17.

car-se no *Jornal do Porto* a 14 de Abril de 1868, sendo reimpressa em volume logo depois».

Mas, diz o Sr. Prof. Egas Moniz, «o romance *A Morgadinha dos Canaviais* foi também esboçado em Ovar⁽¹⁾, em 1863, como demonstraremos. Revisto e melhorado depois, começou a publicar-se, logo em seguida a *Uma Família de Ingleses*, no *Jornal do Porto*, em 14 de Abril de 1868, sendo imediatamente reimpresso em volume. Foi o segundo livro de Júlio Dinis. A este seguiu-se, ainda no mesmo ano, pela primeira vez publicado em volume, o romance *Uma Família Inglesa*.

A propósito da *Morgadinha*, diz Alberto Pimentel que «foi escrita com extrema rapidez». Pensou o ilustre escritor que este romance teria sido elaborado na época em que foi publicado. Não era essa a maneira de trabalhar de Júlio Dinis, que punha o máximo cuidado na elaboração dos seus escritos literários. Deixamos para mais tarde a demonstração de que esse romance foi, na sua maior parte, estudado em personagens de Ovar, e ali esboçado ao menos nos seus delineamentos gerais»⁽²⁾.

*

O romance abre com uma cena de inverno rigoroso (no mês de Dezembro e na quadra do Natal), sob a chicotada do vento, as vergastadas da chuva e a aflicção do frio, cena em que dois viajantes, um dos quais o moço fidalgo lisboeta Henrique de Souzelas, o segundo dos dois principais protagonistas do romance, atravessam montes, galgam escarpas e contornam penedias por caminhos pouco menos que ínvios, em demanda de uma aldeola da pitoresca província do Minho, escondidas entre quintas, almargeais e pinheirais, parecendo que desterrada para o cabo do mundo. Henrique,

(1) Doutor Egas Moniz, «*Júlio Dinis e a sua Obra*», vol. I, págs. 233-234.

(2) *Ibid.* (Cf. vol. II, págs. 91-215, e 217-218).

enfadado, extenuado e cabisbaixo, monta um macho possante, e é seguido pelo almocreve que, a pé, alerta e bem disposto, a despeito da intempérie e do escabroso dos caminhos, vai encaminhando o muar e orientando a viagem.

Henrique de Souza dá-nos, de entrada, impressões e sentimentos, não do Minho aprazível e deleitoso, do Minho dos relvedos, das veigas e almargens, dos lameiros e das pradarias, mas sim do alto Minho, o Minho dos visos e outeiros, das colinas e dos montes, dos córregos, dos algares, das penedias, e dos fraguedos.

• Mas Henrique de Souza (diz-nos Júlio Dinis) — que era este o nome do cavaleiro — fora educado e passara da infância à plena juventude em Lisboa, levantando-se por avançada manhã, frequentando o teatro, o Grémio, as câmaras, parolando no Chiado ou no Rossio, e indo alguns dias do ano a Sintra, ou a qualquer praia de banhos, desenfadar-se da monotonia da capital.

Desde que fazia perfeito e consciente uso da razão, fora esta jornada, em que o encontramos, a primeira levada a efeito, e logo sob tão maus auspícios, que era para sufocar-lhe à nascença os instintos de *touriste*, se porventura quisessem despertar nele.

Havia dois dias que cavalgava aquele rocinante, único veículo acomodado aos caminhos por que passara. E então que dois dias! Daqueles durante os quais o céu, uniformemente pardo, parece desfazer-se em água, e a chuva cai sem interrupção e com uma teimosia e constância impacientadoras; daqueles em que a terra saciada rejeita já a água que recebe, a qual escorre nos declives, trasborda dos algares e encharca-se nos terrenos baixos, transformando em brejos as lezírias; em que as lufadas do sul vergam e torcem os ramos, melancolicamente despídos, dos álamos e sobreiros, e emprestam aos pinheirais a voz dos mares; em que os campos se mostram desertos, a noite se antecipa, e tão densas nuvens cobrem o firmamento que parece tomar-nos a persuasão de que nunca mais o veremos com as suas formosas vestes de azul. (1).

(1) Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais* (Edição Figueirinhas. Porto, 1952), págs. 7-8.

Em contraste com o que sucede em *As Pupilas do Sr. Reitor*, as primeiras nuvens de que se fala na *Morgadinha* são «densas nuvens que cobrem o firmamento», o qual se apresenta pardacento e soturno, parecendo «desfazer-se em água». Nas *Pupilas do Sr. Reitor* as nuvens que primeiro se mencionam são, ao contrário, «pequenas nuvens brancas que, sem ofuscarem inteiramente a luz do sol, lhe mitigam contudo um pouco o resplendor dos raios» (1).

As cenas iniciais, como se vê, são contrastantes, mas a afinidade do ambiente moral é evidente, e o desenrolar dos sucessos, num e noutro romance, encaminha-se para um remate feliz, e fecha, em cada um dos casos, com dois casamentos venturosos, os de duas irmãs no primeiro deles e os de duas primas no segundo. Tristes, verdadeiramente, mas passageiros, como o do velho Álvaro nas *Pupilas do Sr. Reitor*, só são os casos, na *Morgadinha dos Canaviais*, do recoveiro Cancela e a filhita Ermelinda e do ervanário, o Tio Vicente.

Mais adiante, no capítulo III, lê-se :

«O leitor, se ainda não padeceu de insónias, de pesadelos, ou de sonhos febris, não avalia por certo o contentamento íntimo que se apossa das desgraçadas vítimas desses demónios nocturnos quando, por excepção, eles as deixam em paz e lhes respeitam o sono de uma noite completa. Acordar só aos raios da aurora é um dos mais inefáveis prazeres a que eles aspiram na vida.

Penetra-lhes então nos membros um insólito vigor; a arca do peito expande-se-lhes mais livre, e as sombras do espírito dissipam-se-lhes com aquele clarão matinal.

Foi o que sucedeu a Henrique. Pela primeira vez, depois de muitos meses, dormira de um sono a noite inteira.

Sentia-se com isto tão bom, tão vigoroso, tão contente, que teve vontade de cantar.

Mas o som que o acordara, aquela nota única, em que se confundiam todas as notas da sonhada orquestra, ainda lhe soava aos ouvidos.

(1) Cfr. pág. 117.

Prestando-lhe a atenção de acordado, conheceu que era o chiar dos carros — o mesmo som que na véspera o irritava, agora, assim a distância, estava-lhe agradando, como nota extraída por mão hábil das cordas de um violino.

Não resistiu mais tempo ao impulso que naquela manhã o incitava ao exercício, rara disposição do indolente filho da capital, que tinha por hábito ouvir o meio-dia na cama.

Ergueu-se, e abriu as janelas.

Não é lícita a comparação entre a mais surpreendente transmutação de uma dessas aparatosas mágicas que tanto extasiam as multidões embasbacadas nas plateias e camarotes de um teatro e as que, de instante para instante, realiza a natureza. Descerrando o véu de nuvens que encobre o fulgor do sol, elevando acima do horizonte, esse majestoso lampadário do mundo, ou o brilhante reflectidor que ilumina as noites desanuviadas, a natureza opera, a cada momento, as mais admiráveis e completas metamorfoses.

Durante o sono de Henrique realizava-se um desses efeitos mágicos.

Abrandara gradualmente a violência do sul; o vento, mudando, voltou em sentido oposto a grimpá-rio; dispersaram-se as nuvens; luziram trémulas, por momentos, as estrelas; empalideceram perante o alvor do dia, e, quando o sol assomou por sobre a crista das serras, estendia-se-lhe diante um vasto manto azul tapetando a estrada que tinha a percorrer. Só muito para o ocidente ainda algumas nuvens amontoadas formavam uma como franja que o astro nascente em breve tingiu de carmim e de ouro.

Foi pois a luz de um dia esplêndido e a brisa, cheia de aromas que vem dos campos nas alvoradas serenas que penetraram no quarto de Henrique, quando ele abriu as janelas (1).

Depois do sono de uma noite no romance da Quinta de Alvapenha, Henrique acordou deliciado por haver dormido a sono solto, sem insónias nem sobressaltos, embalado pelo chiar monótono dos carros de bois, na madrugada.

(1) Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais* (Edição Figueirinhas, Porto, 1952), págs. 38-40.

Era admirável a mudança de cenário operada pela natureza, com o descerrar «o véu de nuvens que encobre o fulgor do sol».

O vento sul abrandara, «voltando em sentido oposto a grimpada do campanário», e «dispersaram-se as nuvens», permitindo o tremeluzir das estrelas, que «empalideceram perante o alvor do dia».

Só para os lados do ocidente ficavam ainda, como retardárias, «algumas nuvens amontoadas» que «formavam como franja, que o astro nascente em breve tingiu de carmim e de ouro».

É o esplendor e a delícia das manhãs desanuviadas e soalheiras, depois de noite chuvosa, atormentada, e fria. Daí, pelo contraste, a alegria de Henrique, que experimentou a necessidade do exercício, e que se sentiu «tão bom, tão vigoroso, tão contente, que teve vontade de cantar».

No capítulo VIII a cena desenrola-se, não já na Quinta de Alvapenha, e em domínio da tia Doroteia, mas sim na Quinta do Mosteiro, propriedade de D. Vitória e de seu irmão, o conselheiro Berardo.

Ao fim da tarde, depois do jantar, estavam as duas primas [Madalena e Cristina] sentadas ao parapeito do muro da quinta, de onde, por sobre almargens e pomares vizinhos, a vista se espraiava em amplíssimo horizonte até umas nuvens, que pareciam limitá-lo.

D. Vitória saboreava, no seu quarto, as delícias da sesta habitual. As crianças brincavam a alguma distância, e os risos e os clamores delas vinham como um chilrear de pássaros, aos ouvidos das duas raparigas que, a cada momento, se surpreendiam em meditativo silêncio.

A natureza estava sereníssima. No ocidente desenhavam-se estreitos e longos traços nebulosos, a que o sol dava um colorido tão ardente, que, se um pintor paisagista o produzisse na paleta, hesitaria, ao passá-lo à tela, com receio de que o acoimassem de exagerado. O verde dos campos apresentava a gradação vigorosa que a luz de um formoso dia de inverno costuma dar-lhe⁽¹⁾.

(1) *Ibid.*, pág. 128.

De novo, num ambiente de optimismo e de sonho, os olhos se alongam por «amplíssimo horizonte, até umas nuvens, que pareciam limitá-lo».

Naturalmente, «no ocidente desenhavam-se estreitos e longos traços nebulosos, a que o sol dava «um colorido ardente».

Madalena e Cristina deliciavam a vista neste quadro, e... sonhavam. As nuvens eram longínquas, e ligeiras, e fagueiras, como adorno do horizonte.

Mais adiante, no capítulo x, é o ervanário, o tio Vicente, que assim se exprime:

«Mas que é isto? — exclama, mudando de tom, e olhando para um redemoínho de folhas secas que o vento trouxera até perto dele. — As folhas vêm deste lado! Então virou o vento? É verdade. Ah! sim?... Percebo.

E, depois de olhar para o ar, continuou:

— Mudanças tão repentinas!... Hura!... Já me não agrada aquele azul e aquelas nuvens.

E levantou-se.

— Dou-lhes meia hora, e verão tudo isto coberto, e quem sabe o que mais virá! Aconselho-os a que vão descendo o monte, que não é seguro descê-lo quando as enxurradas engrossam. Eu, por mim, já me não demoro, que não tenho confluência na firmeza das minhas pernas. Oh! noutros tempos!... Enfim, tudo tem de acabar. Adeus.

— E, sem mais palavras, sobraçou a caixa de lata, em que arquivava as ervas medicinais e outras substâncias, que andava colhendo, e partiu, depois de dizer adeus a Augusto, a Madalena, e a Cristina» (1).

O vento virara. As folhas secas faziam redemoínho. Era o prenúncio da borrasca. Ao velho ervanário, prático e experimentado em assuntos meteorológicos, não agradavam aquele azul e aquelas nuvens. Não era já o azul claro, dos céus lípidos e fagueiros. Seria o azul da ardósia, quase cor de chumbo, de mau caris e ruins prognósticos.

Os factos viriam muito breve dar razão ao bom do ervanário...

(1) *Ibid.*, págs. 158-159.

«Entraram na ermida [Madalena, Cristina, Augusto, e Henrique]. Era um pequeno santuário, todo forrado de azulejo antigo, enegrecidas pinturas a fresco nos apainelados do tecto, representando episódios da Paixão; os altares, adornados de colunas e flores de talha dourada, atestavam-nos muitos ex-votos que deles pendiam, e nos quadros, cuja perspectiva deixava a perder de vista a dos desenhos chineses, e que representavam milagres de todo o género, a fé ardente com que era adorada a imperfeita escultura da Virgem.

E, apesar de tudo, tinha este templo um ar de solenidade manifesto. De onde lhe vinha ele? Da sua mesma pobreza e nudez, do silêncio que reinava em torno, da altura a que se erguia, do isolamento em que estava.

Ali dentro demoraram-se os quatro visitantes; Madalena e Henrique examinando alguns dos quadros dos milagres, Cristina, que prolongara mais do que a prima a oração que fizera, contemplando a imagem da Senhora; Augusto com os olhos fitos nas colunas do altar, porém não sei se pensando nelas.

Esperava-os uma surpresa à saída.

Realizara-se o prognóstico do ervanário.

O vento sul que, segundo ele notara, soprava já havia algum tempo, viera condensar os vapores, que arrasta de ordinário na sua corrente, e empanar com eles a limpidez do firmamento. O azul do céu semeara-se, pouco e pouco, de pequenos flocos brancos, de manchas irregulares e de longos e encurvados veios que lhe davam uma aparência quase marmórea. Cedo estas massas de nuvens cresceram, tocaram-se, confundiram-se, acabando por tingir uniformemente toda a extensão do firmamento. Ao mesmo tempo, outras nuvens, mais pesadas e mais escuras, começaram a erguer-se do sul, e caminharam impetuosas no espaço, como montanhas móveis que viessem, em pavorosa carreira, de encontro às serras, que as aguardavam firmes.

Um denso véu de nevoeiro escondia já a paisagem quando saíram da ermida (1).

O velho ervanário não se enganara. Uma multidão de flocos brancos começou a espalhar-se pelo azul do céu, que

(1) *Ibid.*, págs. 162-163.

deixou de ser o azul dos dias radiosos e amenos. O branco destas primeiras nuvens não era o branco aprazível que quebra a monotonia do céu inteiramente limpo e risonho, mas um branco que cedo se mosqueou «de manchas irregulares e de longos e encurvados veios que lhe davam uma aparência quase marmórea». A aparência *marmórea*, neste caso, tem qualquer coisa de fúnebre e é prenúncio de ruínas sucessos. E assim é que, «ao mesmo tempo, outras nuvens, mais pesadas e mais escuras, começaram a erguer se do sul». Estas «caminharam impetuosas no espaço, como montanhas móveis que viessem, em pavorosa carreira, de encontro às serras, que as aguardavam firmes».

É o símile natural das nuvens escuras e de mau cariz. Trazem naturalmente ao espírito a ideia de montanhas longínquas, como estas, por sua vez, lembram massas de nuvens pardacentas e minazes.

Era a procela, dentro em pouco, como vaticinara o ervanário.

E na página seguinte:

«A tempestade caracterizava-se cada vez mais; crescia a cerração do ar; os álamos gemiam, vergados pela impetuosidade das lufadas do sul; a chuva principiou por grossas gotas, e cedo aumentou assustadoramente; havia na atmosfera surdos rumores de tempestades longínquas; algumas nuvens tomavam uma cor térrea, outras em carregado de chumbo, ambas igualmente sinistras.

Cristina, pálida de susto, murmurava em voz baixa orações fervorosas. Madalena sorria para a animar, mas ela própria estava inquieta.

Não era de facto uma empresa de todo fácil o descer o monte por um tempo daqueles. O caminho, já de si íngreme e precipitoso, era quase impraticável quando as correntes se despenhavam por ele, como em catadupas, e os ventos vinham despedaçar-se, furiosos, de encontro às arestas salientes da rocha. Era necessário estar muito amestrado para o descer sem perigo» (1).

(1) *Ibid.*, pág. 164.

Num crescendo constante, a borrasca estava agora por breves instantes. Parte das nuvens tomava uma cor térrea, e outra parte um plúmbro carregado, criando um ambiente sinistro. Daqui à tragédia era só um passo. Salvá-los-ia o milagre, e a calma e coragem de Augusto.

Passemos ao capítulo XI e a outro cenário.

«Censurável descuido tem sido o nosso», diz Júlio Dinis, «em não conduzir o leitor a um dos lugares mais importantes da aldeia onde se passam os singelos episódios desta narração.

Que se diria de um *cicerone* que, por esquecimento ou propósito, deixasse de apresentar um viajante, recém-chegado a uma cidade, na assembleia, clube, grémio ou o que quer que seja, onde se reúnem as principais personagens dela, onde se compendiam as grandes questões e interesses locais, as pequenas vaidades e intrigas, as modas efémeras, os volúveis caprichos que agitam os espíritos, onde se comenta o boato de ontem, se dão ao de hoje mil versões diversas e se adivinha já o de amanhã?

Pois no mesmo delito incorremos nós, chegando a este undécimo capítulo, sem ter guiado os leitores à venda de Damião Canada, a qual podia dizer-se o verdadeiro coração daquele organismo social.

Tudo quanto na terra havia de certa representação ali ia falar da coisa pública e também da particular; — da particular dos outros mais do que da própria, entenda-se.

Aproveitemos um resto de tarde em que a natureza, após horas continuadas de chuva e de temporal, como que procurou respirar, e permitir que o sol, já no ocaso, levantasse uma ponta do manto de nuvens que o envolvia, e mandasse os raios amortecidos às cristas das serras fronteiras; aproveitemos este intervalo de sossego para entrarmos na taverna» (1).

Não estranhemos que se nos deparem sempre as nuvens que prenunciam ou acompanham a procela. É que a quadra é a do inverno, pelo que não há outra coisa que esperar, ao

(1) *Ibid.*, págs. 172-173.

contrário do que sucede nas *Pupilas* em que a quadra é a da primavera.

«O sol, diz o romancista, já no ocaso, levantava uma ponta do manto de nuvens que o envolvia, e mandava os raios amortecidos às cristas das serras fronteiras».

Com esquisita beleza literária, não há aqui um termo inútil, redundante, ou inexpressivo. No erguer «uma ponta do manto de nuvens» há uma metáfora feliz e realista. E «os raios amortecidos», que eram mandados às cumieiras das serras fronteiras eram raios «*amortecidos*» por ser a hora do ocaso e porque o céu era enevoado, pardacento, e turvo.

Passemos ao capítulo xxv.

«A tarde tinha um destes aspectos ameaçadores que deixam pressentir a tempestade; destas serenidades insidiosas, interrompidas, de quando em quando, por uma súbita viração, que faz revoltear na estrada as folhas secas, como em espirais fantásticas. O céu pintara-se do colorido melancólico e triste que em alguns quadros da Anunciação tão fielmente se vê reproduzido. Estava quase todo coberto! Só muito para o ocidente uma estreita zona se conservava limpa de nuvens; mas nela mesma o azul recebia, do contraste das cores vizinhas, um cambiante quase esverdeado. As nuvens inferiores, acima das quais passavam os raios do sol, tinham o aspecto roxo lívido que o avizinhar da noite ia tornando mais carregado; no mais alto da abóbada, as superiores, iluminadas ainda, apresentavam reflexos amarelados que cada vez se afogueavam mais.

Para o oriente haviam-se fundido os nimbos em uma massa única, uniforme, cerrada, como uma abóbada metálica, cujo livor imitava. De quando em quando cruzava os ares uma ave de voo rápido, soltando pios angustiosos.

Era a esta hora que devia efectuar-se o enterro de Ermelinda.»⁽¹⁾

Note-se a beleza literária deste trecho, e a riqueza de vocabulário todo a propósito. É surpreendente como o

(1) *Ibid.*, pág. 408.

romancista se não repete. Fácilmente o verifica um observador metuculoso. Há o aspecto do céu para o ocidente e o aspecto para o oriente. Há as nuvens *inferiores*, acima das quais passam os raios do sol, e as nuvens *superiores* «iluminadas ainda». Repare-se na riqueza e variedade dos tons. Mesmo na zona limpa de nuvens «o azul recebia um cambiante quase esverdeado». As nuvens inferiores «tinham o aspecto roxo lívido». As nuvens superiores «apresentavam reflexos amarelados que cada vez se afogueavam mais».

E tudo isto sem sair da realidade, sem transvios ou extravagâncias da fantasia.

Nos quadros representados até aqui os prenúncios não eram traiçoeiros: agora a serenidade era insidiosa e enganadora.

E porque razão o «colorido melancólico e triste» do céu fazia lembrar alguns quadros da Anunciação? Certamente porque, se a Anunciação é um «mistério gozoso», a Virgem pressentiu os tormentos da *Mater Dolorosa* e os sofrimentos do Redentor crucificado.

Tudo verdadeiro, na beleza triste do painel.

Na página seguinte e no mesmo capítulo:

«Era digno do pincel de um artista, a quem a poesia das cenas campestres ainda inspirasse, o cortejo, ao mesmo tempo melancólico e risonho, que, saindo da igreja se encaminhava lentamente para o túmulo onde Ermelinda devia ser sepultada.

O sol, quase a desaparecer sob o horizonte, entrava na estreita zona que as nuvens não toldavam.

A paisagem inundava-se agora de luz, mas de uma luz frouxa, amarelada, que dá ao verde da relva e das frondes das árvores uma maior intensidade.» (1).

Na cena anterior o céu tinha «um colorido melancólico e triste», aqui o cortejo fúnebre, à hora do entardecer, era «ao mesmo tempo melancólico e risonho». Também o sol

(1) *Ibid.*, págs. 409-410.

não faltou a prestar a sua homenagem àquele anjo que se finara. Prestes «a desaparecer sob o horizonte, entrava na estreita zona que as nuvens não toldavam. E «a paisagem inundava-se agora de luz, mas de uma luz frouxa, amarelada, que dá ao verde da relva e das frondes das árvores uma maior intensidade». Era o enterro de uma inocente, na flor dos anos, vítima de superstições e credices absurdas. Note-se como, mais uma vez, o talento do romancista deu ao ambiente e ao cenário a mais sugestiva e impressionante cor local na luz «frouxa e amarelada» do poente.

E fechando o capítulo, digno remate para o cenário, para o ambiente, para o sentir das personagens:

«Ao ver cerrar-se a campa sobre o corpo da filha, o Cancela caiu de joelhos, sufocado em pranto.

As crianças presentes, por contágio da comoção a que é tão sujeita aquela idade, choraram também.

Madalena ia a consolá-lo, mas o sentimento próprio não a deixou falar.

Só pôde pousar-lhe em silêncio a mão no ombro.

O Cancela apoderou-se dela, e, levando-a aos lábios, rompeu em mais desafogado pranto do que nunca.

A noite crescia; cada vez era mais cerrado de nuvens o firmamento.

Os sons da Ave-Maria vibraram nos ares, prolongados e tristes.

O padre velho pronunciou em voz alta a saudação angelical; responderam-lhe as crianças.

Tudo concorria para aumentar a extrema melancolia do quadro.

O Cancela a muito custo se resignou a arrancar-se dali.

A *morgadinha* voltou a casa com o coração oprimido de tristeza.» (1).

Frases curtas e incisivas. O som cavo da lousa e o baque nos corações.

Entretanto «a noite crescia; cada vez era mais cerrado de nuvens o firmamento».

(1) *Ibid.*, pág. 422.

Até aqui as nuvens no sentido próprio. Vejamos agora a extensão e importância do papel das nuvens no sentido figurado em *A Morgadinha dos Canaviais*.

«E continuavam», diz o romancista (cap. 1), a «suceder-se em enredado dédalo as quelhas e azinhagas, a ponto de fazer perder toda a orientação. Uma vez ouviam o ruído das levadas, que as últimas chuvas tinham engrossado; adiante, transpunham uma ponte rústica, escutando das profundezas do despenhadeiro que ela atravessava, o fragor das cascatas nos açudes ou o ranger das rodas dos moinhos.

Henrique a cada momento imaginava cair num abismo.

— São os açudes do Casal — dizia o almocreve, ber-rando para se fazer ouvir através do estrondo da torrente.

— Pertencem à morgadinha dos Canaviais.

Henrique nem alento já tinha para falar.

Ao triste e quase sinistro aspecto daquela aldeia, tão cerrada lhe envolveu o coração a nuvem da melancolia, que cedeu sem resistência ao crescente torpor que o invadia, como o que desespera da vida e da salvação.

Mais adiante, excitou lhe ainda as atenções uma toada plangente, melancólica, monótona, que exacerbou estes efeitos.

— É uma flada em casa do Tapadas — disse o almo-creve. — É um dos maiores amigos do pai da morgadinha. Vê aquele muro acolá?

— Eu não vejo nada. Deixa-me!

— Pois pertence já à quinta dos Canaviais, que a Mor-gadinha...

— Outra vez! Cala-te para aí com essa morgadinha, — exclamou Henrique. (1).

Cheio de sono e de cansaço, carecido de forças, de cora-gem e de paciência, aborrecido, acabrunhado, exausto, após dois dias e duas noites de uma viagem que lhe parecia interminável, não admira que Henrique de Souza che-gasse a um estado de espírito em que as informações do

(1) *Ibid.*, pág. 18.

loquaz almocreve lhe eram novo e insuportável tormento. Daí o ter-lhe envolvido o coração, tão cerrada, a nuvem da melancolia, «que cedeu sem resistência ao crescente torpor que o invadia, como o que desespera da vida e da salvação». Daí aquelas palavras peremptórias de quem põe ponto final na verborreia do almocreve: «— Eu não vejo nada. Deixa-me!»

Agora no capítulo II, págs. 31-32:

«— Tu dizias-me na tua carta que estavas doente; pois olha que na cara não o parece.

— Não—concordou a criada—tem boas cores e, vamos, a magreza ainda não é lá essas coisas.

Era este o ponto fraco de Henrique; respondeu logo ao reclamo.

— Não me digam isso! Então não vêem como estou? Pois isto é lá cor de saúde? De febre será. Gordo! pois acham-me gordo?!

— Gordo, não digo, mas assim, assim... E depois, como vieste de jornada... Mas, afinal, que moléstia é a tua, menino?

— Eu sei lá, tia Doroteia? Nem os médicos a conhecem bem. É, entre outras coisas, uma tristeza, uma melancolia, que me não deixa, que me persegue por toda a parte. Às vezes parece-me que sinto apertar-se-me dolorosamente o coração; outras, são palpitações, ânsias... Tenho quase vontade de chorar, irrita-me, impaciente-me, não quero que me falem, nada quero ver, nada quero ouvir; não leio, não durmo, não como. Finalmente, todo eu sou doença e tristeza.

A boa tia Doroteia olhava com sisudez e atenção para o sobrinho, enquanto ele falava, e na fisionomia iam-se lhe desenhando, ao ouvi-lo, os mais expressivos sinais de espanto e consternação.

Assim que Henrique terminou a exposição, ela disse-lhe com uma adorável candura:

— Então é assim uma espécie de mania?

À palavra «mania» Henrique sobressaltou-se. Seria a consciência que se sentia ferida?

— Mania! Ó tia Doroteia! Mania! Veja bem, olhe que o termo é forte. Mania!

— Sim, menino, insistiu ingenuamente a boa senhora; — pois olha que não é outra coisa. Pois isto de estar triste

sem ter de quê... sim... porque, não te morrendo ninguém, nem te doendo nada...

Ó poetas devaneadores, ó almas melancólicas, que percebeis no sussurrar das brisas, no cíciar das folhas, no murmurar dos arroios, queixas ocultas de dríades e náíades, sentidas vibrações das harpas de fadas aéreas, que vivem em palácios de nuvens; ó corações inoculados de poesia, que vos confrangeis e gotejais lágrimas sinceras ao desmaiar do dia, ao desfolhar das árvores no outono; poetas que escutais, com Víctor Hugo, as vozes interiores, os cantos do crepúsculo, e com ele adivinhais os mistérios dos raios e das sombras, perdoai a involuntária blasfémia da tia Doroteia, que não contém o menor fermento de malícia; perdoai-lhe a dura expressão de que ela se serviu para caracterizar os vossos arroubamentos, as vossas tristezas vagas, os vossos devaneios, e crede que, apesar da frase, teríeis nela uma alma mais afinada para simpatizar convosco do que tantas que por aí fazem gala de vos compreender melhor.

Henrique não podia, porém, digerir a expressão de que se servira a tia para diagnosticar o seu mal.

— Mania! — repetia ele. — Essa agora! Sempre é forte demais. Mania não, tia Doroteia, lá isso não. Mania! (1).

O romancista, que joga a ironia com maestria e perícia raras, apostrofa os «poetas desvaneadores», as «almas melancólicas», os sonhadores incorrigíveis, «que vivem em palácios de nuvens»... Destes, afinal, também era Víctor Hugo, que escutava «as vozes interiores, os cantos do crepúsculo», como o foram sempre todos os verdadeiros poetas. Mas Henrique de Souza não era poeta nem sonhador; era um doente imaginário, um inventor de moléstias próprias, e só neste sentido vivia em «palácios de nuvens»; a prosa dos seus males imaginados é que o mortificava e atormentava. Outra coisa são os «palácios de nuvens» em que habitam, devaneiam e sonham os poetas.

Agora é no capítulo III. Henrique vira pela primeira

(1) *Ibid.*, págs. 31-32.

vez Madalena, numa cena encantadora, sem que ela o visse, e depois que ela partira pensava, admirado:

«Aquele tipo delicado de mulher, aquela singeleza do apurado gosto, em que não podiam enganar-se olhos conhecedores, como os dele, aquela preciosa pérola ali na aldeia! em uma terra para chegar à qual era necessário fazer uma comprida e laboriosa jornada! De onde viera ela, e como? que nuvem a trouxera? que viração a transportara?»

Em tudo isto ficou a pensar Henrique, e quando se lembrou de que podia, para esclarecer-se, interrogar alguém do grupo, já não ia a tempo; tinham dispersado.» (1).

Era como se a morgadinha fora uma fada que sobre nuvens viera para o encantar, para o prender nas suas graças e no seu feitiço. E o feitiço durou, até que a mesma fada o desfez, e o entregou aos encantos de outra fada, mais tímida, mais retraída, mas não menos graciosa nem menos benigna. Henrique, sem ser poeta, vive agora, como os poetas, num mundo fantástico, de sonho e de encantamento.

Agora, no capítulo VI:

«Deixemos, pois, Henrique de Souzaelas entretendo com a tia Doroteia a mais pacífica das conversas que podem auxiliar a digestão de um jantar; deixemo-lo no tranquilo recinto de Alvapenha, e vamos associar-nos a um dos nossos recentes conhecimentos, que é Augusto, o mestre de Mariana e de Eduardo, aquele pálido rapaz que entrevimos na sala da casa do Mosteiro.

Ao sair dali, Augusto seguiu através de campos e à beira de valados, com aquele ar pensativo que lhe era peculiar.

O pouco que da história dele soubemos, pelas palavras da morgadinha, é já bastante para que nos não admire a quase incessante melancolia de Augusto.

Aos vinte anos e sem família! com inteligência, e mal podendo, à custa de sacrifícios, cultivá-la, elevá-la à altura das suas aspirações! alma generosa e compassiva, tendo

(1) *Ibid.*, pág. 55.

muita vez de limitar-se a chorar os infortúnios que via, porque a pobreza lhe negava meios de remediá-los!... não serão estas ainda nuvens bastantes para toldarem a luz de uma existência, embora a juventude a ilumine?

Havia alguns anos que esta disposição para a tristeza se exacerbava em Augusto.» (1).

A tristeza de Augusto era lógica e natural, dadas as nuvens que assim lhe toldavam a luz da existência. Bastaria ver-se sem família aos vinte anos!

Passemos agora ao capítulo XIV. Descreve-se aí o presépio, rico, curioso, e alindado da casa do Mosteiro, o presépio de D. Vitória. Até o menino-Deus dormia aí, não sobre as palhinhas, como é da tradição, mas numa «bonita cama de lençóis de renda com cercadura doirada, colcha de cetim bordado, e colchão e travesseiros da mais macia penugem de aves americanas»!

«Não esqueceu o inspirado autor», conta o romancista, «daquele monumento escultural os muros de Jerusalém. Eles lá estavam coroados de ameias e de milicianos fardados à inglesa, e armados de lanças e arcabuz. Eram gigantes aqueles guerreiros, pois, não obstante estar a muralha no plano do fundo do quadro, qualquer deles era duas vezes maior do que as figuras do plano da frente. No alto da muralha arvorava-se a bandeira portuguesa. Havia vários santos espalhados pelas agruras daquelas montanhas, e, entre os aditamentos feitos pela devoção de D. Vitória ao presepe, contava-se a de um Santo António de Lisboa, que, apesar de taumaturgo, parecia muito admirado de se ver naquele tempo e lugar. Um galo colossal soltava do telhado do presepe o grito anunciador; anjos e querubins espreitavam do céu por entre nuvens de algodão e estrelas de ouro-pel. Era um prodígio!

Descrevendo rapidamente esta maravilhosa fábrica, sentia eu vivo orgulho de ter revelado ao mundo uma *preciosidade* sem igual, e a que a unânime admiração faria cedo ou tarde justiça; tive porém de abandonar esta lisonjeira

(1) *Ibid.*, págs. 90-91.

ideia, ao achar-me precedido por um dos romancistas mais justificadamente populares da nação vizinha. Das páginas de um delicioso quadro de costumes de Fernan Caballero, a eminente escritora de que a Andaluzia se ufana, conheci eu serem não sòmente nacionais, mas peninsulares, pelo menos, estes modelos de presepes, com os seus ingénuos anacronismos, cunho irrecusável que o povo imprime a todas as suas obras de arte. Onde falta o anacronismo, falta a assinatura do povo.

Em todo o caso era digno da menção que dele fizemos o presepe do Mosteiro.» (1).

Também as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Assunção se representam por forma que a Virgem poussa os pés sobre rolos de nuvens brancas. Aqui igualmente, no curioso presépio do Mosteiro «anjos e querubins espreitavam do céu por entre nuvens de algodão e estrelas de ouropel» ...

Vejamos o capítulo XVI.

«— Amanhã!» [diz para Madalena o bom do ervanário, o tio Vicente], «Teu pai vem aqui amanhã? E ousa vir ele próprio anunciar-me o que sabe que vai ser uma sentença de morte?»

— Não; ele ignora o mal que isto lhe causa, creia. Sabendo-o, verá como ...

— Teu pai conhece-me, Madalena. Teu pai conhece-me, e há muito. Não julgues que pode errar, calculando o efeito deste golpe; mas que queres tu? ensinaram-lhe já a avaliar em pouco as venetas de um velho quase tonto. Homens que trazem o pensamento em interesses tão altos não têm vista para estas pequenas desgraças.

Madalena sentia-se possuir de uma profunda tristeza, ao ouvir falar o ervanário. Era uma dolorosa provação para o seu amor de filha ver assim uma nuvem de desconflança ofuscar a ideal concepção que ela formara do pai, e não ter forças para a afugentar. Às vezes uma dúvida cruel fazia-lhe, a seu pesar, supor que o ervanário tinha razão. Agora só conseguia opor um gesto suplicante àquelas acerbias

(1) *Ibid.*, pág. 225.

acusações, que por muito tempo ainda desatenderam esta súplica muda.

Afinal serenou porém a violência da irritação do velho; sucedeu-lhe uma comoção profunda, dominado pela qual disse a Madalena:

— Sossega, Lena; amanhã eu receberei teu pai sem a menor aspereza. Fizeste bem em vir primeiro, filha. — Agradecido. — Uma noite é bastante para me preparar. Agora vai, deixa-me só, deixa-me... chorar.

E, cobrindo o rosto com as mãos, deixou-se cair, soluçando, sobre a mesa junto da qual se achava. (1).

(*Continua*)

F. PIMENTEL DE ALMEIDA

(1) *Ibid.*, págs. 257-258.

INVERTEBRATA

ÉTUDES DE PALÉONTOLOGIE ET DE PHYSIOLOGIE DES ORGANISMES PRIMITIFS

Le développement du règne animal est contenu, depuis la monère jusqu'à l'homme. Quoique la monère ne soit formée que d'un peu de protoplasme, sans noyau ni membrane cellulaire, c'est par elle qui commence l'échelle ascendante des invertébrés à l'époque primaire, car l'époque orchéenne était absolument azoïque.

D'après l'ordre normal de leur superposition, on peut classer ainsi les invertébrés de bas en haut :

Annelides et Radiolaires d'abord. Trilobites ensuite, très nombreux et de formes variées. Viennent immédiatement après les Goniolites, les Productus, les Fusulines, les Céralites et les Encrines. Un nouveau règne en est alors constitué par les Ammonites et les Bélemnites, qui cèdent, à leur tour, la place aux superbes floraisons des Céphalopodes et des Rudistes. Derniers venus de la série invertébrée, les Gastropodes et les Acéphales préparent l'avènement de la faune vertébrée.

Les convulsions volcaniques qu'à cette époque de l'histoire de notre globe et successivement ont bouleversé toutes les couches des fossiles, devait détruire sur plusieurs points l'ordre primitif de leur superposition et amener, par-ci par là, des parallélismes accidentels entre les invertébrés et les vertébrés, qui se mêlent et se confondent souvent, quoiqu'ils datent de périodes paléontologiques absolument différentes.

Ainsi on trouve en quelques gisements les poissons Ganoïdes accouplés aux Trilobites; les Labyrinthodontes et les Goniatites avec les Productus; les Sauriens associés aux Ammonites; les Oiseaux reptiliens à côté des Céphalopodes et des Rudistes; les mammifères avec les Céphalopodes.

Ce sont les Céphalopodes, derniers des Invertébrés, qui vont se continuer par les premiers des vertébrés, les poissons Ganoïdes hétéro-

cerques, *Holoptychius Céphalaspia*, dont le nombre des espèces est considérable, mais celui des individus presque incalculable.

On rencontre des Mollusques à la limite du Cambrien et du Silurien, dans le Cambrien inférieur et dans le Précambrien; des Céphalopodes dans l'Ordovicien et aussi dans le Cambrien d'Esthonie et de la Nouvelle-Écosse; des Ammonites dans les couches primaires et secondaires et dans le Permien; où il existe aussi toute une faune de Grands Crustacés marines.

La présence d'Invertébrés et des Vertébrés primitifs au sein des mêmes gisements ne prouve pas leur contemporanéité, ni d'autant moins, leur origine locale. Ils peuvent avoir été charriés par les eaux pendant les grandes inondations et déposés très loin des pays où ils habitaient. L'action des courants qui se croisent a pour effet de créer, en quelques endroits, des dépôts, dont la superposition n'éclaire nullement l'âge.

Ce qui demeurent positivement acquis à la paléontologie c'est que les conditions du climat, d'habitude, d'alimentation, etc. devait répondre aux exigences de leur constitution organique et physiologique. Pour les familles éteints, il faut admettre que des conditions défavorables en ont provoqué la disparition.

Les invertébrés représentent évidemment des types inférieurs du règne animal. La nature s'essayait. Elle ne pouvait atteindre que par degrés des formes anatomiques complexes de la faune actuelle.

Il importe de distinguer — écrit Von Baer ⁽¹⁾ — entre le degré de perfection de la structure et le type d'organisation. Le degré de perfection de la structure animale consiste dans l'hétérogénéité plus ou moins grande des parties élémentaires et dans la netteté de division d'un appareil complexe, en un mot, dans la plus grande différenciation histologique et morphologique. Plus la masse d'un corps est uniforme, moindre est le degré de perfection. Il y a supériorité quand les nerfs, et les muscles et le sang et les tissus cellulaires sont nettement distincts. A mesure que la différence croît entre ses parties, la vie animale développe des tendances diverses; ou pour être plus exact, plus le développement de la vie animale produit des tendances diverses,

(1) Ueber Entwicklungsgeschichte der Thiere, Beobachtung und Reflexion — Koenigsberg, 1828. S. 207 f.

et plus les parties élémentaires que cette vie met en jeu toutes sont hétérogènes. La même chose est vraie de parties isolées d'un appareil quelconque. L'organisation dans laquelle les parties d'un système entier différent d'ailleurs entre elles, et dans laquelle chaque partie a une individualité, est plus haute que celle où le type est plus uniforme.

On appelle type le rapport qu'il existe, au point de vue de leur position, entre les éléments organiques et les organes. Ce rapport de position ne fait qu'exprimer certaines connections fondamentales, entre les tendances que manifestent individuellement les rapports de la vie. On en peut donner comme exemples les pôles de réception et de décharge des corps. Le type est d'ailleurs distinct du degré de perfection; si bien que le même type peut comprendre plusieurs degrés de perfection, et vice-versâ le même degré de perfection peut être atteint dans plusieurs types.

Nous avons déjà dit que la monère n'est formée que d'un peu de protoplasma, sans noyau ni membrane cellulaire.

Or, comme Huxley, a remarqué avec beaucoup de précision, le protoplasma est la base physique de la vie, et nous ne devons pas perdre de vue que les phénomènes vitaux ont leur source dans les réactions chimiques qui se passent au sein de ce petit laboratoire qu'est la cellule.

La monère acquit, par le progrès du temps et les lois de l'évolution un noyau. Elle devint ainsi une Amibe, être microscopique vivant dans tous les endroits humides, et formé d'une seule cellule qui rampe, modifié sans cesse sa masse corporelle, mange, assimile, grandit, se reproduit et ne mesure cependant que quelques centièmes de millimètre carré.

L'Amibe s'entoura plus tard de cils et donna de cette façon naissance à la famille des Infusoires.

La Vorticelle en est un exemple. Ce petit animal globuleux de quelques dixièmes de millimètre de diamètre est porté par un filament fixateur long d'environ un millimètre. La cellule unique constituant son organisme, présente, à la partie opposée au filament, un sillon en spirale. Sur les bords de ce sillon sont disposés des cils en mouvement continu. Au bout de la spire, qui s'enfonce dans la cellule, existe une ouverture jouant le rôle de bouche. Les aliments attirés par le tourbillon que déterminent les cils, pénètrent dans la cellule. Le filament n'est qu'une prolongation de la cellule, mais il

possède déjà la propriété contractile qui permet à l'animal de s'enrouler en orille, lorsque un danger le menace.

L'Hydre verte, animalcule du groupe des Polypes, nous fournit un autre exemple de la simplicité et en même temps de l'énergie vitale des protozoaires.

Il vit dans les eaux douces, fixé à la face inférieure des feuilles des Lentilles. Mesure environ deux millimètres, parfois moins. A la forme d'un verre à liqueur à pied, dont l'ouverture unique est entourée de filaments tentaculaires.

Les Infusoires furent la souche de deux nouvelles familles d'invertébrés, les Vers et les Éponges.

Tout le monde connaît le ver de terre ou *Lombric terrestre*. Son corps peut être ramené à une cavité allongée, bien que divisée intérieurement comme extérieurement en segments; délimitée par une peau et traversée par le tube digestif: celui-ci n'était d'ailleurs qu'une voie de pénétration et de passage de l'extérieur à travers le corps de l'animal. Entre la paroi de ce tube et la peau sont groupés, remplissant la cavité du corps, les systèmes nerveux, circulatoire, urinaire, reproducteur, musculaire, systèmes formés par les organes (cerveau, ganglions, nerfs, vaisseaux, muscles, ovaires, testicules, etc.), constitués aux mêmes par des tissus (tissu nerveux, tissu musculaire, etc.) qui sont le produit de la réunion d'un très grand nombre de cellules.

La famille des Vers donne naissance à celle des Rayonnés, dont l'Étoile de mer est un des plus beaux spécimens.

Dans les eaux de mer vivent des multitudes d'animaux microscopiques constitués d'une seule cellule, qui s'entoure petit à petit d'une carapace calcaire ou faite de grains de sable. Ces carapaces en tombant au fond des eaux après la mort de l'animal contribuent à former des terrains. Les petits granits, les couches de tripoli, la craie etc. sont l'oeuvre des Foraminifères etc. des Radiolaires.

Les vers ont fourni deux souches: celle des Annélides, des Echinodermes et des Arthropodes; tandis que l'autre comprend les Polyzoaires et les Ascidies, d'où devaient dériver plus tard les Vertébrés et les Mollusques. Les Ascidies possèdent, en effet, un appareil branchial à l'entrée du tube digestif; mais elles perdent, à l'âge adulte, la corde dorsale, dont leurs larves sont pourvues. Les Scolécidés ont été proposés par Haeckel pour rattacher les vertébrés inférieurs aux vers

turbellariés. Le principal progrès qu'ils réalisent sur les turbellariés, consiste dans la différenciation d'une cavité générale où flottent les viscières. Le Scolécidé le plus voisin des vertébrés, le *Balanoglossus*, n'est qu'un animal vermiforme, sans le moindre vestige de corde dorsale sans système nerveux défini, sans organes sensoriels. Les affinités d'après Brehm, le rapprochent des Echimodermes et des vers et pour l'apparenter aux Leptocardes, on n'a pu invoquer que la disposition de ses branches à l'entrée du tube digestif.

Les vers se montrent subitement dès le début des temps cambriens, et avec eux, s'annonce le type articulé dont Beushausen a pu dire: «L'étude des articulés fossiles ne nous apprend qu'une chose, c'est que les groupes isolés, d'ordres plus élevé ou inférieur, ont déjà, dès leur première apparition, des contours nettement dessinés». Les vers sont d'abord manifestés par des pistes souvent forts nettes (*Arenicolites*, *Oldhamia*) analogues à celles que l'on obtient en faisant ramper des annélides sur du plâtre delayé.

Les mollusques marquent un pas plus avancé que les vers, sans sortie cependant de la grande classe des polypes prototypes. Ils offrent dans leur jeune âge une forme commune presque indistincte de la Gastrule, et représentant un animalcule transparent, pourvu d'un tube digestif et de plusieurs expansions membraneuses ciliées. Chez ceux de ces animaux remarque Huxley, qui ont deux ouvertures au tube digestif, l'ouverture de sortie n'est originairement que l'ouverture primitive du blastopore et la bouche une résorption accessoire sur un point différent du sac gastrien.

Les mollusques ont fourni les Méduses, les Bryozoaires, les Brachiopodes, les Lamellibranches et les Gastéropodes appartenant au Précambrien tandis qu'on rencontre les vers dans le Cambrien moyen, antérieur au moins, de 55 millions d'années au Trias (Ere secondaire) où l'on rencontre le plus récent et le dernier des prototypes: *L'Acanthoteuthis*.

Les Éponges, deuxième espèce animale provenant avec les vers, de la famille des Infusoires, ont fourni, par évolutions, les Cocleptérés.

Pour revenir aux époques géologiques où les premiers Invertébrés ont fait leur apparition, la paléontologie nous montre dans les terrains primaires les Trilobites, qui ne purent survivre. C'étaient des Crustacées d'environ 4 cm. de longueur, en forme de boucliers, les plus

simples connus et les ancêtres de tous ceux qui ont suivi jusqu'à nos jours.

Mais il ne faudrait pas croire que c'étaient les seuls représentants du règne animal sur le globe. Les plus anciens terrains renferment des débris d'êtres microscopiques, Foraminifères, Radiolaires dont les descendants actuels forment aujourd'hui encore des dépôts organiques d'une grande partie des fonds de la mer. Les coraux étaient aussi très répandus dans l'océan primaire, ainsi que tous les groupes actuels de mollusques (les Spirifères étant les plus communs) et d'oursin.

Sur terre se déménageaient des Mille-pattes, des Insectes très simples, mais très grands, libellules ayant jusqu'à 70 cm d'envergure, sauterelles énormes, punaises, etc. des Araignées énormes.

Vers la fin du primaire, apparurent des Vertébrés: ce furent des poissons cartilagineux, très différents de ceux de nos jours, car ils avaient le corps recouvert d'une épaisse cuirasse.

Sur la terre, les Vertébrés comptaient les Stégacephalus, êtres intermédiaires, par leur anatomie et leur genre de vie; entre les Batraciens et les reptiles, n'étant ni l'un l'autre, mais plus primitifs que tous les deux, en réalité ancêtres communs des Batraciens et des Reptiles; vivaient aussi des Lézards semblables à des salamandres, des crocodiles, des serpents.

Pas d'oiseaux, pas de mammifères, «Etrange décor qui embellissait la scène de notre planète, — écrit Tissandier, — nos végétaux les plus humbles étaient les plus orgueilleux; les fougères de notre époque ne sont plus que les représentants rachitiques des fougères antédiluviennes et les humbles herbages de nos marais une image en miniature des roseaux gigantesques qui couvraient le sol. Les végétaux primitifs avaient une uniformité saisissante, quelque chose de grand dans la pauvreté d'espèces. La nature, prodigue de force et de fécondité, semblait avare de variété. Pas de fruits pas de fleurs, comme contraste dans la monotonie des nuances; pas d'animaux terrestres (sauf à la fin) pour animer de leurs mouvements ces forêts silencieuses. Pas un oiseau ne voltigeait sur les rameaux épais; pas un mammifère ne cherchait l'ombre sous les feuilles, l'océan seul avait de nombreux habitants. La vie végétale immobile et éternelle; sur les continents, des marécages; plus loin, des mers étendues. Quelques rares insectes promenaient leurs ailes diaprées, irisées et brillantes sur

le monde organique; mais la majesté des forêts n'était troublée par aucun être supérieur; pas un pied vivant ne foulait la feuille tombée de sa tige, pas une souillure sur cette virginité d'ombrage et de verdure, pas une pensée pour contempler l'uniformité de ce monde étrange.

Comment la vie animale proprement dite, a-t-elle commencée dans sa plus simple expression, celle des prototypes? C'est là un problème qu'on ne peut résoudre que par l'induction, en remontant pas-à-pas l'échelle des êtres organiques et en s'éclairant d'un côté de la paléontologie de l'autre de la physiologie. Il y eut d'abord organisation de la matière brute, mais possédant en énergie virtuelle la capacité de constituer des monères. Celles-ci à leur tour se sont progressivement développées en organismes définis. Pour les métazoaires, la seconde phase comprend plusieurs périodes qui ont dû être rapide: 1° Transformation de la monère en cellule; 2° Multiplication de cette cellule primitive; 3° Différenciation des produits cellulaires associés ou formation d'un organisme.

On regarde généralement les métazoaires comme des corps polyzoïques. Cette conception est une conséquence logique et inévitable de la notion d'équivalence et d'indifférence des cellules; elle est cependant encore compatible avec la notion de spécificité si l'on admet que toutes les espèces ont des modalités de vie spéciales; mais de mêmes essence qui permettent de les assimiler à des protozoaires. Pour le prof. Bard elle est, au contraire, absolument inconciliable avec la théorie physique de la vie et avec la constitution des espèces cellulaires, telles qu'il les a exposées dans ses travaux. Le prof. Delage vient à l'appui de la manière de voir du prof. Bard sur ce point particulier. Il s'élève, en effet contre la conception polyzoïque des êtres polycellulaires, considérés formellement et presque universellement, comme des agrégats, des colonies d'individualités d'ordre inférieur. Il soutient à l'encontre de l'opinion générale, que le polyzoïsme, c'est à dire, la construction de formes supérieures par des colonies de formes inférieures n'est qu'un fait très limité, exceptionnel et d'importance fort secondaire; il n'appartient qu'à quelques races espèces inférieures. Pour lui, la similitude des parties successives, disposées autour ou le long de l'axe du corps, est un trait d'organisation, déterminé par les influences biomécaniques et non un fait de polyzoïsme. La structure

cellulaire elle même n'est qu'un cloisonnement secondaire, une mode d'organisation, et ne doit pas être considérée comme un fait de polyzoïsme. Les protozoaires sont des cellules de faible complexité, mais néanmoins de caractère total, ils ont une modalité de vie blanche, inférieure à celle des ovules des êtres supérieurs, cependant de même essence. Les cellules somatiques des métazoaires ne possèdent qu'une force vitale partielle, une vie colorée; complémentaires les unes des autres, elles, n'équivalent à la vie totale que par leur ensemble, leur réunion; par là les êtres polycellulaires sont bien des individualités réelles et indécomposables. Une cellule génératrice, un protozoaire sont des êtres unitaires; un groupement de cellules génératrices ou de cellule complexes somatiques comme l'embryon animal à ses premiers stades, comme les plantes pendant toute leur vie, sont des êtres polyzoïques; mais une cellule ou un groupe de cellules somatiques d'un métazoaire ne sont que la partie d'un tout, quelques rayons d'une force, qui ne s'élève à l'état d'unité biologique réelle que par la fusion ou la collaboration de tous ses rayons.

Les protozoaires ont constitué au commencement de la vie organique, dans sa plus simple expression sur la terre et continuent de constituer de petites masses protoplasmiques nucléées disséminées dans le milieu extérieur, qui englobent à la façon des phagocytes, une foule de corps et d'organismes étrangers: en particulier des bactéries, des diatomées et d'autres algues unicellulaires. Dans ses conditions leur corps se charge de pigments variés d'origine alimentaire et difficiles à distinguer des pigments intrinsèques.

Les lipochromes sont fréquents chez les protozoaires et semblent être des pigments intrinsèques. On les rencontre chez de nombreuses espèces, seuls ou associés à des pigments introduits. Le premier cas est réalisé chez les rhizopodes marins, les globigérines, en particulier, qui, par leur accumulation, donne parfois une teinte rouge écarlate à l'eau de la surface des océans (Agassiz) le second chez les *Eugléna*, dont le noyau est entouré d'une auréole rouge, due à l'association de deux lipochromes sans doute d'origine nucléaire, et dont le protoplasma possède une teinte verte provenant de l'infection de cette espèce par des corps chlorophylliens. Chez certaines *Eugléna*, on observe même une alternance saisonnière entre la teinte rouge et la teinte verte.

Ces associations pigmentaires sont bien connues: les radiolaires

ent outre les lipochromes, un pigment vert ou un pigment brun dus comme l'ont montré Geddes et Brandt, à des algues symbiotiques, vertes ou brunes, les *zoochlorelles* ou les *zooxantelles*.

Ce qui se passent chez les organismes protozoaires actuels se passait exactement à quelque nuance près, chez les protozoaires primitifs et nous pouvons ainsi saisir dans ses plus simples manifestations, les phénomènes de la vie élémentaire des êtres placés tout à fait en bas de l'échelle des invertébrés.

Il n'est pas étonnant qu'on retrouve chez les protozoaires les pigments des algues inférieures; c'est tantôt une teinte bleu provenant des *Oscillatoria* tantôt de la chlorophylle, tantôt un pigment brun, voisin de la *diatomine*, provenant des diatomées, qui sont, avec les bactéries, la nourriture habituelle des corps unicellulaires.

D'autres teintes, comme le bleu du *Stentor Coeruleus* ou le violet des *Zoonomyxa*, seraient peut être dues à des infections par des plastidules parasites ou même par des bactéries chromogènes; c'est là une hypothèse qu'il faudrait vérifier.

Chez les Éponges qui sont les métazoaires les plus primitifs, toutes les cellules sont des *phagocytes* en rapport presque constant avec le milieu extérieur; elles englobent les corps organisés qui passent à leur portée; beaucoup de ceux-ci y continuent à vivre, en particulier des grains de chlorophylle des algues et sans doute aussi d'autres granules pigmentaires d'origine diverse. C'est peut-être là la cause des teintes si brillantes et variées des éponges (rouges, orangées, jaunes, vertes), comme semble le prouver le cas des spongilles d'eau douce, colorées en vert par des *Zoochlorelles* symbiotiques.

Toutes les éponges marines possèdent des lipochromes et très souvent d'autres pigments leur sont superposés; d'après Krükenberg, se sont les *Uranidines* (des *Aplysinidae*) et les *Fluoridines* (des *Reniera purpurea* et *Hircinia variabilis*) substances remarquables par les variations de teinte qu'elle subissent sous l'action des oxydants et des réducteurs; les *Uranidines* jaunes, avec des reflets fluorescents verts, prennent une teinte foncée sous l'action des oxydants; les *fluoridines*, d'un rouge pourpre, solubles dans l'eau et la glycérine, et non dans les dissolvants des lipochromes, se colorent sous l'action des réducteurs. L'origine, encore inconnue, de ces divers pigments, qui remontent aux premiers âges de la vie animale sur le globe, serait à rechercher.

Chez les Coelentères, la fonction phagocytaire s'affaiblit, mais est cependant présentée par les cellules en dodermiques qui revêtent la cavité gastrulaire; c'est sans doute par cette voie qui se fait l'infection pigmentaire des hydres vertes de nos mares.

Beaucoup de Coelentères marins fixés possèdent une teinte verte, mais qui peut passer au bleu, au rose, au brun; d'après Mickson, ce vert remplacerait dans les récifs coralliens celui des algues absentes; il aurait d'ailleurs le rôle physiologique de la chlorophylle. On s'est posé souvent la question de savoir s'il est dû à des algues symbiotiques; les «cellules jaunes» décrites chez un certain nombre d'anémones de mer sont en général regardées comme telles, Krükenberg a étudié le pigment fluorescent de la variété verte de *Anthea cereus*; par ses caractères il rappellerait la chlorophylle et se rapprocherait des matières qui colorent divers animaux (bonellies, chaetoptères, foie des mollusques, etc.); il entrerait dans les mélanges variés (*Mac Munn*) et grâce à sa situation dans des tissus différents, il subirait des changements physiques et chimiques importants.

Chez les Néphridiés, la présence des organes d'excrétion (tubes néphridiens) est due à la constitution d'un véritable milieu intérieur (cavité générale) appareil vasculaire plus ou moins compliqué. La composition chimique de ce milieu est dans une certaine mesure indépendante de celle du milieu extérieur⁽¹⁾ et varie avec le degré de perfection de l'appareil excréteur par rapport à l'activité générale de l'organisme. Souvent cet appareil est insuffisant et l'organisme s'intoxique, ce qui entraîne non seulement des changements morphologiques (transformations et métamorphoses), mais encore des remaniements nucléaires, suivis d'émissions pigmentaires.

Aussi chez les néphridiés voit-on prédominer les pigments intrinsèques d'origine nucléaire, comme l'hémoglobine et les pigments uriques l'hémoglobine colore le sang de beaucoup de ces animaux et souvent aussi leurs muscles actifs.

(¹) Quinton a bien montré que le milieu intérieur des Invertébrés marins communique par osmose avec le milieu extérieur, en sorte que le milieu intérieur de ces Invertébrés est l'eau de mer elle même, (C. R. des Sciences, 1900, CXXXI, p. 905-952) mais cette démonstration ne concerne que les éléments purement minéraux.

Nos connaissances sur la pigmentation des vers sont encore fort imparfaites. Assez souvent les téguments sont faiblement colorés, tandis que les organes internes le sont davantage ce qui indiquerait peut-être que les pigments introduites par la voie alimentaire doivent, ici encore, jouer un rôle dans la coloration de ces animaux invertébrés.

On peut soupçonner cette origine pour la couleur verte si intense des bonellies, des Coetoptères, et de quelques autres annélides, qui rappelle celle des anémones de mer, et qui a été l'objet des recherches de Sorby, de Krükenberg, de Ray-Lankester et d'autres et a prêté à de nombreuses discussions. Elle semble due à divers pigments; Sorby a donné à l'un d'eux le nom de bonelline, reconnaissant qu'il ne s'agissait pas de la chlorophylle et Krükenberg qui partageait cette opinion, a décrit longuement les propriétés de cette substance; couleur verte ou grise suivant le degré de la concentration, fluorescence rouge, solubilité dans des liques divers (alcool, éther), et même un peu dans l'eau, spectre très-complexe se modifiant par l'addition des acides: ceux-ci peuvent transformer la *bonelline* en bonellidine, dont les solutions sont violettes et fluorescentes, et en *acido-bonellidine*, bleue, soluble dans les acides, sans phosphorescence.

Eisig, dans sa belle monographie des *Capitellidae*, a fourni des faits intéressants sur la coloration de ces petits invertébrés.

Les *Capitellidae* sont caractérisés par l'absence d'appareil circulatoire: le liquide est la cavité générale qui tient lieu de sang est teinté en rouge par l'hémoglobine; en outre, on trouve dans les téguments, entre la cuticule et l'hypoderme, des granules pigmentaires identiques à ceux contenus dans les néphridies (reins) et, de plus, associés fréquemment à de la guanine, produit d'excrétion parfaitement caractérisé.

A. Graf vient confirmer les vues de Eisig, quand il décrit le mécanisme de la coloration chez les sangsues; certaines cellules comparables aux «cellules jaunes» des vers de terre, et provenant de l'endothélium de la cavité générale, reçoivent les produits d'excrétion qu'elles conduisent, soit vers les néphridies, soit vers l'extérieur; elles méritent le nom *d'excrétophores*; or elles contiennent les granules pigmentaires, de teinte sombre, qui, par leur accumulation dans la peau de la sangsue, et leur inégale repartition, lui donnent son aspect particulier.

Il existe une question concernant les protozoaires, et les organismes primitifs en général, celle du sens de la tactilité externe et interne, sur lequel s'orientent toutes les sensations d'activité segmentaire ou périphérique et d'activité centrale, ou d'innervation chez les vertébrés.

Les organes marginaux des *Méduses* nous offrent une remarquable série d'adaptation et de transformations de tentacules mobiles et actifs en appareils mobiles et passifs, d'une inertie très-susceptible, grâce à la présence de corpuscules calcaires apparaissant dans le corps tentaculaire qui va se prédiculer de diverses manières.

Voici d'abord pour les formes tentaculaires, tactilité externe, active, mobile, chez différents types d'invertébrés. Chez des types tout voisins apparaissent les premières transformations calcaires et épithéliales, qui vont aussitôt offrir d'admirables variétés. Puis le tentacule à otolithe s'invagine et la cavité peut être presque close. Le pédicule otolithique, reste du tentacule, disparaît, et, l'otolithe ou les otolithes restent fixés à la paroi non papillaire, dans un otocyste clos, ou au contraire l'otolithe repose sur la papille ciliés, et c'est la formule morpho-physiologique qui régnera désormais. Nous la trouvons merveilleusement réalisée, dans l'organe central des Turbellaries et des Cténophores.

Dans les organes otocystiques, l'otolithe est relativement libre, plus ou moins maintenu par des formations ciliaires secondaires.

Dans tous ces organes otolithiques, centraux, marginaux, l'inertie de la masse otolithique joue le principal rôle; que l'otolithe soit encore pédiculé, comme dans les organes marginaux en massue, ou qu'il soit libre dans la cavité otocystique, son inertie est l'agent tactile lui-même. En effet, chaque mouvement de l'animal entraîne naturellement les téguments et les parois de la cavité otocystique; mais ce mouvement n'est que secondairement imposé à la masse otolithique suspendue ou libre, et il en résulte un retard dans l'entraînement de la masse inerte. Ce retard se traduit par une traction ou une pression, selon le dispositif organique, sur la papille neuro-épithéliale, et ce recul de l'otolithe est en rapport dans sa direction, sa force et sa rapidité, avec la rapidité, la force et la direction du mouvement de l'animal ou du segment de l'animal qui porte l'organe otolithique, ainsi que l'ont montré les expériences de Bannister sur le balancier des Diptères, de

Delages sur les otocystes des Mollusques, de Verworn sur l'organe central des Cténophores.

Une autre question non moins intéressante est celle de la recherche du principe de la vie, dans la matière organisée sous ses formes les plus simples et les plus élémentaires.

Un petit groupement de molécules de protoplasma n'est rien en apparence. Il possède cependant la vie et renferme virtuellement toutes les propriétés qui prennent de la vie leur source et la supposent par conséquent.

«Les substances matérielles — se demandait Fr. Glisson, professeur à la l'Université d'Oxford (1634-1677) — sont-elles douées de la nature vitale? Jusqu'ici l'esprit des hommes semble imbu de ce préjugé que la matière est une chose insensible, inerte, entièrement passive, destinée seulement au remplissage du monde: donc, il nous incombe de prouver que la matière est non seulement susceptible de nature vitale, mais vivante en acte, c'est à dire, douée des facultés vitales, perceptive, appétitive, motrice.» (*Tractatus de natura substantiae energetica*).

Il introduit le premier en physiologie la notion d'irritabilité qui caractérise les mouvements moléculaires des états inférieurs de la matière organisée; mais il faut en arriver à Felix Dujardin (1835) pour connaître la véritable signification de l'élément cellulaire, par où commence la série ascendante des invertébrés.

Les premières études de Dujardin avaient porté sur l'organisation des animaux les plus inférieurs. En étudiant les infusoires, il avait reconnu que la plupart des différenciations du corps de ces êtres unicellulaires provenaient non de la membrane qui les enveloppe, mais de leur substance centrale, granuleuse et contractile, et il lui donne le nom de *Sarcode*. Il rechercha ensuite si d'autres êtres, moins élevés en organisation, ne seraient pas composés exclusivement par cette matière sarcodique, et il reconnut que le corps des amibes présente la même structure que la partie centrale du corps des infusoires. Cette constatation ne fit que la confirmer dans son opinion première, et il n'hésita pas à faire de la portion sarcodique la partie principale de la cellule. Il généralise même et appliqua cette notion aux corps pluricellulaires il admit que la substance sarcodique se rencontre par exemple dans les oeufs, les zoophytes, les vers et autres animaux.

Ces idées de Dujardin furent d'abord incomprises. Schleiden (1838) et Schwann (1839) dont les études, l'un sur les plantes, l'autre sur les animaux, sont si importantes, considéraient toujours la membrane cellulaire comme la partie essentielle de la cellule. Kölliker (1845) et Bischoff (1842) remarquent cependant que de nombreuses cellules animales ne possèdent pas de membrane propre. Mohl (1846) donne à la substance introcellulaire, qu'il appelle protoplasma (nom trouvé par Puskinje) une importance plus grande que celle de la membrane. Enfin Leydig (traité d'Histologie comparée, 1857) et Max Schultze (1860) reviennent aux idées de Dujardin et redonnent au protoplasma toute son importance.

Depuis cette époque, grâce aux travaux de Ranvier, Arnold, Balbiani, Strassburger etc., les notions sur la constitution de la cellule se sont complétées. Le protoplasme, qui était considéré jusque là comme la partie essentielle de la cellule, passe au second rang au profit du noyau qui devient ainsi la partie noble de l'élément vivant.

Comme la cellule est le point de départ de tout organisme, il importe d'en avoir une notion exacte. Nous n'avons pas à en faire ici une description complète; nous ne disons que ce qui est nécessaire pour arriver à bien comprendre le mécanisme de l'irritabilité, c'est à dire de la manifestation élémentaire de la vie, chez les organismes primitifs, les Invertébrés.

Toute cellule est composée de deux parties essentielles: le protoplasme, encore appelé Cytoplasme, et le noyau (nucléoplasme).

Chez les végétaux la cellule entière est entourée d'une membrane complète, formée de cellulose. Chez les animaux cette enveloppe fait habituellement défaut et le protoplasma est à nu. Il ne se mêle pas cependant avec les liquides qui l'entourent; il en est séparé par ce que l'on appelle la tension superficielle. Lorsque l'on verse très-lentement du vin dans un vers contenant de l'eau, on obtient, par différence de densité, une couche supérieure de vin qui, d'abord très-nette, ne tarde pas à diffuser, et les deux liquides se mélangent complètement. Le même fait ne se produit pas lorsque l'on verse de l'eau sur du mercure: on obtient alors une limite très-nette et permanente entre les deux liquides. On observe en outre que tout corps mouillé par l'eau et enfoncé dans le mercure en reste séparé par une mince couche d'eau.

Cette différence tient à ce que, dans le premier cas, la tension superficielle est nulle, tandis qu'elle est très-forte dans le second.

Cette tension superficielle existe aussi pour le protoplasma et acquiert une valeur plus ou moins grande.

Chez la *Cromia fluvialis* de Dujardin, invertébré minuscule, elle est si faible, que deux pseudopodes venant à se rencontrer, s'abouchent à plein canal; de plus, les corps étrangers suspendus dans l'eau sont facilement englobés dans sa masse, sans que rien ou à peu près ne les sépare du protoplasma qui les entoure. Chez les amibes la tension superficielle est beaucoup plus forte. On ne voit pas les prolongements protoplasmiques se fusionner comme chez la *Gromie*, et les corps étrangers qui pénètrent dans sa masse restent séparés du protoplasma par une mince couche d'eau; ils se trouvent placés, pour ainsi dire, dans une vacuole (*Le Dantec*).

Si on examine au microscope un de ces pseudopodes (*Gromia fluvialis*), on le voit formé de granulations entraînées avec une vitesse beaucoup plus grande au centre que sur les bords; à ce niveau les granulations diminuent de vitesse et semblent même stationner des deux côtés, en formant deux rangées parallèles qui contribuent à déterminer le contour apparent du protoplasma. Quand le pseudopode s'allonge on voit tout simplement de nouvelles granulations s'ajouter à celles existant déjà et un courant se forme entre les parois qu'elles limitent. Le courant serait en réalité double, car au voisinage des bords on peut souvent constater un centre-courant bien moins rapide.

Cette organisation si simple ne saurait être acceptée d'une manière générale. De nombreuses théories ont été mises en avant, donnant au protoplasma une structure plus complexe: *théorie alvéolaire* de Bütschli, *théorie granuleuse* d'Altmann, *théorie réticulaire* de Heitzmann. Ces théories peuvent se résumer en quelques mots. Le protoplasma possède une organisation propre consistant dans la présence de filaments (*spongioplasma*), d'un liquide (*hydroplasma*) et de granulations (*microsomes*). Les opinions ne diffèrent que sur le mode de constitution et d'importance de ces diverses parties. Heitzmann émet l'hypothèse d'un réseau renfermant dans ses mailles un liquide chargé de granulations: pour lui, la partie la plus importante est formée par la partie réticulée et les granulations passent tout à fait au second plan. Pour Altmann, au contraire, ce sont les granulations qui cons-

tituent la partie vraiment vivante et les fibrilles ne seraient le plus souvent constituées que par des granulations placées bout à bout.

On avait admis autrefois qu'il pouvait exister des masses protoplasmiques affectant la forme de cellules et dépourvues de noyau (cytodes, monères d'Haeckel), mais, grâce au perfectionnement apporté à la technique microscopique et aux nouvelles méthodes de coloration, cette idée est de plus en plus abandonnée. On a cependant donné comme exemple de cellules sans noyau les bactéries et les formes voisines. Ainsi pour Fischer, une bactérie ne possède pas de noyau et se compose d'une membrane cellulaire contenant une masse de protoplasma au centre duquel se trouve un liquide (*Central-Flüssigkeit*); Bütschli a repris la question et son opinion paraît être la vraie. Ses études ont surtout porté sur une grosse bactérie, le *chromatium Okenii*. Traité par l'hématoxyline, le corps de la cellule prend une différenciation très-nette, qui permet d'observer la présence d'une enveloppe, qui reste incolore, d'une mince couche de protoplasma se colorant faiblement, tandis que la plus grande partie de la cellule, le 2/3 environ, prend une coloration très marquée. C'est là le corps central (*Central-Körper*) que Bütschli assimilé à un noyau. Si on examine des bactéries plus petites, la prépondérance du noyau augmente: la mince couche de protoplasma n'est même quelquefois visible qu'aux extrémités, sous forme d'une couche semi-circulaire comprise entre le revêtement extérieur et le noyau.

L'analyse chimique de la matière vivante chez les invertébrés inférieurs, les minuscules organismes placés tout à part en bas de la série animale, présente les plus grandes difficultés. En effet, le protoplasma qui la constitue n'est pas formé par une seule substance nettement définie, pour si complexe qu'on se figure sa constitution: c'est simplement un mélange de nombreuses substances chimiques, formant par la réunion de leurs molécules surtout dont l'organisation est très-malaisé à élucider. Si cet état d'agregation cesse, le protoplasma se détruit autant que la matière organisée et la vie cesse. De plus la substance vivante élémentaire est sans cesse en état d'assimilation et de désassimilation, et l'analyse est faite, non seulement sur les éléments réellement vitaux, mais aussi sur les ingesta et les excreta, variables eux-mêmes avec les différentes cellules. Enfin l'analyse ne peut être exécutée pendant l'état de vie, car les différents procédés que nous

sommes forcés d'employer ont pour résultat de tuer le protoplasma comme substance vivante.

On peut cependant arriver à reconnaître que, parmi des corps simples qui entrent dans la composition d'une cellule, se trouvent d'abord le carbone, l'oxygène, l'hydrogène et l'azote. Parmi les autres substances il faut citer le soufre, qui fait partie du complexe chimique de la molécule albuminoïde, et le phosphore qui se rencontre dans toute nucléine. Viennent ensuite le chlore, le potassium, le sodium, le calcium, le fer et le magnésium. Nous ne parlerons pas des autres corps simples qui sont moins constants ou ne se rencontrent que d'une façon accessoire.

A quoi tient-il que plus un invertébré est placé en bas de l'échelle de la matière organisée, est plus grande se montre sa résistance aux facteurs de destruction, c'est à dire qu'il jouit d'un pourvu vital presque indéfini? Cela ne s'explique que par l'extrême simplicité de l'état moléculaire des organismes primitifs. «Prenons, par exemple, écrit Le Dantec (*Théorie nouvelle de la vie*) une bactérie charbonneuse ou un amibe. Nous verrons ce plastide s'accroître indéfiniment, pourvu que les conditions du milieu le permettent. L'accroissement est surtout limité par un maximum de la dimension d'équilibre possible et est alors suivi d'une division. Dans un milieu suffisamment vaste (la mer ou un fleuve), pour que les conditions ne changent guère par suite de la vie élémentaire manifestée du plastide lui-même, une bactérie peut s'accroître sans changer de forme, reste semblable à elle-même au cours de sa croissance et se bipartit quand elle a atteint son maximum de dimension en donnant deux bactéries semblables à ce qu'était elle-même au début de l'observation. Aucune variation n'apparaîtra dans sa constitution, quel que soit le nombre de bipartitions.»

Chez les vertébrés, la digestion et la locomotion sont des fonctions exécutées chacune par des cellules différentes (gastro-intestinales et musculaires). Chez les invertébrés inférieurs ou primitifs, au contraire, l'amibe, par exemple, il n'existe pas d'organe approprié à un but spécial; le même protoplasma suffit pour faire mouvoir l'animal et pour digérer les corps étrangers qui peuvent lui servir de nourriture. En effet, l'amibe se meut de la même façon qu'un muscle; son irritabilité motrice obéit aux mêmes influences que l'irritabilité musculaire, et si nous prenons un corpuscule englobé dans sa masse, nous verrons

se former autour de lui une vacuole dans l'intérieur de laquelle sera sécrété un liquide ayant des propriétés analogues au suc gastrique. Ce liquide se chargera de préparer le corps étranger et de le mettre en état d'être absorbé.

Ainsi, chez les protozoaires, ces deux fonctions, digestion et locomotions, existent mais ne sont pas différenciées. L'essence du phénomène n'en est pas moins semblable, et il est permis de penser que les cellules des organismes inférieurs possèdent en elles-mêmes les éléments de toutes les fonctions se rapportant à un être plus élevé en organisation.

Pour ce qui concerne les phénomènes de mouvement, chez les animaux invertébrés inférieurs (Rhizopodes), de même que chez les plantes, le mouvement ne présente pas d'organes spéciaux, du moins perceptibles à nos moyens d'investigation, et tout le protoplasme paraît doué de la faculté de se mouvoir. On le voit, par exemple, chez les amibes, émettre des prolongements appelés pseudopodes et ressemblant à ceux des myxomycètes. Lorsque l'animal sécrète une coquille, cette propriété est limitée aux points correspondants aux ouvertures pratiquées dans celle-ci (Foraminifères). Chez la *gromia fluvialis*, un seul point du corps laisse passer la substance sarcodique qui affecte alors au dehors la forme de pseudopodes très-ramifiés et très-étendus.

Plus on avance en organisation dans la série des invertébrés et plus les phénomènes de motilité se localisent, par suite de différenciations protoplasmiques de plus en plus compliquées. Ainsi chez les infusoires, apparaissent des formations qui ressemblent au tissu musculaire et se présentent sous formes de stries situées à l'intérieur du corps, sous le tégument externe, et montrant une distribution tantôt parallèle, tantôt oblique relativement à l'axe longitudinal du corps. On peut, dans certains cas, observer certaines de ces stries, appelées alors péristomiques, venant converger vers l'orifice qui sert de bouche à l'animal. (*Gegenbaur: Manuel d'Anatomie comparée*).

Un phénomène qui témoigne de l'accumulation d'une somme considérable d'énergie chez les organismes primitifs, c'est la production de lumière par le protoplasme vivant. La photogénèse peut se rencontrer dans les végétaux, par exemple sur certains champignons (l'agaric de l'olivier, l'*agaricus lampas* d'Australie) et sur quelques

bactéries (*photobacterium phosphoreum* Pflugeri) qui sont la cause de la phosphorescence de certaines viandes avariées. Chez les animaux inférieures de la série des invertébrés, il faut citer d'abord les coelentères et les protozoaires lumineux.

L'embranchement des coelentères comprend un très grand nombre d'espèces photogènes réparties dans les trois sous-embranchements des spongiaires, des cnidaires et des cténophores. Parmi les derniers les plus remarquables sont les Béroés et les Cestes, communs dans la Méditerranée, principalement sur les côtes de Nice.

Le Béroé présente huit lignes en relief longitudinales; autour des troncs gasterovasculaires qui leur correspondent, le tissu générateur de lumière forme une véritable gaine de plastides qui, au moment où on les examine, se transforment ordinairement en vésicules remplies de granulations jaunâtres.

Chez le *Beroe ovata*, le siège de la lumière est limité à deux points, tandis que dans une autre espèce, le *Beroe Forskali*, après s'être un peu ramifiés, les canaux secondaires se repandent dans le corps et s'anastomosent entre eux, de façon à constituer un réseau photogène l'envahissant tout entier.

Chez le Cydippe, la distribution est la même que pour le *Beroe ovata*, et dans la magnifique ceinture de Vénus ou *Cestus Veneris*, qui forme ces longs rubans de cristal ondulant gracieusement au sein des eaux, les canaux des deux côtes supérieurs, le canal marginal inférieur, et les canaux costaux des petits ambulaires jouissent aussi du pouvoir photogène.

L'embryon de ces trois espèces de cténophores brille déjà avant d'être sorti de l'oeuf et jouit des mêmes propriétés que l'adulte.

A côté des Cidippes, des Béroés, des Cestes, on rencontre d'autres grands et magnifiques cténophores: les Eucharis qui rendent, en certains endroits, l'eau de la mer phosphorescente.

L'ordre des Acalèphes permet aussi de faire quelques observations particulièrement chez les Méduses supérieures. Dans cette catégorie, les granulations photogènes se rencontrent dans les plastides pavimenteux de l'épiderme des diverses parties du corps.

Chez la *Cunina albescens*, une des espèces les plus lumineuses de la Méditerranée, la clarté apparaît seulement à la surface des tentacules et de la membrane qui pend au-dessous de ces organes.

La *Pelagia noctiluca* brille par l'épithélium de la surface externe, par celui des canaux radiaires et des glandes génitales.

Dans l'ordre des Siphonophores, beaucoup de genres, presque tous les types du sous-ordre des Calicophoridés: *Praya*, *Diphyes*, *Abyla*, etc. sont photogènes de même qu'un grand nombre d'animaux invertébrés de la classe des Polypoméduses et de l'ordre de Hydro-méduses appartenant à divers genres: tels que la *Sertularia abietina*, *Obelina geniculata* etc.

Les polypies anthérozoaires du sous- embranchement des cnidaires ont fourni également des observations intéressantes. On a retiré des profondeurs du golfe de Gascogne des spécimens appartenant à la famille des Gorgonides, qui devaient former au fond de la mer de véritables forêts lumineuses. Amenés sur le pont du navire *Talisman*, qui les avait pêchés, ils produisirent des jets de feu dont les éclats s'atténuaient, puis se ravivaient pour passer du violet au pourpre, du pourpre au rouge, à l'orange, au bleu et aux différents tons du vert, parfois même au blanc du fer surchauffé.

La clarté était si vive qu'on pouvait lire à la distance de 6 mètres. Les types les plus remarquables appartenaient aux genres *Gorgonio*, *Isis* et *Mopseo*. La lumière paraissait siéger dans le mince sarcosome recouvrant l'axe calcaire entre les Zooïdes.

Les plus intéressants parmi les Polypiers sont ceux de la famille des Plumes de Mer ou pennatulidés. Ici la lumière émane exclusivement des polypes rudimentaires ou zooïdes. Les photogènes sont les huit cordons adhérents à la surface externe de la cavité gastro-vasculaire et se continuant dans chacune des papilles buccales. Ils renferment de ces plastides à granulations dont nous avons déjà parlé: ceux-ci peuvent laisser échapper leur contenu sous forme de mucus lumineux, comme l'épithélium des Méduses. Si l'on touche une Pennatule, qui se trouve dans de bonnes conditions physiologiques, il se produit une série d'étincelles sur les bords polypifères, et celles-ci vont en se propageant de proche en proche, d'un polype à l'autre et d'une branche à une autre.

En appliquant avec soin un stimulus sur un point quelconque de la colonie, on détermine des courants lumineux réguliers; il y a plus, une excitation portée sur une région du polypier, comme celle du pied, où ne se trouve aucun polype, peut se transmettre tout le

long des prolongements latéraux et déterminer des courants lumineux réguliers, qui indiquent, évidemment, la direction et la rapidité de la transmission de l'excitation.

Parmi les annélides, les polychètes errantes possèdent des propriétés lumineuses bien connues.

Une des espèces les plus intéressantes est le *Polynoe torquata*, qui offre des points brillants sur l'épiderme de la face inférieure de chaque élytre dans le voisinage des élytrophores.

Comme appartenant au même ordre d'annélides lumineux, on a signalé encore les genres suivants: *Acholae*, *Nercis*, *Pionosyllis*, *Odontosyllis*, *Phyllodoce*, *Tomopteris*, etc.

Parmi les annélides polychètes sédentaires producteurs de lumière, les genres *Polycirrus*, *Spirographis* et le *Choetopterus variopedatehs* sont communs dans la méditerranée. La luminosité de ces animaux est disséminée sur les élytres, les antennes, les appendices et la peau. Les larves de la plupart d'entre elles la possèdent, et elle s'aperçoit déjà, chez des larves polytroques indéterminées, avant la différenciation des tissus mésodermiques.

Les annélides du genre *Photodrilus phosphoreus* émettent une lumière tantôt semblable à celle du fer rougi, tantôt verdâtre, par toute la longueur du corps et d'autant plus vivement qu'ils sont plus excités, si on les écrase, ils fournissent un liquide éclairant.

On a mentionné des vers lumineux vivant dans les marais tourbeux du Northumberland et appartenant à la famille des enchytraéidés.

Le genre *Polycirrus* paraît être le plus brillant des annélides. Il mérite d'être mentionné aussi la *Terebella figulus*, qui donne, quand on l'irrite, une lumière bleu très vive mêlée de flammes rougeâtres.

Il existe quelques mollusques possédant la fonction photogénique. Parmi les gastéropodes hétéropodes, on a signalé une grande espèce nue habitant l'océan Indien; chez les ptéropodes, les genres *Hyalea* et *Crescis*, de Jave ainsi que le genre *Cleodora*, renfermeraient des espèces présentant des points lumineux, mais probablement produits, dans les individus considérés, par des madrépores parasites.

Dans les opisthobranches, on rencontre le genre *Aeolis*, qui possède des larves lumineuses et principalement le *Phyllirrhoë bucéphale*, petit mollusque, pisciforme, d'environ un centimètre de longueur. Ce

gastéropode brille même longtemps après la mort, alors que la putréfaction est déjà avancée.

La *Pholade dactyle*, mollusque bivalve lamelibranche, présente le même phénomène. Dans l'intérieur de son corps vit souvent un microbe photogène, appelé par Dubois, *Bactérium pholas*.

On connaît beaucoup d'espèces d'infusoires lumineux, et parmi elles, il en est qui sont représentées au même moment par un si grand nombre d'individus microscopiques, que la mer devient phosphorescente sur une espace de plusieurs centaines de kilomètres carrés.

Je mentionnerai seulement le *Lepteodiscus médusoïdes*, *Prorocentrum micans* et une certaine quantité de Péridiniens.

Une autre catégorie très remarquable est le genre *Pyrocistis*. Ces infusoires se rencontrent vers les tropiques dans les Océans Atlantique et Austral et y vivent en quantités considérables. Ils sont fusiformes, arrondis assez volumineux et se rapprochent beaucoup des Noctiluques par leur structure interne. Je mentionnerai parmi les plus brillantes espèces la *Pyrocistis noctiluca* et le *Pyrocistis fusiformis* du Pacifique. Ce dernier infusoire est le plus volumineux, il mesure six à huit dixième de millimètre. Au microscope on voit qu'il renferme un protoplasma ramifié avec granulations très réfringentes.

Les seuls protozoaires qui aient été bien étudiés au point de vue physiologique sont les Noctiluques, êtres uniplastidaires si abondants sur les côtes de l'Océan, de l'Atlantique et de la Manche, où ces infiniments petits nous donnent souvent le grandiose spectacle de la *mer de feu*. Ces régions sont habitées par la *Noctiluca miliaris*. En Australie et Amérique méridionale on connaît une plus grosse espèce, la *Noctiluca pacifica* qui produit une lumière blanchâtre et dans les mers de l'archipel Malais et de la Chine, la *Noctiluca omogenea*, dont la clarté est verdâtre.

Après avoir passé en revue les propriétés physiologiques et les phénomènes les plus intéressants des organismes primitifs, nous arrivons au dernier des invertébrés, celui qui, dans la série ascendante marque le point de passage aux animaux vertébrés. C'est l'*Amphioxus*, signalé d'abord par le naturaliste Pallas, qui l'ayant pris pour un mollusque, le baptise *Limax lanceolatus*. La dénomination actuelle lui a été assignée par Kowalewski.

F. Houssaye en a donné une description aussi complète et aussi exacte que nous ne pouvons nous passer de l'emprunter avant de conclure notre travail.

«Cet animal vit au fond de la mer, dans les bancs de sable; on ne peut le procurer qu'à l'aide de la drague. Son corps se termine en pointe aux deux extrémités, et présent, avec celui des vertébrés, les différences suivantes. Il n'est pas nettement séparé en un tronc et une région céphalique; et, en accord avec cela, le système nerveux n'a point de partie antérieure renflée comparable à l'encéphale. Les organes sensoriels sont réduits à une tache oculaire, placée tout contre la partie antérieure du système nerveux, et à une fossette ciliée, à laquelle on attribue un rôle olfactif. Elle est située sur le côté gauche et présente un reste de la dissymétrie, dont est frappé l'Amphioxus, au cours de son développement.

«Le corps ne porte pas de membranes, et ne possède d'autres organes de mouvement qu'un repli tégumentaire, formant une nageoir impaire, à la partie postérieure du corps.

«Il n'y a aucune différenciation osseuse ou seulement cartilagineuse qui puisse être comparée à rien de ce que nous avons décrit comme vertébré, d'une façon tellement générale que l'embranchement tout entier a tiré son nom de ce dispositif. Aussi, la corde dorsale presque entièrement détruite chez les autres vertébrés par le développement du squelette, persiste-t-elle toute la vie de l'Amphioxus.

«Cette propriété de présenter à l'état permanent une qualité transitoire chez les autres vertébrés se répète d'ailleurs pour plusieurs autres organes. Ainsi le sang incolore circule dans un appareil réduit à la partie essentielle et primitive de celui que l'on trouve chez les vertébrés. Un conduit antineural se réunit par les branches transversales nombreuses à un vaisseau poraneural, double dans la région préhépatique. On n'y a découvert où veine cardinale, ni veine cave, ni dilatation cardiaque, celle-ci étant remplacée physiologiquement par une série de renflements à la base antineural des vaisseaux transversaux.

«De même, le rein, d'après les recherches de Boveri, (*Die Nierenkanälchen des Amphioxus*, zool. Jahrbücher, 1892) semble réduit à un dispositif comparable à ce qu'on nomme le *pronephros*, et qui est transitoire chez les autres vertébrés.

«La glande génitale conserve aussi un aspect métamérique primitif chez les autres vertébrés, et déverse ses produits dans la cavité générale, d'où ils sont expulsés au dehors, ou, plus exactement dans une portion délimitée du milieu extérieur, appelé chambre péribranchiale et dont nous parlerons tout à l'heure.

«Le système nerveux garde, d'un bout à l'autre du corps la forme d'un tube d'egal calibre. Des ses racines nerveuses, dorsales et sensibles ne se différencie aucun système nerveux grand sympathique, ceci est un caractère primitif.

«La musculature reste disposée d'une façon uniforme et métamérique, qui rappelle exactement les myotomes de l'embryon. Dans toute la longueur du corps, on compte, chez l'adulte, 64 de ces segments musculaires.

«Les rapporets les plus étroits de l'Amphioxus avec le vertébré sont ceux qui ont trait à la disposition de son tube digestif, et surtout à l'accomplissement de la fonction respiratoire par la région antérieure de celui-ci.

«De la bouche, ventrale, médiane et entourée de cirres, jusqu'à l'anus situé sur le 51^e segment, le tube digestif ne montre d'autre modification qu'un diverticule à parois glandulaires, celui-ci occupe la place et remplit la fonction d'un foie.

«Plus intéressante pour les considérations morphologiques est la région antérieure ou pharynx. Elle est percée de nombreuses boutonnières, qui font communiquer la surface intérieure avec le dehors, et qui sont absolument équivalentes aux formations que nous avons appelées fente branchiale chez les vertébrés.

«On a, il est vrai, parfois douté de l'identité complète entre les fentes branchiales des vertébrés et celles de l'Amphioxus, en raison de la façon assez spéciale dont se développent les organes en question chez ce dernier animal. Nous croyons que les particularités dont l'Amphioxus et l'objet ne doivent point être tenues pour des différences fondamentales entre son organe respiratoire et celui des vertébrés. Elles traduisent seulement le singulier changement de symétrie, que l'Amphioxus subit au cours de son évolution; se rattachent, par suite, à une question toute spéciale, et ne doivent point intervenir dans un débat de morphologie générale. Il est vrai aussi que les fentes branchiales de l'Amphioxus adulte sont beaucoup plus nombreuses que

les segments mésoblastiques ; mais, dans l'embryon, elles sont en nombre égale, et c'est plus tard seulement que chaque fente primaire se subdivise en deux par le développement d'une languette transversale qui, croissant du dos vers le ventre, divise en deux chaque ouverture branchiale d'abord unique. Plustard, encore, le nombre total des fentes s'accroît seul, de façon à excéder même le double des segments.

« Les fentes branchiales ne s'ouvrent pas immédiatement en dehors ; mais toutes leurs ouvertures sont encloses dans une cavité séparée de l'extérieur par deux replis, qui ont marché l'un vers l'autre et se sont rejoints. L'espace compris entre les deux parois des replis est rempli d'un mésenchyme creusé de lacunes, qui ne communiquent point, si ce n'est pas accident, avec la cavité générale (*Ray Lankester et Willey*). Les deux replis en question sont tout à fait comparables, comme l'a depuis longtemps reconnu *Kowalewsky*, aux replis operculaires des poissons Téléostéons. Toutefois, plus que ceux-ci, ils enclosent une cavité définie, qui ne comunique plus avec le dehors que par un petit pore abdominal situé sur le 34^e segment. Cette étroite ouverture équivaut aux deux larges fentes qui, chez les Téléostéens, sont nommées vulgairement les ouvertures des ouïes.

« L'eau absorbée par la bouche ressort par le treillis que forment les fentes branchiales, tombent dans la chambre péribranchiale ou *atrium*, et ressort définitivement par le pore abdominal. Le cours de l'eau est dirigé, sans doute, par les contractions musculaires de l'animal, mais encore par des cils vibratils qui s'étendent sur toute la surface du tube digestif. Dans la région pharyngienne il convient d'observer que, tout le long de la face ventrale, existe une gouttière nommée *endostyle*, dont la paroi glandulaire est munie de cils particulièrement puissants. Les particules solides y sont engluées et dirigées vers l'arrière, pour éviter qu'elle ne soient entraînées avec l'eau dans la chambre péribranchiale.

« Telle est, dans ses traits essentiels, l'organisation de l'Amphioxus. Il ne peut, on le voit, être écarté des vertébrés, puisque les caractères différentiels qu'il présente avec eux conduisent seulement à le rapprocher d'un embryon de vertébré et non d'aucun autre animal.

« Parmi les caractères qui lui sont propres, retenons l'attention sur les replis de la peau qui, en se rejoignant, ont enclos une chambre

péribranchiale, et formé à l'animal, dans sa partie antérieure, comme une seconde enveloppe.

«Ce caractère, qui n'est point même différentiel, puisque nous en avons retrouvé l'analogie chez des poissons bien caractérisés, comme les Téléostéens, contribue à donner à l'animal une figure qui s'éloigne fort peu de celle du groupe des Tuniciers.» (*La vie et la forme 1900*).

Nous voici arrivé au terme de notre pérégrination dans le monde merveilleux des organismes primitifs, dont un certain nombre de genres ont dû disparaître. Entre les polypes du précambien (ère primaire) et *L'Acanthoteuthis* du Trias (ère secondaire) la longueur du temps écoulée se chiffre par 75 millions d'années. Les vers seuls sont déjà plus anciens de 55 millions d'années de *L'Acanthoteuthis*. Ce qui témoigne à tous les points de vue de l'admirable fécondité de la nature et de la résistance en même temps de ses premières créations organiques, qui, après avoir traversé une si énorme période, durent aujourd'hui encore et seront très probablement les dernières à mourir, lorsque notre planète ne sera plus habitable et la vie animale s'éteindra sur sa surface.

(1925)

EMILE SCHaub-Koch

(1959)

GÉNESE DA POESIA LÍRICA DO PAMPA

O gaúcho — afirmou Menendez y Pelayo — é, ainda, o campónio andaluz. Não se deve contestar a afirmação. Mas não se pode limitar o paralelo do gaúcho apenas com o campónio da Andaluzia. O gaúcho também guarda impressionantes similitudes com o campino português do Ribatejo. Nas cantigas há música, nas danças e na maneira de ser — convicto como é de que a valentia e coragem são virtudes qualificativas de sua raça — o gaúcho tanto se aproxima do andaluz quanto do ribatejano. E foi sempre guitarrista e cantador. Tem, entre seus antigos poetas, os poetas populares que se chamam «paiadores».

Jamais soube o nome das notas musicais nem ouviu outra música senão o gemido monótono do vento por entre o «pajonal», ritmado pelo galope do seu «pingo». Nunca folheou um livro senão o da natureza rude e solitária que o envolve. Assim devia ter sido no tempo de Homero, a vida dos rapsodos que com ele celebraram as façanhas dos heróis mitológicos. Assim cantaram os bardos gaulezes, os trovadores da Idade Média, a vagar, de castelo em castelo, com os seus romances impregnados do espírito guerreiro das cruzadas (1).

A Argentina celebrou seus cantores nativos em Hilario Ascasubi, José Hernandez e Estanislau del Campo. O Uruguai conheceu Bartolomé Hidalgo, «El Viejo Pancho», Elias Regules e Santos Garrido. O Rio Grande, para confirmar sua identidade de espírito com o pampa e conseqüentemente com a gente platina, também teve seus poemas cam-

(1) Godofredo Daireaux, «Tipos y Paisagen Criollos», pág. 115.

peiros que, como os do Prata, foram de preferência sátiras políticas.

Nosso «Antonio Chimango», de Ramiro Barcelos (Amaro Juvenal) e a «Estancia Abandonada», de Zéca Blau, dão mostras dessa identificação. Assuntos do campo, hábitos e costumes do campo, a serviço da sátira política. O motivo, que é sempre transitório, como os homens — desaparece, no tempo, e o que fica indelével, depois, é a beleza com que fixaram os poetas as particularidades que dão um carácter e uma fisionomia a cada povo.

Este é o caso de «Antonio Chimango» — o «Santos Vega» riograndense.

Para estabelecermos um paralelo quanto à similitude do propósito e natureza dessa poesia popular, seja ela argentina, uruguaia ou riograndense, examinemos alguns grandes poemets populares no pampa.

Começemos por um retrospecto histórico.

Para se estudar a poesia campeira da parte meridional da América, é necessário recompor a genealogia lírica do Prata. Bartolomé Hidalgo criou a escola e a escola tomou depois, dois caminhos autónomos: um, o da poesia dramática e satírica, ao mesmo tempo, e outro o da poesia descritiva ou pinturesca, com laivos filosóficos. No primeiro, vamos encontrar Hilario Ascasubi e Estanislau Del Campo. No segundo, José Hernandes. A poesia campeira do Rio Grande não podia fugir às mesmas contingências. E Amaro Juvenal — sua mais alta expressão — nasceu dessas coordenadas líricas. É Hidalgo, na ordem cronológica, o primeiro poeta campeiro dos países platinos.

Menendez y Pelayo⁽¹⁾ já escreveu que foram seus «Diálogos» o germe da poesia gauchesca. O poeta não teve seu berço nos *llanos*. Não fez propriamente a vida dos campos, como mais tarde Ricardo Güiraldes, o romancista argentino de «D. Segundo Sombra». Não era, no rigorismo

(1) M. Menendez y Pelayo, — «Hist. de la Poesia Argentina y Uruguaia» — Liceo de España — 1943.

do termo, um gaúcho, como também não o foram seus continuadores — Hilario Ascasubi e José Hernandez, o primeiro, autor de «Santos Vega o los Mellizos de la Flor» e o segundo, autor de «Martin Fierro».

Martimiano Leguizamon, que estudou profundamente a lírica de Hidalgo, traçou-lhe o perfil numa simples frase: «sua vida foi breve, mas para ele o tempo não correu em vão.» A vida de Bartolomé Hidalgo foi como a sua poesia — consagrada às lutas e aos sonhos da Liberdade. Nasceu em Montevideo em 24 de Agosto de 1788 e morreu em Buenos Aires a 28 de Novembro de 1822. Marcada pelo signo da tragédia, sua vida foi uma constante batalha, quase sempre perdida. Viveu na mais absoluta pobreza. Seu testamento tem muito daquelas últimas e comoventes disposições de D. Quixote de la Mancha: «Já disse que sou de uma família muito pobre, mas honrada. Que sou homem de bem e que é este o meu património.» A estas frases simples bem se poderia acrescentar a resposta que deu, certa vez, a um certo estilo injurioso de crítica a que não escapam nem mesmo os ascetas dos mosteiros: «Servi à Pátria e tive sob minha guarda muitos de seus cabedais. E estou pobre como nunca. Ofereceram-me, em Buenos Aires, uma secretaria de Governo, como recompensa dos meus serviços pela causa da liberdade dos nossos Povos. Recusei-a, porque não vim à procura de emprego, mas em busca de trabalho. Trabalho, para manter minha mãe tão infeliz e cuja situação depende do suor de minha frente.»⁽¹⁾

Vendeu seus versos, os seus famosos «cielitos» e «diálogos» nas ruas de Buenos Aires, a cumprir o amargo destino dos poetas de então... Jamais se curvou à arrogância dos vencedores. Era uma alma rebelde, mas um patriota e idealista. Em toda sua permanência em Montevideo, debaixo do domínio português, jamais compareceu a um

(1) Vida y Obra de Bartolomeu Hidalgo — Recopilacion de Nicolas Fusco Sansone, Liceo de Montevideo — 1944.

acto público e resistiu sempre às manobras subtis do próprio Lecòr. Três anos depois de desposar Juana Cortina, companheira voluntária de sua miséria e de suas dores, desaparecia em Buenos Aires. E tal foi a sua pobreza final que nem de seus despojos se conhece o destino.

Dele restaram — e bastam — os versos que abriram um rastilho na poesia do pampa e criaram um novo género lírico que daria, na Argentina, por um lado, o «Martin Fierro» de José Hernandez e, por outro lado, o «Santos Vega» de Hilário Ascasubi e «Fausto» de Estanislao del Campo, como no Rio Grande do Sul, o «Antonio Chimango», de Amaro Juvenal e a «Estancia Abandonada», de Zéca Blau.

Cabe ao Poeta a frase de Sarmiento, por consagração póstuma: «Como hablar de Ascasubi sin saludar la memoria del montevideano creador del genero gaúcho politico que, a haber escrito un libro en lugar de algunas páginas como lo hizo, habria dejado un momento de la literatura semi-barbara de la pampa.»

A linguagem de Bartolomé Hidalgo será motivo para curiosas investigações da origem de certos vocábulos ainda em uso no pampa e que, no entanto, o poeta os empregava em grifo, lá pelos anos de 1812 a 1816... Bem se poderá verificar que, neste quase século e meio de distância, os vocábulos se mantiveram fiéis à forma e ao sentido primitivos.

Nas suas sátiras políticas, os portuguezes eram quase sempre o alvo de sua obstinada preferênciã.

Será interessante, como documentário fisiológico, a transcrição corrida de alguns versos com palavras que foram e continuam a ser do uso indistinto dos gaúchos do pampa argentino, uruguaio e Riograndense do sul:

«Ya que encerré la *tropilla*
Y regogi el *rodeo*,
Voy a templar la *guitarra*
Para explicar mi deseo.»

*

Si fuese *guapo*... vaya!
 Pero que nos grite un *flojo*?

*

Vea lo que me pasó
 Al entrar en la ciudad
 Estaba el *pingo flacon*...

*

Que andaban haciendo por mi pago
 En el *saino parejero*?
 Porque tiene que correr
 Con el *sebruno* de Hilario...

*

Voy a poner ocho a cuatro
 A favor deste *bagual*...

*

Y al instante lo *conchaba*
 Ahura, pues, pregunto yo.

*

Y soy medio *payador*
 a usted le rindo las armas
 porque sabe mas que yo...

*

Tienda el *apero* y descanse
 Y con el *vayo* (baño) amarillo
 Camina, y *acolleráo*...

A identidade do vocabulário, na forma e no sentido, dispensa comentários. Não só na linguagem creoula, como no próprio vocabulário espanhol, estamos, constantemente a verificar a poderosa influência que mutuamente se empres-

taram lusitanos e espanhóis naquela parcela da América. Há versos de Hidalgo que se poderiam transcrever, sem alterações, para o *português* falado no Rio Grande:

Y con tantos *aguaceros*
Está el *camino pesáo*
Y *malevos* que dá miedo
Ainda uno no más *topando*

*

Anda el *run-run* hace dias...

*

La pu... los *maturrangos!*
Pero, amigo, nuestra Junta
Al grito los largó el *guácho*
Y les mandó la respuesta.

*

Nos *salimos campo-ajuera*
Y al enemigo *topando*
El *poncho* a medio envolver...

*

Nos *golpíamos en la boca*
Y ya nos *entreveramos...*

*

Diga Tristan... mas no quiero
Gastar pólvora en chimangos...

*

Que aunque haga rodar *la taba,*
Culos no más sigue echando...

*

No es una *barbaridad?*

*

Arrancamos lo que es nuestro
Hasta el *chiripá* limpiarnos...

*

Pues renasce el patriotismo
En el mas infeliz *rancho*.

*

Por cierto que en esta acción
Hizo un barro el General...

*

Hasta amigo, mi *picaso*
De las mansas se ha *apartáo*.

*

Y el no tiene *caracú*
Para *coparnos el resto*
Y lo que se ofrece es duda:
Pucha! Pero está lejazo!
Pero, ah! poeta cristiano,
Que *décimas* y que *trobes*:

*

En *caballos aperados*
Con pretales y coscojas

*

Una *chuspa* com pesetas ..

*

El inglés era *baquiano*
Que habia con unas *guascas*
Para montar los *muchachos*.
Depues hubo *volantines* ...

Aonde estaban los amigos
En beberaje y fandango
Y al otro, *ensilló* su ruano
Y se volvió a su *querencia*

Não é desarrazoado a conclusão de que o pampa é um território comum a três Pátrias. A linguagem de Hidalgo — usada há quase cento e cinquenta anos — quando a terra era apenas um campo de recontros sangrentos, está a provar a analogia evidente dos hábitos, dos costumes e das tradições, na vasta campanha do Sudoeste.

Padre Balduino Rambo, no seu notável trabalho intitulado «A Fisionomia do Rio Grande do Sul» — e que é uma tese científica das mais sérias divulgadas no Brasil nesta primeira metade do século — afirma que «a existência do homem na Campanha comporta problemas muito mais complicados do que seria a mera irradiação natural dos núcleos açoreanos do Litoral e da Serra do Sudoeste: nela interfere, mais do que em região alguma do Brasil, a vizinhança e a penetração do elemento castelhano sediado nas margens do Prata e em toda a bacia baixa e média do Paraná».

Explica que sua finalidade não é a de historiar as lutas e peripécias seculares que por fim teriam como consequência a incorporação definitiva da Campanha ao território nacional, mas apenas — enumerar as razões geográficas que ocasionaram tais lutas. E analisa os factores antropogeográficos da Campanha para afirmar que todas as linhas naturais se dirigem ao Uruguai. «Todas as suas paisagens são abertas, todos os seus campos convidam à criação intensa do gado. Toda a região pende para o Uruguai e, por meio dele, ao Prata.»

Essas as razões por que não se poderá apontar, nesta parte da América, a predominância de uma influência deste ou daquele povo sobre os demais. E eloquente ressaltará a verdade, se pensarmos que, na época de Hidalgo, a Cispla-

tina estava sob o domínio de Portugal e que a influência lusa era tão pronunciada na Banda Oriental que os próprios versos do Poeta rebelde ficaram impregnados do vocabulário português.

Essa interpenetração sincrónica e radical jamais nos dirá qual desses povos do pampa influiu mais poderosamente sobre os outros. A verdade é que o desenvolvimento geo-histórico da Campanha do Sudoeste formou um tipo único de gaúcho, inconfundível e singular nos seus caracteres marcantes...

A experiência da vida de campo, com os segredos de seus hábitos e costumes e a riqueza creoula do vocabulário estranho ao génio da língua, eles, os poetas, recolheram do convívio da vida guerreira, com os gaúchos, nas fazendas, nos acampamentos e nos fortins de fronteira. Mas, se não teve Hidalgo seu berço nos *llanos*, se não respirou, ao abrir os pulmões para a vida, a atmosfera pura em que respirava também o homem primitivo dos campos — já na transição acidentada do índio para o gaúcho e da taba para o galpão — não se lhe há-de negar, como não se negou a Hilario Ascasubi e a José Hernandez, que o gaúcho estava dentro de sua alma, em toda a pureza de sua forma, na bizarria de seus hábitos, na originalidade de seus costumes e na trama complicada de sua psicologia de mestiço. Sua poesia foi, por isso tudo, eminentemente popular. Popular, porque espelhou, em toda sua rudez, a incoação das lutas rebeldes da independência. A nóvel consciência americana despertava na sua própria linguagem, para expressar melhor seus anseios de liberdade política. E toda vez que os poetas tiveram, depois, necessidade de penetrar a alma do povo — para exaltar-lhe o entusiasmo — a linguagem foi sempre essa, directa e agreste, mas exacta e inconfundível.

Se Hilario Ascasubi divergiu de Hidalgo no processo e na técnica do verso, como mais tarde José Hernandez do próprio Ascasubi, não se poderá jamais tratar de um desses poetas sem entrelaçá-los e confundi-los, porque os três cantores maiores do pampa uruguaio e argentino tiveram a

sua inflamada expressão lírica nas coplas do cielito. Foi pelo cielito que Hidalgo reagiu, contrapondo-se à lírica formal e académica, pejada da eloquência oratória da época, com o desembaraçado brio nativo que era, na frase de Jimenez Pastor, a «tendência igualitarista do plebeu», inflamada pelos alentos do fogão creoulo e pela rubrica espalhante do facão libertário...

«Cielito, cielo que si,
echen la barba en remojo,
porque, segun olfateo,
no han de pitar del muy flojo

Aqui no hay cetro y coronas.
Ni tampoco inquisicion;
Hay puros mozos amargos
Contra toda expedicion.»

Estes versos eram escritos em 1819 e dedicados à expedição espanhola daquela data. Depois Hidalgo celebraria toda a luta nacional contra os invasores aventureiros, com uma das suas páginas máximas, que foi sobre a batalha de «Maipú», onde surpreendeu o «entrevero», os choques de corpo-a corpo, dizendo que «hubo tajos que eran risa»;

«A uno el lomo le pusieron
como pliegues de camisa.»

Em Hidalgo, nos seus «Diálogos», está a origem de toda a poesia creoula do pampa. Ascasubi daria a Santos Vega o dramatismo pitoresco da vida da «Fazenda de la Flor» e José Hernandez conservaria melhor a forma primitiva ao preferir o «dialogo» nos moldes clássicos.

«Martin Fierro» guardou muita semelhança com esses «dialogos» de Hidalgo, — tanta semelhança que estes versos, escritos pelo mais antigo poeta creoulo do Uruguai, em 1822, poderiam estar nas páginas do «Martin Fierro»:

«Si amigo, estaba de balde,
Y le dejé a Salvador:
Andá trae-me el Azulejo,

Apretamelé el cinchon
Porque voi a platicar
Con el paisano Ramon.»

Mas Hilario Ascasubi, nascido em 1807, em campo aberto, quando seus pais faziam acidentado itinerário por Cordoba, recolheria também da guitarra gauchesca de Hidalgo uma grande e poderosa influência ao derivar para o drama, para a novela, com abundância de lances episódicos. Seu nascimento no pampa foi um acidente. E apenas com 14 anos fazia parte da tripulação marítima de um barco mercante americano, que o levou aos Estados Unidos. Em 1860 seria enviado diplomático do Presidente Mitre a Paris. Entre essas duas viagens, tão desiguais nos seus objectivos, Ascasubi foi jornalista, no Salto, e militar, na guerra contra o Brasil.

De suas lides políticas contra Rosas, resultaria sua prisão e seu recolhimento a bordo do Pontão «El Cacique».

Ascasubi estava no index do «Tigre de Palermo», pois se inscrevera naquele partido a cujos adeptos Rosas baptizara de «salvajes unitarios».

Por vinte e três meses o poeta sofreu a supressão da liberdade num imundo calabouço e só depois do empenho de certas vozes patrióticas em Buenos Aires, é que lhe foi dada a prisão de «El Cacique». A bordo deste «pontão», Ascasubi começou a escrever os seus primeiros versos que se multiplicariam depois de sua fuga para Montevideo, quando pesou sobre sua cabeça a sentença de morte do Tirano. No exílio, associou-se ao destino de personalidades eminentes como a de Alsona, de Mitre e de Marmol — o poeta da liberdade, em cujos círculos Ascasubi pode revelar sua cultura e a agudeza de seu espírito. Mas apesar de sua erudição e de suas múltiplas disciplinas humanísticas, Ascasubi permaneceu fiel ao género a que se lançara, na poesia, isto é, aos *cielitos*, às *medias canhas* e às *coplas*, em que predominava o tom amargo do sarcasmo dirigido à plebe mazorqueira. Foi Ascasubi, depois de Hidalgo, o poeta de mais larga percussão na alma de seu povo. Esta-

nislau del Campo, com seu poema «Fausto», foi um seguidor de Hilario. E José Hernandez, se abandonou o drama, propriamente, que foi criação de Ascasubi, não fugiu à influência directa do poeta de Santos Vega, no diálogo. E teremos que justificar este valimento. Ascasubi era um contemporâneo e sua poesia moderna. Ascasubi nascera em Cordoba, a 14 de Janeiro de 1807. E José Hernandez a 27 de Julho de 1834, nos subúrbios de Buenos Aires, no Casarío de Perdriel.

Quando em 1853, com 19 anos, José Hernandez se incorporou às forças do Coronel Pedro Rosas e de Belgrano, para defender o governo contra a sublevação de Hilario Lagos, Ascasubi já contava 46 anos de idade e já havia publicado, nas páginas de «La Regeneracion», o seu poema «Paulino Lucero», dedicado ao General Urquiza, de quem fora ajudante de ordens. Já em 1851, D. Vicente Fidel Lopes criticava os poemas de «Los Mellizos de la Flor», destacava as virtudes do poeta e dava-lhe um lugar de relevo na literatura ainda inconsistente da América.

Nessa época, de formação heróica, em que os poetas também eram guerreiros e lutavam pelas liberdades de suas pátrias, é lógico que o jovem José Hernandez — leitor apaixonado de Hidalgo — sofresse, de certa forma, a sedução da poesia de Ascasubi, em quem encontraria, sem dúvida, novos recursos líricos e novos processos técnicos.

Juan Ferreyra Basso ⁽¹⁾, numa admirável síntese crítica salienta a diferença entre os dois poetas, diferença que se acentua não só nos tipos físicos de seus heróis, como nos próprios versos. E diz que ao identificar os autores com suas criaturas, como já o fez o povo, Martin Fierro é o gaúcho aprumado, senhor de si mesmo, para quem a vida e a experiência apagaram o sorriso franco e desarmaram a imponência. «Paulino Lucero» (ou Aniceto el Gallo) é a sua antítese — um jovem arrojado e cantador, cuja dextra

(1) Juan G. Ferreyra Basso — «Los poetas Gauchescos» — Edición de la Municipalid de la Ciudad de B. Ayres, 1945, fls. 15-27.

tanto é capaz de apanhar o cravo na haste como o facão na bainha, sem que se perceba a diferença do gesto e sem que o sangue vivo a escorrer-lhe da lâmina lhe pese mais do que o rubro fogo perfumado da flor. Enquanto Hernandez é o narrador de acontecimentos e factos, Ascasubi quase sempre fala de dentro de seus heróis, dá-lhes vida independente, autónoma, em virtude de uma correlação maior entre o cenário e a acção, sem obrigar o leitor a um prévio conhecimento do ambiente e das modalidades campeiras que narra. É possível que Hernandez supere a Ascasubi na intensidade lírica, mas para que prevaleça este paralelo há que se ter em conta a diferença das intenções que alentaram ambos os poetas e a diversidade dos motivos originais.

A exposição de *Martin Fierro* descortina um panorama geográficamente mais limitado e refere-se, apesar de seus numerosos personagens e sucessos, a um objectivo essencial: à pobreza do gaúcho, à injustiça de que foi vítima e à razão de sua rebeldia contra aqueles que lhe desconhecaram os direitos mais elementares. Os *paisanos* de Ascasubi actuam, pelo contrário, em variados ambientes e suas manifestações vitais e expressivas nascem adaptadas às necessidades circunstanciais. Existem, é claro — acentua o crítico — numerosos pontos de vista de relação entre ambos autores: por exemplo, essa idêntica forma de começar os poemas, com invocação do amparo divino. Em *Martin Fierro*:

Pido a los santos del cielo
que ayueden mi pensamiento.

Em Ascasubi:

«Ea, lengua no te turbes
en lance tan soberanos
Virgen mia de Lujan...

Ascasubi conquistou uma projecção invejável na alma da juventude de seu tempo e na alma de todos os povos hispano-americanos. O poeta surgiu à sombra dos cala-

bouços de Rosas, como também nascera a poesia de Marmol. E se Marmol foi o poeta da liberdade dentro das escolas clássicas da época (Ah! Rosas! No seu puede reverenciar a Mayo sin arrojar-te eterna, terrible maldicion...), Ascasubi foi a voz rústica dos campos, a traduzir, no fraseado bárbaro da terra, o anátema, a condenação e os próprios vagidos da revolta.

Hernandes, sobrinho-neto de Pueyrredon, o prócer nacional, era, como Ascasubi, também unitário. Apenas com seis anos de idade ficara na companhia de seu avô espanhol, Hernandes, ligado a Rosas e aos federais, enquanto seus pais e seus tios se refugiavam nas fronteiras do Brasil, acossados pela Mazorca. O mesmo caminho que anos mais tarde ele também trilharia, levado, como o pai e como os tios, ao exílio, pelas lutas políticas.

Sob a influência do estro de Hidalgo e da poesia nova de Ascasubi, José Hernandes, tomou para a sua lírica, os mesmos motivos do campo. E seu primeiro trabalho literário foi a biografia de um caudilho argentino «El Chacho», em cujo livro Hernandes dirigiu as mais severas críticas a Sarmiento, então governador de San Juan. Em 1872 publicou a primeira parte de Martin Fierro, escrita depois de seu exílio de Sant'Ana do Livramento no Brasil, e em 1879 a segunda parte do poema.

Quando Martin Fierro aparece, já se assinala o ocaso de Ascasubi, cujo poema, *Santos Vega*, fizera época em toda a América de língua castelhana.

Nos poemas de Ascasubi o gaúcho é o da tirania de Rosas. Em suas dramatizações, há sempre a luta doméstica, as paixões das tribos políticas, toda a desinteligência sangrenta entre federais e unitários. Toma partido, exalta o valor de seus correligionários e extravasa seu ódio contra o tirano. E o ponto alto de seu drama é Urquiza, como figura de idealista, como símbolo de perfeição moral, como tipo de político e patriota.

Em *Santos Vega*, um gaúcho paiador, narra as vicissitudes de seu rincão, em luta contra o despotismo e traduz todos os hábitos e costumes rurais do século XIX.

Entre este género de poesia novelesca e satírica de Ascasubi e aquele que José Hernandez criou em *Martin Fierro*, com o drama do gaúcho egresso das tropas de linha, em fuga dos suplícios dos fortins de fronteira, intercala-se Estanisláo del Campo, com a invenção original de Fausto, contada também, por um gaúcho paiador, depois de haver visto o drama de Goethe no teatro Colon.

José Hernandez surpreende a gaúcho matreiro afeito à liberdade absoluta dos campos, o filho dos *llanos*, perseguido pelos chefes militares e pela justiça, insubmisso ao serviço das tropas de fronteira. Não se distanciou, neste particular, do próprio Ascasubi que toma para herói de seu canto um *malevo*, que muito deu a fazer à justiça e à policia.

Ascasubi empresta ao seu herói o cenário de uma estância e apanha os costumes até dos índios — o primeiro inimigo «y constante zozobra del gaúcho». Santos Vega é novela rimada, com toda aquela morosa loquacidade do nativo, que a torna um pouco enfadonha e, às vezes, repisada das próprias imagens. Nada há que corrigir-lhe, porém, na vida e costumes do pampa e no retrato do gaúcho do século XIX.

Martin Fierro traçou no pampa a sua larga perspectiva e seus versos recolheram essa sabedoria que rola generosamente pelos fogões, na voz dos velhos tapejaras e vaqueanos. Foi escrito numa linguagem rústica, já em desuso no Prata, e na qual se descobre a contribuição do arcaísmo espanhol e das vozes indígenas. Mas talvez por isso mesmo o poema se torne cada vez mais popular e abranja cada vez mais amplo território de investigações folclóricas.

A técnica usada por José Hernandez, diz Rafael Jijena Sanchez (1), não é tradicionalmente argentina. O poeta utilizou-se da décima, mutilada nos primeiros versos. E, segundo opinião do autor de «Achalay» e «Ramo Verde»

(1) Rafael Jijena Sanchez — «De nuestra poesia tradicional» Inst. de Cooperacion Universitaria — B. Ayres, 1940.

e do ensaísta Eduardo Castilla, quer o herói do poema, quer os motivos do canto como a própria técnica utilizada, teriam sofrido a inegável influência do ambiente campeiro do Rio Grande do Sul, onde José Hernandez encontrou a hospitalidade mais franca, nos meses largos de seu exílio político de 1870.

Ao examinarmos o curioso estudo «Advertencias del Gaúcho Martin Fierro a los marineros de la Armada Nacional», da autoria do Vigário Geral da Armada Argentina⁽¹⁾ verificaremos, no texto do estudo bem como nos magníficos apontamentos à margem, que no grande poema argentino se repete o fenómeno que há pouco anotávamos na lírica de Bartolomé Hidalgo. Muitos dos termos de Martin Fierro são termos comuns ao linguajar do Rio Grande do Sul e do Uruguai. E aqui, como no caso de Bartolomé Hidalgo, a interpenetração social, facilitada pelo Pampa, como território comum a três países, não nos dirá ainda e talvez nunca nos possa deixar ver claramente, onde o berço de cada uma dessas expressões que servem, a um tempo, na mesma forma e no mesmo sentido, a uruguaio, argentinos e riograndenses do sul.

O próprio vocábulo *gaúcho*, tão discutido na sua etimologia, encontra numa anotação destas «Advertências» a seguinte explicação: «Concoloncorvo diz «gauderio» à classe dos campeiros, em 1773 (Lazarillo, c. I VIII). Pouco depois, Diego de Alvear regista, no seu «Dicionário» (1783-1791): «Gaúchos ou Gauderios» — así llaman a los hombres del campo». E se a anotação do lúcido comentarista de «Martin Fierro» é insofismável, temos a mais exacta das informações nesta frase: «Desde então a voz «gaúcho» manifesta-se, a cada passo, nos textos rioplatenses». A voz «gaúcho» populariza-se, portanto, na Argentina, depois de 1770. Ora, pelas afirmações de Aurélio Porto sabemos que no Rio Grande do Sul aparecem, pela primeira vez,

(1) «Advertencia del Gaucho Martin Fierro» — Minist. de Marina, 1942.

referências a «gaúchos de campo desertores de dragões e blendengues», no ano de 1750. O gaúcho, portanto, como originário do *changador*, que surgiu na Banda Oriental no ano de 1729, nasceu nos campos comuns ao Rio Grande do Sul e à Banda Oriental, possivelmente no comércio constante de gados entre Soriano e outros pontos do litoral platino e as vastas e ricas fazendas jesuíticas da região missioneira.

Mas verifiquemos, como no caso da lírica de Hidalgo, algumas expressões de Martín Fierro, que tão de perto nos dizem respeito, a nós riograndenses do sul:

Quarta, laço para auxiliar a tracção de veículos:

«Viene el hombre ciego al mundo
cuartandolo la esperanza...»

Vê-se o mesmo emprego do vocábulo, em Ascasubi, Gallo, Estanislau del Campo e outros regionalistas.

«Hago gemir a la *prima*
y llorar a la *bordona*.»

A guitarra de Fierro, como todas as guitarras dos paia-dores clássicos do século XIX, era de seis cordas. A «prima» e a «quarta» são as duas cordas da melodia de que se utiliza o gaúcho para a «tooda» melancólica de seus cantares.

«Desde que ese tono elija,
Yo no he de aflojar *manija*»

Manija, *manica* ou *manicla* é a menor das três pedras que formam a boleadeira e da qual o gaúcho se utiliza — por ser a menos pesada — para fazer girar as outras e lançá-las às patas dos animais. Também é a pedra que prende os dedos do pé quando transforma o instrumento de trabalho em instrumento de luta, de tão perigosas e funestas consequências. Daí o afarisma: «aflojar» ou ceder, largar a *manica*...

«De su *pingo* y de su lonja
Toda salvacion espera»

As duas vezes predilectas de que usa o gaúcho para designar o cavalo, quando excelente, são «flête» e «pingo» e isso tanto no Uruguai, como na Argentina e no Rio Grande do Sul.

«Y golpeandose en la boca hicieron fila adelante».

«Golpear-se en la boca», bater na boca. É vangloriar-se diante do inimigo. Era também costume dos índios ao entrarem em combate para provocar a confusão do adversário. Ainda como sinal de burla ou de entusiasmo da vitória.

Nos fins do Século XVIII os gaúchos já usavam a expressão: «Golpear-se na boca».

«Que ni *voltiadas* las reses
se les querian arrimar».

Voltiar, derrubar a rez. Neste sentido, conserva-se a tradição espanhola de «voltear». No pampa, porém, o termo tomou nova dimensão, como se vê do verso de Fierro. Refere-se de preferência, às operações campeiras que se praticam no movimento do gado vacum. No sentido simbólico, «*volteada*» é também uma cilada.

Si usted no le dá, no *pitan*
por no gastar un tabaco.

Pitar, fumar. Regionalismo conhecido em todo o Rio Grande do Sul e parte do Brasil. Também usado no Chile.

Y cuando pescan un *náco*
unos a otros se lo quitan

Náco, pedaço de fumo negro, em corda. O regionalismo é nosso. Do Brasil passou para o Prata.

«Aunque muchos cren que el gaúcho
tiene un alma de *reyuno*...

Reyuno, o cavalo que pertencia à Fazenda Real. Cortava-se-lhe a ponta da orelha, como sinal de propriedade do Estado. O espanhol dizia para os indivíduos desalmados ou ímpios: «Alma de cavalo». Os gaúchos fizeram a transposição de forma mais explícita e mais justa: «*Alma de reyuno*» — porque foi sempre este o peor e mais desprezível dos cavalos...

«Que nada me ha acobardáo
Y siempre *sali paráo*...

Salir paráo. Sair ou cair de pé. É a proeza mais exaltada que pratica o gaúcho, quando o cavalo roda, na doma ou na corrida.

«Porque el zorro más *matrero*
Suele cair como um chorlito...

Matrero, o rebelde. Voz também usada no sentido de «sagaz» de astuto, no espanhol do século XVI, e a que os gaúchos emprestaram o significado de arisco. O nome vem do uso da *matra*, com que o gaúcho improvisava a cama, no relvado das restingas.

Tampoco yo le *daba alce*
como deben suponer.

Dar alce, dar alento. Geralmente, a frase é empregada na forma negativa: «Não dar alce ao inimigo». Não deixá-lo respirar. Não tolerar nem transigir com o adversário.

Al fin de corté una *soga*
Y lo empecé aventajar.

Soga, alusão, no caso, a uma das cordas da boleadeira. Diz-se também da corda de couro, de cabelo ou de fibra vegetal, com que se atam os animais à pastagem.

Vaca que cambia de *querência*
Se atrasa en la parición.

Querência, segundo o próprio José Hernandez, em suas «Instrucciones del Estancieiro», à pág. 37: «Só depois da parição é que o gado toma querência». Não se deve esquecer que quando o gado troca de querência, a parição retarda». Por extensão, se diz à terra em que se nasce. Nesse caso, um sinónimo de *pago*.

«El que maneja las *bolas*,
El que sabe echar un *pial*
O sentar-se en un *bagual*...

Bolas, as *boleadeiras*. Grenon registra a denominação de «bolas de pampa» (os índios) em 1739. Muñis acresce: «bolas de potro» e informa que, das três, a de sogá mais curta chama-se *manija* e, as outras *voladoras*. Na prática, os gaúchos se referem ao nome de bolas, quer às «potreadeiras» ou às «avestruzeiras».

Bagual — cavalo sem doma, antigamente chamado *chimmarrão*. Como no Rio Grande do Sul, também se diz na Argentina, às pessoas grosseiras, brutais ou estúpidas: «um bagual!»

Pial — Pealo. Tiro de laço aos pés do animal. Acto de pealar, que é laçar o animal pelos pés, estando este em movimento. No Rio Grande fala-se muito no *pealo de cucharra*. Os argentinos tem o «pealo de codo vuelto».

Estaba de centinela
Y por causa del *peludo*...

Peludo, nome de um mamífero desdentado, do pampa, que serviu para designar a embriaguez. O sentido, hoje, mais vulgar do *peludo*, é semelhante ao *pegiagudo*, comum aos três povos do pampa. Trabalho difícil, empresa difícil, penosa. «Tirar um *peludo*» é safar um veículo do atoleiro.

«Y en las playas corcoviando
pedazos se hacia el *sotreta*.»

Sotreta, cavalo inutilizado, quase sempre por velho. Nesse sentido o empregam, ainda, Ascasubi, Gallo Lynch, Reyles e Javier de Viena.

Mientras el, por las *paletas*,
le jugaba las *lloronas*

Paleta, omoplata do animal. Carne da paleta ou da pá — a pior carne da rez. Amaro Juvenal, no «António Chimango», tem este verso:

«Levou tempo o Chimango
Ruim como a *carne da pá*.»

Lloronas, choronas. As esporas de ferro, de rosetas grandes. Também usavam-nas de prata. Ricardo Giraldes, em D. Segundo Sombra (C. VI) diz: «Valerio se calzó un brillante par de *lloronas* de plata».

Nos tomaram por *bomberos*
Y nos quisieron lanzar...

Bombero. Bombeador. À expressão autêntica, mesmo, é *bombero*. Concoloncorvo emprega o vocábulo: «Estos pampas (os índios) y aun las demás naciones tienen sus espías, que llaman *bomberos*».

«Acompaña con su grito
el cimbrar de la *tacuara*.

Tacuara — Taquara. Vocábulo de origem guarani, que corresponde ao nome do bambú gigante (*bambusia taquara*).

«Con el dueño de una fonda
que entraba en la *peladera*.»

Peladera, de pelar. Despojar o adversário, no jogo ou no negócio.

Ascasubi também emprega a palavra com este mesmo sentido:

«y la jugada siguió
hasta el veintetres de tarde
que del to lo me *peló*...

Diz o gaúcho riograndense:

«Do jôgo sai pelado»...
«Barajo... si no trataban
como se trata a *malevos*

Malevo — fascinoroso. Nos documentos dos Tribunais de Cordova, desde meados do século XVIII, alternaram o emprego das formas de *malevo* e *malévolo*. *Malevo* é brasileirismo.

«Y a cual quiera desgraciáo
lo llevaba por delante».

Llevar por delante, levar pela frente. Atropelar ou ultrajar, no sentido simbólico.

È de uso corrente no linguajar de todos os povos do pampa.

«Ganarás solo que estés
en vaca con algun santo...»

Vaca — em sociedade. «Hacer una vaca» — «Fazer uma vaca».

«Y aquellos que en esta historia
Sospechan que les *doy palo*».

Dar palo. Meter o pau. Censurar, atacar, criticar com veemência.

Longo e exaustivo seria o exame do linguajar de «Martin Fierro». Do poema, apenas oferecemos alguns aspectos, tomados a esmo.

Restabelecidos os laços de parentesco entre os poetas creoulos do pampa, veremos que todos encontram seus precedentes em Bartolomé Hidalgo, com seus «Diálogos».

E concluiremos que Ascasubi empresta ao género lírico a novidade de sua técnica, com o seu malevo e o pituresco de sua forma descritiva, como José Hernandez, a sabedoria, a filosofia e a experiência campeira de seu herói.

Retraçados esses caminhos, podemos cortar um atalho para o encontro do nosso maior poeta campeiro, que foi Amaro Juvenal, com seu *Antonio Chimango*. E seremos forçados a filiá-lo, desde logo, à corrente lírica de Ascasubi muito mais que à de José Hernandez. Primeiro, porque António Chimango é uma sátira política. Segundo, por que se desenvolve numa estância. Terceiro, porque é também narrado por um gaúcho igualmente e ao som de uma cordeona. As semelhanças que lhe apontaram, por tudo isto, ao poema *Martin Fierro*, não são de *Martin Fierro* propriamente, porque isso Hernandez recolheu no próprio Ascasubi. Como em António Chimango, encontramos em Santos Vega uma sátira política, dramatisada. A história é contada por um gaúcho experiente. E o dono da estância, a figura de um idealista e patriota. E o que o poeta procura causticar, em Santos Vega, é uma época de injustiças e crimes políticos, praticados por um homem que abusa do poder, como tirano. A este homem dá o apodo político de *Chimango* (1).

Bastariam estes pormenores, que não encontramos em *Martin Fierro*, para logo nos surgir, manifesta, a filiação de António Chimango. E, do exame demorado e em conjunto dos três poemas, mais persuasiva se torna a tese. Santos Vega acomoda seu herói para o início da narrativa:

«Desensilló el forastero
y del palenque al bragão
Rufo lo echò acollarão
Al campo con un obero;

(1) Gustavo Carabello aproveitou do apodo político para sua novela histórica contra Rosas, a quem qualificou de «ave de rapina, aferrada sem piedade sobre a vida indefesa». O título de seu livro é *El Chimango*.

de ai le acomodó el apero
 del cantar en su rincon;
 y luego para el fogon
 a la caldera acudieron
 y ansi que hirvió, se pusieron
 a tomar un cimarron.»

Da mesma forma Amaro Juvenal, em seu António Chimango, prepara o ambiente para o seu trovador:

«Antes que ficasse escuro
 As camas foi se arranjando
 C'os arreios e tratando
 De ver lenha p'ra o fogão
 Que um bom fogo é o galardão
 De um pobre que anda tropeando.
 Comeu-se carne a la farta,
 Depois veio o chimarrão
 Correndo de mão em mão;
 Té que a agua se acabasse
 E a tropa se acomodasse,
 Se foi fazendo serão.»

Na longa narrativa de Vega, faz-se o comentário do nascimento do filho que «el cielo apiadado» concedeu a «doña Estrela»:

«Corrio luego la noticia
 Con la prontitú del rayo
 Y a ver el recien nascido
 Se descolgó el vecindário,
 Trayendole parabienes
 Al señor don Bejarano,
 Que a todos los recibia
 Agradecido y ufano.»

Amaro Juvenal aproveita do mesmo motivo, para descrever o nascimento de seu herói:

«Nos cerros de Caçapava
 Foi que viu a luz do dia,
 A hora d'Ave Maria,

De uma tarde meio suja;
Logo cantou a coruja
Em honra de quem nascia.
Tão esmirrado e choquinho
Que ao finado seu padrinho
Disse espantada a comadre:
«Virgem do céu! Santo Padre!
Isto é gente ou passarinho?»

Escolhido o cenário para o seu drama campeiro, Ascasubi lhe faz a descrição:

«Tal era la estancia grande
Que don Faustino pobló
Conocida alla en su tiempo
Por La Estancia de la Flor...»

Com o mesmo entusiasmo de Ascasubi, Amaro Juvenal nos dá o painel de sua Estância de São Pedro:

«Estancia linda era aquela,
Onde a vista se estendia
Por mais de uma sesmaria
De campo todo gramado;
Era de fama o seu gado,
— Quer de córte, quer de cria.»

Ascasubi exalta o tipo humano do fazendeiro de «La Flar», Don Faustino, que se aproxima ao penegirico que traça sobre o Coronel Prates o poeta de António Chimango:

«Pues don Faustino tenia
La excelente condicion,
Que al conocerle a cualquiera
una buena inclinacion,
y un rigular proceder,
le franquiba el corazon
sin más interés ninguno
que el gusto de hacer favor...»

*

«O Coronel Prates, cuepucha!
 Tinha um dom particular.
 Trabalhador, camperaço;
 Era um homem de respeito,
 Tinha firmeza no braço,
 Na vista a mesma firmeza;
 Pois era aquela certeza
 Quando sacudla o laço!»

O paiador de Ascasubi canta, noite por noite, a sua história da mesma forma que o paiador de Amaro Juvenal narra o drama da Estância de São Pedro, de *ronda em ronda* de sua *tropeada*:

«Luego sin mas esperar,
 El payador mui contento,
 Recorriendo el pensamiento,
 Dijo: Voy a continuar
 Se desean escuchar
 Que prossiga mi argumento.»

*

«Inda tenho que dizer
 O canto não se acabou
 Que vá dormir quem cançou;
 Eu cantando é que descanso.
 E o mulato assim de manso
 A história recomeçou.»

*

«Ansi, desde charabon
 El mellizo mas flauchin
 Descubrió um alma tan ruin,
 Y preversa de tal modo,
 Que con buena crianza y todo
 Salió un saltiador al fin.»

•Era o mimoso da estância.
Todos reparavam nisso;
Parecia até feitiço
Aquele predileção!
Tão grande era a protecção
Que recebia o magriço.»
•De vagar se foi metendo
Todo cheio de mezura,
Como piolho por costura
Em tudo que era de casa;
E assim foi criando aza
Como marcha certa e segura.»

Ascasubi põe na boca de seu paiador a lembrança de:

•Um cantor como Lechuza
que nació e murió paiando
Sin que a ningun paiador
de todos los afamados
le reulara Lechuza
la pisada de un *chimango*.

Surge aqui, no poema de Hilário, a primeira referência a Rosas, com o apodo político de *chimango* de que mais tarde usaria Gustavo Carabello para título de sua novela histórica. *Chimango*, que Amaro Juvenal proferiu como nome de seu herói, na própria capa do livro...

•Para les contar a vida
Saco da mala o bandonio,
A vida de um tal Antonio
Chimango por sobrenome,
Magro como lobishome
Mesquinho como o demonio.»

E no grande repositório creoulo de Santos Vega, José Hernandez também encontrou muitos dos elementos que constituíram o seu poema imortal:

•Para ponerlo en camino
de prender por malhechores,

primeiro que al tuerto lores
conocido por *Viscacha*...

Não seria neste verso que José Hernandez recolheu o nome de batismo de um de seus heróis, como Amaro Juvenal o apodo político de sua sátira?

«Me llevó consigo un viejo
que pronto mostró la hilacha
dejaba ver por la facha
que era medio cimarron;
muy renegáo, mui ladron
y le llamaban *Viscacha*».

Não se pode fugir ao confronto de todos estes poemas creoulos que guardam uma similitude enorme. Mas o que transparece claro é que foi Hidalgo o creador do género, com seus «Diálogos» e que Ascasubi lhe deu a forma dramática, como Hernandez a descritiva e filosófica. E na família lírica do pampa, podemos, então, situar Amaro Juvenal, com seu «Antônio Chimango», muito mais aproximado de Hilário Ascasubi do que José Hernandez, na semelhança do tema, dos motivos, dos personagens e da técnica.

Neste paralelo ressalta um poderoso argumento para a afirmativa tantas vezes repetida do que no pampa americano o homem é um só, dentro de um mesmo território, idênticas como são sua vida, seus costumes, suas tradições, sua indumentária, sua psicologia e sua maneira de cantar.

MANOELITO DE ORNELLAS

BIBLIOGRAFIA

- Ascasubi — «*Santos Vega o los Mellisos de la Flor*» — Ed. Sopena, B. Ayres, 1930.
José Hernandez — *Martim Fierro*.
Estanislau del Campo — «*Fausto*» Krafft Ltda, 1942, B. Ayres.
«*Vida y Obra de Bartolomé Hidalgo*».
«*Antonio Chimango*» de Amaro Juvenal.
«*Zeca Blau — Estancia Abandonada*».

O MILAGRE
DE TEÓFILO

O. W. W. W. W.

BY THE BOARD

PREFÁCIO

Salvo erro, aparece pela primeira vez uma versão em língua portuguesa, em verso, do famoso *mistério de Rutebeuf*, *O Milagre de Teófilo*.

A tarefa, tão penosa como audaciosa, foi empreendida escrupulosamente. O tradutor teve a preocupação de se manter fiel à beleza formal dos versos, e, tanto quanto possível, à própria métrica do original, à disposição das rimas e à estrutura das estrofes. Julgou-se também necessário transpor para a tradução o tom e o sabor medievais do texto francês, para o que foram utilizados alguns vocábulos arcaicos, colhidos nos nossos Cancioneiros.

No seu livro — *Le Théâtre en France, Petit de Juleville*, Professor da Faculdade de Letras de Paris, informa:

«O Milagre de Teófilo é a única peça que nos transmitiu Rutebeuf, escrita para o teatro.

Na idade média chamava-se milagre à narrativa de qualquer acontecimento miraculoso atribuído à Virgem ou aos santos. Quando a narrativa era posta em drama e dialogada, como no caso presente, conservava este título.

Veremos mais adiante que o género dos milagres dramáticos parece ter florescido principalmente no século XIV.

Teófilo era um padre ambicioso que vivia no século vi, e passava por ter vendido a alma ao diabo para recuperar um cargo perdido. Converteu-se logo depois, e alcançou a sua salvação, por intercessão da Virgem Maria. Esta história era muito divulgada por toda a cristandade da idade média e todas as artes, a poesia, a escultura, a pintura e os vitrais a tinham popularizado. O estilo de Rutebeuf oferece mais energia do que graça ou unção; convinha mais à expressão dos sentimentos amargos e violentos que à da penitência e da humildade. A melhor parte do drama é aquela em que Teófilo desabafa a sua raiva ímpia, depois da perda do cargo, quando fica só, sem amigos, sem recursos, a braços com a sua ruína».

Salvo o devido respeito pelo juízo crítico de Juleville, parece-me que o estilo da Oração à Virgem exprime tão perfeitamente um sentimento de humildade, graça e unção, que julgo esse momento do drama um dos mais altos cumes do lirismo delicado e gracioso do mistério.

Mas o leitor lerá e julgará.

Duas palavras acerca de Rutebeuf, extraídas da obra acima citada:

«Rutebeuf, contemporâneo de S. Luis, viveu pobre e desprezado, em Paris, onde provavelmente teria

nascido. Apesar de excelente escritor, poeta enérgico e dotado de uma inspiração muito variada, foi pouco apreciado pelos seus contemporâneos. Nem um só se referiu a ele.

Foi extraordinário, principalmente na sátira.»

No dia 7 de Maio de 1933 e nos seguintes, foi representada, pela primeira vez, em Paris, a transposição do Milagre de Teófilo, feita por Gustavo Cohen. O êxito do espectáculo excedeu todas as expectativas.

Léon Cledat, biógrafo de Rutebeuf, dissera que no milagre havia belos versos e edificantes tiradas (!!!); que nele se não encontrava um conjunto bem concebido, constituindo, verdadeiramente, uma boa peça de teatro.

Quando Cohen leu, a uma roda de amigos, o original do mistério, na sua reposição, chegou a ouvir estas palavras ditas pela boca de grandes críticos teatrais: «Sim, é lírico, mas não dramático!»

Ora a realização, no palco, duma peça que tinha sido escrita para ser representada, desmentiu todos os vaticínios erradamente feitos a priori.

E aquele texto medieval que havia sido o terror dos estudantes, passou a ser, desde o dia da sua representação, o encanto dos espectadores de todas as classes sociais.

Alguns alunos da Universidade da Sorbonne, escolhidos e preparados pelo Mestre, para intérpretes deste maravilhoso poema lírico dramático, desempenharam tão bem os seus papéis, que o milagre se fez milagre. Constituiu-se então o Grupo dos Teofileanos que ganhou fama internacional. E desde 1933 até 1953, o mistério aqui dado em versão portuguesa contava para cima de mil representações em todo o mundo culto (1).

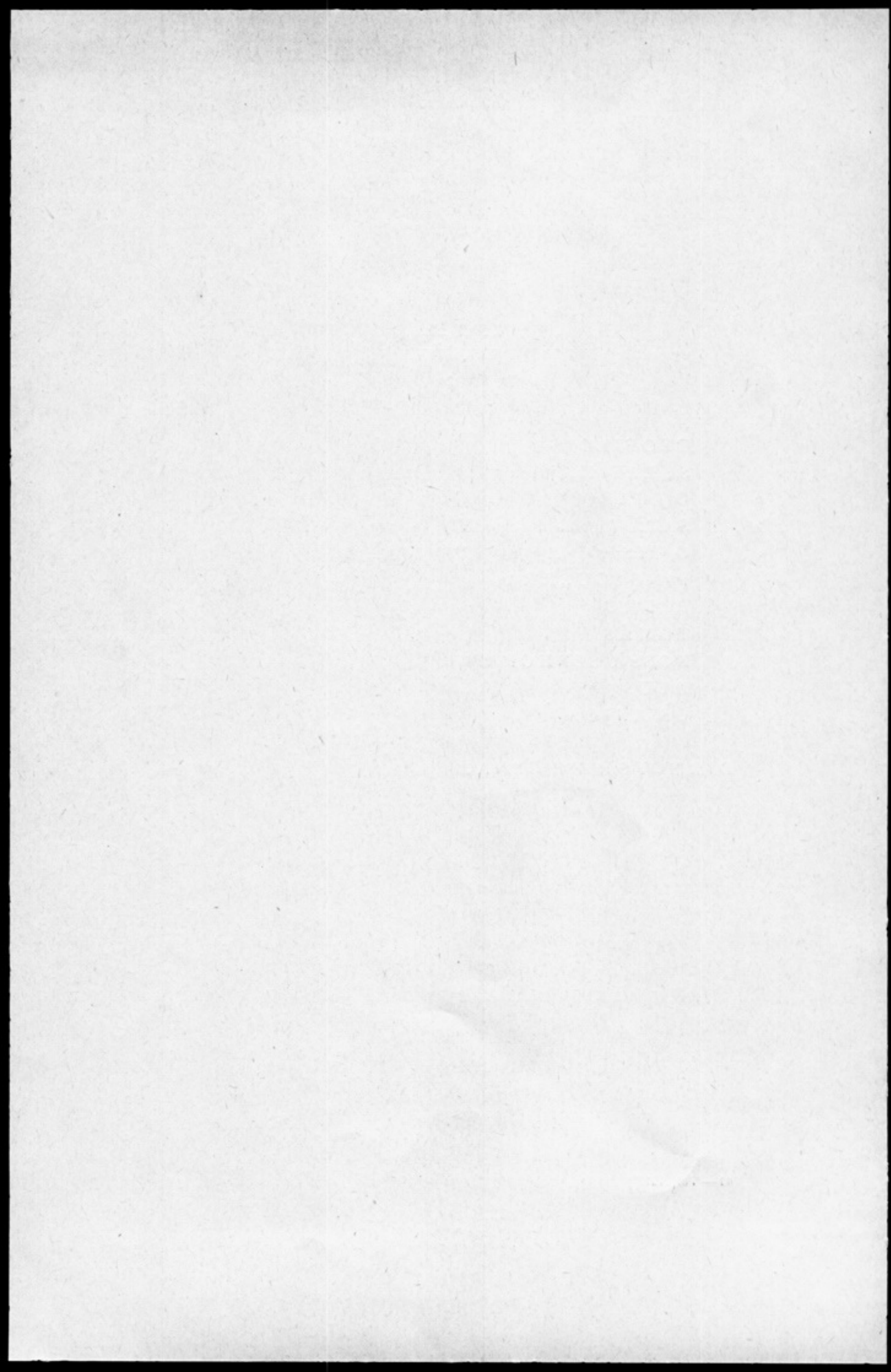
CAMPOS DE FIGUEIREDO

(1) Recomenda-se a quem quer que pretenda encenar este *milagre*, que utilize o livro: RUTEBEUF — *Le Miracle de Theophile*. Transposition de GUSTAVE COHEN, Professeur à la Sorbonne — Librairie Delagrave — Paris (v^e). 15, rue Soufflot — France.

PERSONAGENS

TEÓFILO
SALATIM, judeu
O DIABO
SATÃ (depois da cena VI)
O BISPO
PINCEGUERRA
PEDRO
TOMÁS
NOSSA SENHORA
DEUS
OS ANJOS

DIRECTOR DE CENA.



CENA I

Ai! Ai! meu Deus e rei de Glória!
Tanto vos hei tido em memória,
Tanto gastei, tanto bem fiz
A tanta gente infeliz,
Que hoje, de saco vazio,
O meu hábito num fio,
Com gran cuita direi aqui
O que ao senhor meu bispo ouvi:
«Cheque!» No jogo de xadrez,
Mate num canto me fez.
Sem bens me estrangula e deixa
Esta pobreza, esta queixa.
Que me resta agora? Ai, Deus,
Morrerão à míngua os meus,
Se neste hábito não pego,
Para mandar pôr no prego.
Sim, porque Deus não se importa
Que a minha gente fique morta...
Pois cuida mais, muito mais,
Das suas cousas celestiais!
Eu é que de coitas me morro,
Se, asinha, os não socorro,
Sabendo que Ele não tem ouvidos
Para os meus tristes gemidos.
Deixá-lo! Far-lhe-ei figas no ar...
Mal haja quem nele se fiar!

Para sair desta desgraça,
Não há nada que eu não faça!
Não temo Deus! Também não temo
Entregar a alma ao Demo.
Hei-de agora atirar-me a um poço?!
Prender-me a Deus!? Oh, não posso!
E quem pode alcançá-lo, quem?
Pudesse eu agarrá-lo bem,
Como quem roga uma praga,
Boa seria a minha paga!
Mas Deus tão alto foi morar,
Para, de longe, se esquivar
Ao ódio e à ira do inimigo,
Que assim, distante, não consigo
Alcançá-lo e desafiá-lo
Para gozar o bom regalo
De lhe deixar as peles feitas
Em arrepios de maleitas.
Porque Ele está lá no Céu,
Na sua beatitude... e eu,
Ai de mim!, tenho a vida presa
A estes laços de pobreza!
Bem vejo agora, oh, triste vida,
Minha sanfona já partida.
Já por aí tudo escarnece
A minha fala que parece
Sempre dizer a mesma coisa.
Agora, mísero, quem ousa
Mostrar-se aos homens, sem medo
De ser apontado a dedo?
Que hei-de aventurar, enfim?
Deus bem escarneceu de mim!

CENA II

(Teófilo dirige-se a Salatim, que falava com o Diabo, quando queria.)

TEÓFILO E SALATIM

SALATIM

Que é lá isso, Teófilo?
 Que tendes na alma e no rosto?
 Dizei, por Deus, que desgosto
 Vos fez assim desventurado,
 Que ora vos vejo tão mudado,
 Tão infeliz, tão diferente
 Do que outrora foi contente?

TEÓFILO

Que me chamavam senhor
 Deste país em redor,
 Tu bem o sabes... Pois bem,
 Não me ficou nenhũa ren!
 Por isso ora, amigo, estou triste
 E tão diferente do que viste!
 Tanto rezei, ó Salatim,
 Ora em francês, ora em latim!...
 Não deixo ainda de rezar
 AO que me quer abandonar
 Às ondas feias do mar fundo,
 Sem me deixar nada no mundo.

Não há cousa que eu não faça,
 Para sair desta desgraça.
 Pois que perder o que hei perdido
 Me dá vergonha e prejuízo!

SALATIM

Rico senhor, tendes juízo...
 Quem oiro teve no seu cofre,
 Mais penas tem, muito mais sofre,
 Quando, sabendo de onde veio,
 Tem de comer o pão alheio.
 Duras palavras tem de ouvir!!!

TEÓFILO

É isso que me faz sentir
 O coração como partido,
 Ó Salatim, amigo querido...

SALATIM

Eu sei que isso muito vos dói!
 Vós, um homem que outrora foi
 Tão importante e valioso,
 Deveis sentir-vos pesaroso.

TEÓFILO

Salatim, irmão, assim é!
 Dissesses tu, com tua fé,
 Com tua manha e teu saber,

Como é que posso reaver
 Meus bens, meu cargo e minha graça,
 Crê, não há nada que eu não faça!

SALATIM

Ouvísseis vós o que vos digo,
 Tornar-vos-íeis inimigo
 Do vosso Deus, como dos seus
 Santos e santas. . . , desse Deus
 Que vos deu horas miseráveis. . .
 O Deus a quem tanto gostáveis
 De rezar! Sim, . . . quisésseis vós
 Erguer as mãos e erguer a voz
 A alguém que logo vos fizesse
 Voltar a ter honra e benesse,
 Crede, seríeis mais honrado,
 Se ele por vós fosse adorado,
 Do que jamais o haveis sido.
 Confiai em mim, amigo querido!
 Deixai, portanto, se quereis,
 O vosso Deus. Que resolveis?

TEÓFILO

Resolvo SIM, e brevemente.

SALATIM

I-vos então, seguramente!
 Por muito, muito que isso lhes doa,
 Tereis de novo a vida boa.
 Vinde amanhã de manhãzinha.

TEÓFILO

De mui bom grado virei asinha.
E que esse Deus a quem adoras,
Nunca recuse o que lhe imploras.

CENA III

(Então Teófilo deixa Salatim; reflecte que é cousa muito séria renegar Deus e diz:)

TEÓFILO

Ai, que vai ser de mim, Senhor?
Irei tremer de dor e horror,
Quando perder o vosso amor?
Que faço então?
Tirar da minha devoção
S. Nicolau e S. João
E S. Tomás, e a vós, Maria.
Mãe de Jesus,
Nossa Alegria,
Nosso conforto e nossa luz;
E tu, ó alma pequena e escrava,
Irás arder na eterna lava
Do negro inferno,
De onde o pecado te chamava
Ao mal eterno!?
Ali terás de gritar dores,
Nessa mansão de fogo e horrores,
Aonde o sol não permanece!

Lá!? Quem de ti se compadece?
Os Diabos!? Não...
Pois é da sua condição
O serem maus, que Diabos são;
E a sua casa é um poço escuro
Aonde deito
Este monturo
De que sou feito!
Vai-me sair o jogo errado!
Quando comer o pão do Diabo,
Serei por Deus, que é justo e forte,
Escorraçado
Da sua corte.
Mas Deus lá tem a sua razão
Se com justiça me castigar,
Por eu deixar
De ser cristão!
Nunca ninguém teve esta hora
De medo e horror,
Como eu agora.
Mas ah, deixá-lo! Seja o que for!!!
O meu amigo Salatim
Lá sabe, enfim,
Como hei-de haver o que perdi.
Ninguém... ninguém há-de sabê-lo!
Tudo o que mande, hei-de fazê-lo.
Deus ofendeu-me!? Hei-de ofendê-lo!
Servi-lo mais, não servirei.
É meu regalo
Contrariá-lo.
Se hoje sou pobre, rico serei;
Se Deus me odeia, hei-de odiá-lo.

Nada me aterra!
 Onde ele quiser fazer-me guerra,
 Pode fazê-la, da terra ao céu,
 Pois é senhor de céu e terra... ,
 Desde que eu fique de mãos libertas,
 Para as ofertas
 Que Salatim me prometeu.

CENA IV

SALATIM E O DIABO (1)

(Aqui fala Salatim com o Diabo e diz:)

Rendeu-se-me um cristão, amigo!
 Muito me custou, . . . eu te digo,
 Porque não és meu inimigo . . .
 Ouves, Satã?
 Deve aparecer já amanhã.
 Se quiseres esperá-lo . . . Han! ?
 Tomei com ele o compromisso
 De lhe fazeres um bom serviço.
 Que dizes a isso?
 Espera-o!
 Foi um beato de alma sincera,
 O que é prenda de estimação.
 Percebes ou não?
 Dá-lhe a fortuna de que és capaz.

(1) Trata-se dum pequeno diabo distinto de Satã, rei dos Infernos, que mais adiante aparece.

Farei que venhas aqui, verás.
 Ainda esta noite aparecerás.
 E não te faças muito rogar,
 Que estou já farto de esperar.

(Aqui Salatim evoca o Diabo e diz:)

Bagahi laca bachahé
 Lamac cahi achabahé
 Karrelyos
 Lamac lamec bachalyos
 Cabahagi sabalyos
 Baryolas
 Lagozatha cabyolas
 Samahac et famyolas
 Harrahya.

(Aparece então o diabo evocado desta maneira e diz:)

O DIABO

Nada faltou à tua fala.
 Quem te ensinou essa cabala,
 Nada esqueceu.
 Muito me atormentas!

SALATIM

Eu!!?

Não está certo que assim
 Vos indigneis contra mim,
 Quando preciso de vos chamar.

Ides saber ãa novidade;
 Apanhámos um padre,
 Prenda de gran raridade!!!
 Dão-nos às vezes que fazer,
 Cá neste ofício de prender.
 Que pensais fazer dele então?
 Quereis que o traga aqui ou não?

O DIABO

E que nome há?, diz!

SALATIM

Teófilo é chamado.
 De gran nomeada há gozado
 Neste país.

O DIABO

Estive sempre em guerra dura
 Com tal criatura,
 Sem nunca o vencer, por mal.
 Mas já que ele se oferece agora,
 Venha, em bonora,
 A este vale,
 Sòzinho e a pé,
 Que perto é.
 Não lhe há-de isso muito custar.
 Bem no irão lá tratar
 Satanás e os diabinhos
 Mais pretinhos.

Jesus?! Não deve mais chamá-lo,
 Ao Filho de Santa Maria,
 Que seja nosso vassalo,
 Já que ao Demo se confia.
 E tu, para as outras vezes,
 Deixa-me em paz, por alguns meses.
 Nem em hebreu nem em latim
 Chames por mim.

CENA V

(Agora volta Teófilo a Salatim:)

TEÓFILO E SALATIM

TEÓFILO

Não vim cedo de mais, não vim?
 E que fizeste?

SALATIM

Tudo o que preste
 À defesa deste pleito.
 E tudo fiz com tal jeito,
 Que estou ora convencido
 De que o bispo vos dará
 Todo o perdido.
 E mais honras vos fará...
 Dar-vos-á
 Prebendas mais importantes,
 Do que dantes.

Todo o bem que vos foi mingado,
 Tê-lo-eis, mais avultado.
 Sede valente!
 I-vos a esse vale ardente,
 Sem demora!
 Mas livrai-vos de chamar
 Ao Filho de Nossa Senhora,
 Se quiserdes, em bonora,
 Ser, de vós, o vero amigo!
 Se Deus foi vosso inimigo;
 Se tão cruel vos saiu;
 Se tanto vos perseguiu,
 Ai, como estáveis
 Em apuros miseráveis,
 Se o meu socorro não viesse!!!
 I-vos então por esse
 Caminho a passo ligeiro!
 Lá vos espera o mensageiro
 Das venturas,
 Das vossas honras futuras.
 Mas livrai-vos de invocar,
 De chamar
 O vosso Deus das alturas...

TEÓFILO

Lá me vou. Sim, pois al
 Não posso fazer. Deus, por isso,
 Não me fará bem nem mal,
 Não dá nem tira o Paraíso.
 E eu não posso chamá-lo a contas...
 Irei, portanto, aonde apontas.

CENA VI

TEÓFILO, SATÃ

(Aqui dirige-se Teófilo ao diabo, com muito medo, e o diabo diz-lhe:)

SATÃ

Aproxima-te, e ligeiro!
Não queiras ser companheiro
Do vilão que vai à igreja.
Que pretende e que deseja
O teu bispo tão cruel?

TEÓFILO

Senhor, ele foi chanceler . . .
Mas quer agora, o vilão,
Que eu estenda a triste mão
À caridade. Ora eis
Por que peço me ajudeis.

SATÃ

É só isso que perguntas?

TEÓFILO

É.

SATÁ

Quero então essas mãos juntas.
 Que assim meu vassalo sejas.
 Terás tudo o que desejas.
 Mas não penses mais no Céu!...
 Em tudo tens de ser meu.

TEÓFILO

Eis-me aqui servo dos servos,
 Minhas graças a render-vos.
 De mim podeis já dispor,
 Contanto que, bom senhor,
 Me seja amanhã tornado
 Todo o bem que me hão roubado.

SATÁ

Pois eu cá, da minha parte,
 Prometo dar-te
 Tão elevado senhorio,
 Como ninguém jamais te viu.
 E posto assim deva ser,
 Convém que vás escrever
 Ūa carta bem explicada,
 Pelo teu punho assinada.
 Não quero ser iludido,
 Como já tem acontecido
 Com figurões de bom trato.
 Quero assinado e bem claro
 Este contrato.

TEÓFILO

Tomai! Trago a carta comigo.

(Então Teófilo entrega a carta ao diabo e este recomenda-lhe que proceda como se segue:)

SATÃ

Teófilo! ó meu querido amigo,
 Já que nas minhas mãos estás,
 Vou dizer-te o que farás:
 Ao pobre não amarás;
 Se ele chorar de fome e dor,
 Farás ouvidos de mercador;
 Se alguém se ajoelhar a teus pés,
 Deves tratá-lo com altivez;
 Se mão fria e quase morta
 For bater à tua porta,
 Nega-lhe a esmola
 Que consola.
 A doçura, a piedade,
 A humildade e a caridade,
 A penitência, o jejum,
 Não te fazem bem algum
 E magoam-me o intestino.
 Erguer as mãos ao Divino
 E ao mendigo dar esmola,
 Tudo isso me desconsola!
 Amar a Deus e ser casto
 Torna o meu coração pasto

De víboras e de serpentes.
 Se alguém visita os doentes
 E lhes leva algum conforto,
 Meu coração fica morto.
 Quem bem faz só me atormenta.
 Por isso, vai! Mas escuta:
 Que a tua vida seja ãa luta
 Pelo mal e contra o bem;
 Não sejas justo para ninguém...
 Pois seria essa loucura
 Contra a minha criatura.

TEÓFILO

O que devo, farei. E há-de
 Ser tudo que vos agrada,
 Visto que vou alcançar,
 Graças a vós, o meu lugar.

CENA VII

O BISPO e PINCEGUERRA

(Então o Bispo manda procurar Teófilo)

O BISPO

Pinceguerra, levantai-vos!
 Depressa, por Deus... e dai-vos
 Ao cuidado de procurar
 Teófilo! Quero-lhe dar

O cargo que injustamente
 Lhe tirei. Fui imprudente
 No que fiz, eu vos confesso.
 Pois agora reconheço
 Que nunca vi criatura
 Cá neste mundo, tão pura.
 Nunca vi ninguém melhor.

PINCEGUERRA

Dizeis bem, meu bom senhor!

CENA VIII

PINCEGUERRA E TEÓFILO

(Agora fala Pinceguerra com Teófilo, que responde:)

PINCEGUERRA

Quem mora aqui?

TEÓFILO

E vós quem sois?

PINCEGUERRA

Sou um clérigo!

TEÓFILO

Somos dois.

PINCEGUERRA

Teófilo, ó meu bom amigo,
 Não deveis ser para comigo
 Tão altivo. Venho dizer-vos
 Que o nosso bispo quer ver-vos,
 Para vos dar todo o bem
 Que vos tirou. Vós, a quem
 Todas as honras tiradas
 Vão ser, por bem, retornadas,
 Deveis mostrar-vos contente,
 Mui sensato e mui prudente.

TEÓFILO

Possam os diabos pôr-se a meu lado!
 Podia ter esse bispado, . . .
 Mas pu-lo lá . . . Como fui parvo!
 Uma vez lá, fez-se inimigo . . .
 Guerra me fez . . . fez-me mendigo . . .
 Pelo seu ódio e esta querela
 Em que me arrasto, direi apenas:
 Bosta!
 Mas vou ouvir o que ele dirá.

PINCEGUERRA

Quando vos vir, será contente.
 Dirá então que foi sòmente
 Para vos experimentar.
 Quer-vos agora apaziguar . . .
 Sereis amigos, novamente.

TEÓFILO

De mim os cônegos contavam
Muitas vezes grandes fábulas!
Mas vão para todos os diabos!

CENA IX

O BISPO E TEÓFILO

(Agora o Bispo levanta-se diante de Teófilo e dá-lhe a sua dignidade, dizendo lhe:)

O BISPO

Senhor, sede bem-vindo aqui!

TEÓFILO

E sou. No caminho não caí . . .
Bem até vós me conduzi.

O BISPO

Perdão vos peço, amigo querido,
Do grande mal que haveis sofrido
Por minha culpa. Preciso agora
De restituir-vos, sem demora,
O vosso cargo. E em bonora
Deveis tomá-lo, pois sois julgado
Homem de bem e ajuizado.
Tudo o que tenho, será vosso.

TEÓFILO

Olhem que lindo Padre Nosso!
 Nunca o rezaste tão bem rezado!
 De hoje em diante, dez a dez,
 Virão rojar-se a meus pés
 Os vilões deste lugar,
 Todos para me adorar.
 Mas eu cá estou para lhes dar
 Duros trabalhos. Só tem valor
 Quem for olhado com temor.
 Cuidais, acaso, que ceguei?
 Duro, cruel, feroz serei!

O BISPO

Amigo, que coisa louca
 Sai, assim, da vossa boca!
 Teófilo, não vos ireis,
 Pois esta casa tereis
 Por vossa... É vosso abrigo
 E meu também, ó bom amigo!
 Os meus bens, minha riqueza,
 De oravante, vos pertencem.
 E as nossas almas serão
 Muito amigas, com certeza.
 Vivendo assim, em comum,
 Não somos dois, mas só um.

TEÓFILO

Pois bem, senhor, aceito.

CENA X

TEÓFILO E PEDRO

(Aqui vai Teófilo arengar com os seus companheiros, primeiramente com um deles, chamado Pedro).

TEÓFILO

Pedro, queres saber, na verdade,
 Uma grande novidade
 Que te dou?
 Da fortuna a roda incerta
 Bem andou.
 Só arriscaste duplo ás.
 Agora guarda o que hás
 Bem guardado.
 O cargo que ambicionavas,
 Foi-se às malvas . . .
 Pois o Bispo mo entregou!
 Por isso não te direi
 «Muito obrigado».

PEDRO

Ameças-me, Teófilo?
 Ontem mesmo lho pedi,
 Mas para ti!
 Pedi, com gosto e sem custo,
 Que to voltasse,
 Como era justo.

TEÓFILO

Foi com grande crueldade
 Que de mim tão mal julgaste.
 Mas contra a tua vontade,
 Ao meu cargo voltarei.
 Sei que nada te importaste,
 Quando sem ele fiquei.

PEDRO

Caro amigo, mandasse eu
 Nestas coisas do bispado,
 Serias tu nomeado,
 Em vez do teu Bispo e meu.
 Mas tu é que não quiseste,
 Tanto temias o Rei celeste!

CENA XI

(Aqui vai Teófilo questionar com outro).

TEÓFILO

Tomás, Tomás, correu-te mal! -
 Vou ser, de novo, senescal!
 Tu deixarás de protestar,
 De discutir e de lutar.
 Outro vizinho não terás
 Pior do que eu, Tomás, Tomás!

TOMÁS

Teófilo, à fé te juro:
O vinho fez-te o juízo escuro . . .

TEÓFILO

De amanhã para o futuro,
Eu te ensinarei, embora
Tenhas a cara *encantadora* . . .

TOMÁS

Santo Deus, perdeste o siso!
Eu que tanto te aprecio
E estimo como ninguém!!!

TEÓFILO

Não, não perdi o juízo!
Tenho ainda força em mim,
Para fazer mal ou bem.

TOMÁS

Parece que estás disposto
A questionar, com todo o gosto . . .
Vejo que estás.
Mas, por Deus, deixa-me em paz!

TEÓFILO

Que mal te faço ora, Tomás?
 Amanhã espero e creio
 Que tenhas razão, enfim,
 De te queixares contra mim!

CENA XII

(Aqui arrepende-se Teófilo e vem a uma capela de Nossa Senhora e diz:)

TEÓFILO

Ai de mim! Que desgraça virá como castigo
 Sobre este corpo doente e mísero, inimigo
 Do Deus que reneguei, buscando abrigo
 No que é origem do mal que anda comigo!

Terra, como hás-de sustentar-me, se deixei
 De servir ao Senhor? Calar-me já não sei!
 Afastei-me do bálsamo, e tomei
 O visco só, contra a divina lei!

Satã é meu senhor... pois em má hora
 Assinei o contrato e lho entreguei. Agora
 Dar-lhe-ei em tributo a alma pecadora,
 Que irá sofrer, do Inferno, a chama abrasadora!

E que farás, meu Deus, deste infeliz doente,
 Cuja alma arderá no Inferno ardente,

Pelos Diabos calcada impiedosamente?
Ai terra, abre-te, pois, e engole este demente!!!

Que há-de fazer, Senhor, este infeliz coitado,
Pelo mundo e por vós vaiado e odiado,
Traído pelos diabos e enganado,
E por todos ferido e escorraçado?

Ai de mim! ai de mim! Oh que loucura brava!
Ter trocado o Senhor que na minha alma estava,
Por tão pouco do mundo! Os bens que ambicionava
Vão agora lançar-me à eterna lava!

Sete anos passaram já, Satã, que em teu caminho
Ando cantando os feios cânticos do vinho
Da minha vinha. Ah, vã será, como adivinho,
A paga do rendeiro! E agudo o espinho

Com que os maus carpinteiros irão agora torturar
A minha carne vil. Devemos nós prezar
Todas as almas? E quem sabia amar
A minha? À Virgem Mãe, quero rezar,

Mas não posso... Receio vê-la magoada!
Ruim semente na terra foi semeada
Pela mão aos Infernos condenada!
Eu tenho a minha alma enlameada!!!

Que lodo sou. E nesta lama escura
Devo ficar. AQUELE que sempre dura
E sempre durará sabe que, impura
A minha vida foi. Por isso, dura

Minha morte será. Malditos, como doeu
 A vossa mordedura! Agora eu,
 Sem esperança na terra nem no Céu,
 Pergunto: Em que lugar há-de ficar o meu

Espírito? O inferno a que me dei, nada me apraz...
 E tu, ó Paraíso, não serás
 Para este mortal, que em horas más
 Fez guerra a Deus e se vendeu a Satanás.

Nem a Deus nem aos Santos ousarei as mãos erguer,
 Pois que ao Demo, de mãos juntas, entreguei todo
 [o meu ser!
 As minhas cartas seladas tem-nas ele em seu poder.
 Maldita sejas, riqueza, se por ti hei-de sofrer!

Nem os Santos nem as Santas nem Deus eu ousou
 [invocar
 Nem a dulcíssima Virgem, que todos devem amar.
 Mas como tudo é verdade e suave no seu olhar,
 Se eu lhe rogar «misericórdia», quem me virá cen-
 [surar?

CENA XIII

(Oração que Teófilo reza diante de Nossa Senhora:)

Santa Rainha bela,
 Gloriosa donzela,
 Virgem cheia de graça,
 Que o bem nos revela;

Se te chama a desgraça,
Logo acodes a ela!
E quem amor te der,
Terá nova alegria
No reino eterno, um dia.
Fonte que o Céu acorda,
Aprazível e sã,
Ao teu Filho recorda
A minha vida vã.

Teu amparo, pedisse-o,
Logo me era propício . . .
Mas cedo fui tentado
Pelo que o mal desperta,
E deixa a vida aberta
À lama do pecado.
E o pecado me encanta . . .
Por isso, ó Virgem Santa,
Deste mal desencanta
O mal encaminhado.
Pois a tua vontade
É franca de bondade . . .
Senão, Mãe celestial,
Sofrerei grande mal
Na Justiça final.

Santa Virgem Maria,
Dá ao meu coração
A antiga devoção
Que a ti se dirigia,
Na vida que te dava,
Senão, não terá cura

Nem acaba a amargura
Da minha alma escrava.
Já nada mais lhe vale,
Se até o fim da vida,
Tentada pelo mal,
Minha alma seduzida,
A ti não for unida.
Permite pois, Senhora,
Que a minha alma não moura!

Ó Mãe da caridade,
Tu, que pela humildade
Nos deste a salvação;
E tu que nos livraste
Do pântano infernal;
E tu que nos tiraste
De vileza e aflição,
Salvé, Mãe celestial.
A tua salvação
Valeu-me, sei-o bem.
Agora, Virgem, faz
Que os meus não vão também
Com Tântalo, às profundas
Desse inferno voraz.

Ao inferno maldito,
Cuja porta medonha
O Diabo tem aberta,
Para minha vergonha,
Da alma fiz oferta.
Que desgraça virá!
Que loucura e tristeza,

Se hei-de ser sua presa!
Senhora, eis-me disposto
A venerar-te sempre.
Volve o teu belo rosto
Para mim, docemente!
Em nome do teu Filho
Que é Deus onisciente,
Não desampares, não,
O pobre, cujo ganho
Seria a servidão!

Como entra e sai a luz
Inteira, na vidraça,
E não a despedaça,
Assim, Mãe de Jesus,
Em ti amanheceu
E entrou a luz do Céu,
Quando Deus concebeu
Em ti, divina Graça
E fez de ti Mãe pura
Da sua criatura.
Ó jóia esplendorosa,
Terna e benigna Esposa,
Ouve a minha oração:
O meu vil corpo e a alma
De imperecível chama,
Ao bom caminho chama.

Ó bondosa Rainha,
Do coração meus olhos
Escuros ilumina!
Apaga a escuridade,

Para que assim te agrade
E te faça a vontade.
Ilumina de graça
Meu coração impuro,
Que tanto tempo andou
Por mau caminho escuro!
Os servos de vil raça
Pensam levar-me ainda
Para lá... mas, Senhora,
A ti me rendo agora,
Para ver se consigo
Livrar-me do inimigo.

No mal, no esterco, impura
A minha vida escura
Há muito que caminha.
Ó límpida Rainha,
Toma-me em teu cuidado,
Em teu amor, e cura
Este gran desgraçado!
Pela tua divina
E íntegra bondade,
Mãe de Deus, ilumina
De pura claridade,
E celestial, e fina,
Os olhos desta carne
Que não souberam guiar-me.

Pelo ladrão sem fé
Que deste desgraçado
Fez sua presa, eu sei,
Serei arrebatado...

Tão duro me tortura!
 Senhora, ó Virgem pura,
 Faz que o teu Filho amado
 Não me deixe agrilhado!
 Tu que os meus crimes vês,
 Não permitas que eu siga
 O rastro dos seus pés!
 Tu que estás lá no Alto,
 Livra a minha alma bem
 De poder ser olhada
 Pelos diabos! — Amén.

CENA XIV

NOSSA SENHORA, TEÓFILO

(Aqui fala Nossa Senhora a Teófilo e diz:)

NOSSA SENHORA

Quem és tu, diz,
 Sim, tu que passas por aqui?

TEÓFILO

Ah, Senhora, é o infeliz
 Do Teófilo, coitado!
 Tende piedade de mim,
 Deste pobre desgraçado,
 Que os malditos enredaram!
 Venho implorar-vos agora.

Misericórdia, Senhora . . .
 Pois receio a negra hora
 Em que seja arrebatado
 Pela raça
 Que me pôs nesta desgraça!
 Outrora,
 Vós me julgáveis também
 Um dos vossos filhos, Mãe!
 Ó minha Rainha bela!

NOSSA SENHORA

Não me importo que me chames . . .
 Vai-te da minha capela!

TEÓFILO

Ah, Senhora, quem tal ousa,
 Flor silvestre, lírio e rosa,
 Onde Jesus repousa.
 Que hei-de fazer!
 Sinto-me preso, horrivelmente
 Pelo raivoso maldito.
 Não sei o que aventurar . . .
 Nunca mais posso calar
 Este grito!
 Ó Senhora venerada!
 Ó virgem donzela e nobre,
 No inferno vou ter morada
 com Cahu;
 No inferno vai ser queimada
 A alma deste pobre!

NOSSA SENHORA

Eu conhecia-te bem,
 Quando ainda pertencias
 À Igreja de que sou Mãe.
 Far-te-ei reaver a carta
 Que em má hora,
 Por ignorância, deixaste
 Em mão ígnea e tentadora.
 Vou buscar-ta!

CENA XV

NOSSA SENHORA, SATA

(Aqui vai Nossa Senhora para reaver a carta de Teófilo:)

NOSSA SENHORA

Satã, então estás aqui fechado?
 Vieste a esta boa terra
 Para ao meu clérigo fazer guerra!
 Mal andaste . . .
 Dá-me a carta de Teófilo,
 Que em maus lençóis te deitaste!

SATÁ

Largar a carta?! Não largo!
 Antes a forca, Senhora!
 Fi-lo voltar ao seu cargo

E ele deu-me, sem demora,
 Seu corpo e sua alma querida
 Em substância de vida!

NOSSA SENHORA

Esmago-te essa barriga!

CENA XVI

NOSSA SENHORA, TEÓFILO

(Aqui traz Nossa Senhora a carta a Teófilo:)

NOSSA SENHORA

Aqui tens a carta, amigo.
 Ias bater a má porta,
 Onde não há alegria
 Que conforto.
 Vai já ter com o teu bispo!
 Vai, asinha!
 Faz-lhe da carta presente.
 Que seja
 Lida por ele
 Ao povo da Santa Igreja,
 Para que essa boa gente
 Não venha a ser iludida
 Por manhas de Satanás.

Bem caro paga
 Quem tal faz.
 E a sua alma ficará
 Envergonhada e vencida.

TEÓFILO

De bom grado irei, Senhora!
 O meu corpo e a minha alma,
 — Tudo o que sou, morreria
 Sem a vossa companhia.
 Perde os seus passos quem segue
 Por mau caminho que o cegue
 Bem o vejo!

CENA XVII

TEÓFILO E O BISPO

(Aqui vem Teófilo ao Bispo entrega-lhe a carta e diz:)

TEÓFILO

Senhor, pelo amor de Deus, ouvi-me:
 Fosse qual fosse o meu crime,
 Estou aqui.
 Ides já saber
 Em que apuros eu me vi;
 Pobre, nu, magro, gelado,
 A miséria me venceu!

O Diabo, que os bons assalta,
Minha alma fez cair na falta
Que quase me perdeu.
Nossa Senhora, que os seus guia,
Desviou-me
Dessa nefanda alegria
Onde, perdido, eu me via,
E de tal modo enganado,
Que ao negro inferno seria
Levado pelo Diabo
Que de Deus, senhor adorável,
E de toda a caridade,
Me queria ver afastado.
A minha carta conseguiu,
Selada, como exigiu.
Muito sofri!
Por pouco, o meu coração
Não me estoirou, de aflição.
A Virgem, clara e pura e boa,
Mãe de Deus,
Arrancou-a
Das mãos do Diabo . . . e ei-la aqui.
Quero pedir-vos agora,
Como a um pai bom e clemente,
Que esta carta seja lida,
Para que a gente
Desprevenida
Não venha a ser iludida
Em sua fé,
Por quem tão manhoso é.

CENA XVIII

O BISPO, TEÓFILO E O POVO

(Aqui o Bispo lê a carta ao povo e diz:)

O BISPO

Ouvi, por Deus, Filho de Maria,
Bons cristãos, e sabereis
A vida de Teófilo, que um dia
Ao Imigo quis servir!
Tão verdadeira como o Evangelho
É a história que ides ouvir.
Convém contá-la ponto por ponto.
Ouvi, pois, o que vos conto:

A todos os que virem esta carta, faz
Saber que se julga vencido Satanás;
Que Teófilo ganhou ao bispo um ódio largo,
Porque o bispo o deixou sem honras e sem cargo.

Tão raivoso ficou, depois que assim
Ultrajado se viu, que logo procurou
Um possesso do Diabo, o infame Salatim!
Para reaver seu cargo, escravo dele ficou.

Enquanto foi virtuoso, guerreei-o,
Sem que nunca o pudesse dominar.
E quis ser seu amigo, assim que às boas veio.
Dele mercê recebi, e voltou ao seu lugar.

Com o anel do seu dedo, esta carta selou.
 Com seu sangue a escreveu, ... outra tinta não usou.
 Antes disso, não quis influir no seu destino
 Nem o fez regressar ao bem de que era dino.

Eis aqui a história bela
 Desta alma tão honrada
 Que foi liberta por Aquela
 Que Serva de Deus é chamada.
 Maria, a Virgem donzela,
 Livrou-o desta querela.
 Cantemos todos por esta nova!
 Levantai-vos, e digamos:
 TE DEUM LAUDAMOS!

Explicit O MILAGRE DE TEÓFILO

NOTAS ACERCA DA ENCENAÇÃO

O único manuscrito — Ms. 837 da Biblioteca Nacional de França — dá-nos apenas, da encenação do MILAGRE DE TEÓFILO escassas instruções que podemos deduzir das rubricas ou *didascalias*. Mas situando-se entre o fragmento da Ressurreição ⁽¹⁾ do fim do século XII ou princípio do XIII, cujo prólogo contém uma descrição de adornos cénicos e os grandes mistérios cíclicos dos séculos XIV, XV e XVI, sucede que se baseia nos mesmos princípios da encenação simultânea, que foram largamente estabelecidos em duas obras: «História da encenação no teatro religioso francês da Idade Média» ⁽²⁾ e o «Livro de Conduta do Ensaaiador e a Conta das despesas para o Mistério da Paixão representado em Mons, em 1501» ⁽³⁾.

A aplicação destes princípios permitiu supor legitimamente que o edifício cénico assentava, como ordinariamente, sobre estas duas colunas: o Paraíso à esquerda do espectador e o Inferno à direita (representado sobretudo por uma Goela ameaçadora pronta a engolir o pecador). Entre estas peças principais alinham-se, em hemiciclo, as quatro mansões necessárias à acção e diante das quais ela se transporta e desenrola à vontade: a Capela, o Paço do Bispo, a Casa de Teófilo e a do Judeu Salatim. Em conformidade com a simbólica das cores ao gosto da Idade Média, a capela é tapada com um véu azul semeado de estrelas, o Paço com

(1) Cf. ed. Grace Frank.

(2) 2.^a ed. Paris, Champion, 1926, in-8.

(3) Strasburgo, Istra e Paris, Champion, 1925, in-8.

uma cor vermelha, a casa de Teófilo com uma tela verde, a de Salatim com seda amarela.

Mas como o teatro grego, do qual surge como réplica cristã o teatro medieval (e é isso que faz o seu valor), admite a colaboração de todas as artes: arquitectura, pintura, escultura, dança, mímica e música.

Eis os pormenores da representação:

CENA I — O coro abre o espectáculo com o canto do *Organum Virgo* (Manuscrito de Montpellier, H. 196 — f.º 5 V. 599 — Transcrição inédita de M.^{me} Yr. Rokseth).

Atacar a quinta simples, f. — sílaba «A».

Suspensão longa, *decrecendo*. Curto silêncio.

Desde a repetição da frase musical (sílabas «Vir»), entrada dos actores, pela ordem seguinte:

O Pai do Céu, seguido dos seus anjinhos.

Nossa Senhora.

O Bispo.

Os três Padres: Pinceguerra, Pedro, Tomás.

Teófilo.

Salatim (*Os diabos não fazem parte do cortejo*).

Dão lentamente a volta à cena e param diante do público, encontrando-se à frente da procissão o Pai do Céu, mais perto do Paraíso, à direita da cena.

No último terço do órgão, quando o tenor instrumental sobe um tom (*de fa a sol*), cada qual vai colocar-se lentamente diante da mansão respectiva: Deus, Nossa Senhora e os Anjos vão sentar-se no Paraíso.

O Bispo e os padres ficam de pé diante da casa deste.

Teófilo e Salatim, diante das suas respectivas moradas.

Todos devem estar no seu lugar no fim da música.

Quando ela se cala, Teófilo avança e começa.

CENA IV — *Evocação do Diabo*:

Salatim faz com a vara o gesto de traçar à sua volta o Círculo Mágico. Rufar confuso da bateria.

Curto silêncio.

Ritmo dos tambores, lento e destacado, pianíssimo. Quando o ritmo se tem imposto suficientemente, começa lentamente e a meia voz:

Bagahi... Karrelyos.

Um crescendo de ritmo, em compasso ternário em vez de binário.

As palavras mágicas seguem o crescendo, sem insistir.

Lamac... Baryolas.

O ritmo torna-se forte e precipitado, mas sempre destacado (semicolcheias acentuadas nos 4 tempos).

Lagozatha... Famyolas.

O ritmo torna-se exasperado e é acentuado por um rufar de baquetas forradas sobre címbalos suspensos, começado pianíssimo e crescendo rapidamente.

Harraya! (pode ser repetido três vezes)

Uivo de triunfo, a baqueta de Salatim vitoriosamente erguida sobre a algazarra da bateria desencadeada.

O bombo pára de repente, o címbalo fica vibrando.

Imediatamente surgem chamas da Goela do Inferno (pó de licopódio ou de alumínio), trovoadas feitas com uma folha de lata.

O Diabo salta.

CENA V — *Nem em hebreu nem em latim.*

O diabo, que durante o fim da sua réplica se tornou a aproximar da Goela do Inferno, desaparece nela.

Chamas (*ad libitum*), mas não trovoadas à saída.

Salatim volta para diante da sua mansão.

Pequena suspensão.

Teófilo sai da sua mansão, avança para a cena e dirige-se depois a Salatim.

Vai-te... Salatim empurra Teófilo para a Goela do Inferno.

Lá me vou... Não posso chamá-lo a contas. Teófilo vai lentamente para a Goela do Inferno. Salatim pára diante da sua mansão.

Teófilo chega à frente da Goela. Trovoada. Pára. Gesto de terror. Chamas. Fuga espavorida de Teófilo. Saída brusca do Diabo e de Satã, que impede a sua fuga.

CENA VI — *Aproxima-te.* Teófilo volta medrosamente e como que a seu pesar: *E ligeiro!*

Quero então essas mãos juntas: Teófilo junta as mãos, estendendo-as para Satã, que as cobre com as suas, depois, lentamente, obriga-o a ajoelhar-se nesta posição.

Que assim meu vassalo sejas... Como ninguém jamais te viu. Esta troca de promessas, na posição acima. Depois Satã torna a levantar Teófilo.

Visto que vou alcançar/Graças a vós o meu lugar... Satã reentra, só, na Goela do Inferno (chamas), segurando a carta nas mãos. O pequeno Diabo fica em cena: manter-se-á aqui em diante na peugada de Teófilo, até o Arrependimento.

Teófilo volta para diante da mansão. O pequeno Diabo acompanha-o, depois deixa-o e dirige-se para a casa do Bispo (marcha que pode ser acompanhada pelo ritmo da bateria). Passa atrás dele e puxa-lhe discretamente pela sotaina. O Bispo estremece ligeiramente (sublinhar através da bateria) e entra na cena:

CENA VII — *Depressa, levanta-te, Pinceguerra!*

Falais bem, meu bom senhor: Pinceguerra dirige-se a Teófilo, enquanto o Diabo voltou a acaçapar-se perto da mansão deste. Dar uma volta bastante grande na cena. Gesto de não ver Teófilo e de procurar diante duma porta suposta.

CENA VIII — *Quem mora aqui?... Sou um clérigo!*
Teófilo dá um passo à frente.

Pois bem, senhor, aceito. O Bispo faz um sinal aos seus padres que vestem Teófilo com uma camalha de cor vermelha, previamente preparada diante da mansão do Bispo, bem como os paramentos da cerimónia deste.

Depois os padres dispõem-se a retomar o seu lugar diante da mansão, com o Bispo. Mas Teófilo, pára Pedro, do seu lugar.

CENA X — PEDRO: Pedro vem a Teófilo: *Queres saber, na verdade/ Uma grande novidade?*

Tanto temi o rei celeste: Pedro retoma o seu lugar, lançando olhares inquietos a Teófilo, que vai para o perseguir, e vê Tomás no seu caminho: condu-lo então para a frente da cena.

CENA XI — *Tomás, Tomás!*

Tomás retoma o seu lugar.

Teófilo deixa-o e vem pôr-se à frente da cena, com os braços cruzados, numa atitude arrogante, enquanto o Diabo se conserva atrás dele, mas um pouco ao lado.

Começa então a mímica do Arrependimento.

CENA XII — *Cena muda do Arrependimento.*

a) Dança e saída do Diabo. Durante toda esta parte, Teófilo permanece imóvel; unicamente, durante o *decrecendo* que acompanha o afastamento do Diabo, baixa progressivamente a cabeça, de maneira insensível, de modo a estar, quando o Diabo tiver desaparecido, sempre de braços cruzados, mas de cabeça inclinada.

Ritmo do bombo:

A cada pancada corresponde um sobressalto do Diabo; depois, quando o ritmo tiver abrandado, um passo sobre os tempos fortes. Primeiro, curvado e coleante, torna a endireitar-se com a subida do ritmo, faz a mímica duma dança, vitoriosamente, na maior força do ritmo, depois, com o

afrouxamento, baixa-se de novo e simula o terror e a incapacidade e, nas últimas pancadas, deve encontrar-se diante da Goela do Inferno onde desaparece no último compasso, sem chamas nem trovoadas.

b) Canto celeste: Depois de o Diabo ter desaparecido, canta só uma voz, sem acompanhamento, a primeira frase do moteto para tenor *Alma* (parte de duplum), n.º XXV de P. Aubry, *Cents motets de Bamberg* (1) Ms. de Bamberg, fº 14, vº — (transcrição revista).

Descendi in hortum meum ut viderem poma convallium.

Encadeia-se: repetição, desde o princípio, desta vez a três vozes; o tenor instrumental no oboé — o duplum para voz solo — o triplum (3.ª voz) para coro de bocas fechadas, sem palavras (*Gaude super omnia...*) Fazer destacar particularmente o ponto culminante da segunda voz: *Revertere, revertere, Sulamitis.*

Durante este canto, Teófilo, sempre imóvel, ergueu lentamente a cabeça, ouviu estas vozes e tomou a cabeça nas mãos. É nesta posição que se encontra no final do canto, após o qual começa o Arrependimento.

Quem me virá censurar?

Teófilo vai à capela de Nossa Senhora, ao lado do Paraíso e ajoelha-se.

CENA XIII — *Santa rainha bela*
Pelo ladrão sem fé

Nossa Senhora levanta-se, deixa o Paraíso e vem colocar-se diante da sua capela, sem que Teófilo faça menção de a ver.

Depois da oração: •

Livra a minha alma bem: Ela dá um passo à frente.

(1) Paris, ROVART et GEUTHNER, s. d., 3 vol. in-4.

É então que Teófilo vê a aparição e a manifesta no seu desempenho.

CENA XIV — *Vou buscá-la*: Nossa Senhora dirige-se para a Goela do Inferno. Pára a certa distância. Teófilo fica ajoelhado diante da capela.

CENA XV — *Satã!* — Silêncio.

Estás aqui fechado? — Chamas, sem trovoadas. Satã sai, segurando a carta na mão.

Esmago-te essa barriga: Nossa Senhora levanta a sua cruz. Satã cai no chão e, vencido, dá a carta (Ver a cena no portal de Notre-Dame). Nossa Senhora arranca a carta e volta para a sua capela, enquanto Satã, embaraçado, torna a entrar no Inferno sem chamas nem trovoadas.

(N. B. — Deve Nossa Senhora bater realmente em Satã com a sua cruz ou basta o simples gesto de ameaça? As opiniões são divergentes).

Vejo-o bem: Nossa Senhora regressa ao Paraíso. Teófilo levanta-se e dirige-se ao Bispo.

CENA XVII — *Senhor, pelo amor de Deus, ouvi-me!*

CENA XVIII — Os três padres rodeiam solícitamente o Bispo e vestem-no cerimoniosamente com os seus paramentos de aparato, previamente preparados.

Durante este tempo o coro canta:

Alle, psallite cum luya (1)

(fº 392 do Ms. de Montpellier, H. 196, transcrição inédita de M.^{me} Yv. Rokseth.)

(1) Note-se a curiosa cesura de *alleluia*, esta palavra que desempenhou um papel tão importante no desenvolvimento da música litúrgica. Cf. GÉROLD. *La Musique en Moyen Âge*, Paris, Champion, 1932, in-12.

Repetição D. C. se o tempo ocupado pelo desempenho da cena o exigir.

Depois do Bispo vestido, com mitra e casulo, báculo na mão, todos avançam para a frente da cena e colocam-se de maneira a formar um frontão triangular (como na parte superior do tímpano de Notre-Dame, já invocado):

O Bispo, ao centro, de pé.

Teófilo à sua direita, Pinceguerra à esquerda, ajoelhados só com um joelho.

Pedro e Tomás, em cada extremidade, acorados e inclinados para o centro.

O quadro deve ser formado quando a música deixa de se ouvir.

O Bispo entrega o báculo a Pinceguerra, desdobra a Carta e anuncia:

Ouvi, por Deus, filho de Maria

O Bispo torna a pegar no báculo e conclui solenemente:
Esta é a história... entusiasmando-se até.

Levantai-vos: Os padres e o coro levantam-se.

(Em certos casos será possível fazer levantar a sala inteira).

Digamos: Te Deum laudamos: Canta-se o *Te Deum* gregoriano.

Após dois ou três versículos, os actores colocados nos seus respectivos lugares (Deus, os Anjos, Nossa Senhora à direita, Salatim à esquerda) deixam o seu lugar e vêm alinhar-se diante dos espectadores, como à chegada. Depois de uma curta paragem, põem-se em marcha processional, tornam a dar a volta à cena, em sentido inverso ao da chegada, e saem pela Capela ou pelo pano de fundo, entre esta e uma das manções vizinhas.

O coro pára, depois de ter acabado o versículo do *Te Deum*, durante o qual saiu a última personagem.

NOTAS ACERCA DO GUARDA-ROUPA
DO «MILAGRE DE TEÓFILO»

Guarda-roupa (indumentária) do Pai do Céu: segundo uma miniatura do museu de Cluny: alva cingida ao corpo, grande capa de asperges semi-circular (lhama doirado).
Tiara.

A Virgem: vestuário executado segundo:

a) A estátua do vão entre duas janelas da Porta da Virgem Dourada de Nossa Senhora de Amiens;

b) O tímpano norte da Igreja de Notre-Dame, de Paris;

c) Várias estátuas do século XIII (acessórios).

Vestido comprido com mangas estreitas, cingido na cinta por um cordão nodoso (trajo das mulheres no fim do século XIII).

Manto lançado sobre os ombros e seguro por uma presilha com grande pedra preciosa polida mas não talhada.

Na cabeça, véu e diadema.

Cruz inspirada no tímpano de Notre-Dame.

Anjos: Vestidos e palmas que se encontram em certas volutas das abóbodas de catedrais.

Teófilo e monges: Vestidos e acessórios (esmoleiras, cabeleiras, calçado) inspirados no tímpano norte de Notre-Dame, e em miniaturas do século XIII.

O Bispo: indumentária executada segundo:

a) Esboços tomados numa conferência de M. Ruppert (professor de História da indumentária) sobre a História da indumentária episcopal);

b) Uma estátua do portal sul de Chartres (parte direita);

c) Quadros do século XIII;

d) O tímpano norte de Notre-Dame.

Sotaina azul ou violeta.

Alva sem renda, cingida ao corpo.

Amicto, quadrado de tecido fino em volta do pescoço sobre os ombros.

Casulo com *cingulum* e *pallium*, mitra semi-rígida.

Báculo pastoral esculpido conforme os báculos da Idade Média por Raúl Roger Ballet.

Salatim: segundo uma miniatura dos começos do século XIV e os conselhos de M. Ruppert.

Vestido amplo de largas mangas de cor diferente. No peito, rodela vermelha.

Boné de bico com rodela.

Manto rectangular ornamentado com 4 borlas.

Os Diabos: inspirados:

a) No tímpano norte de Notre-Dame;

b) No tímpano de Souillac (século XII), representando o Milagre de Teófilo. Maillots e máscaras executadas por Paul Froger, dos Comédiens Routiers.

Os desenhos de todo o guarda-roupa foram submetidos a M. Ruppert que os reviu e corrigiu.

LA PARTE PRESA DAL GRECO PILARINO
PER LA CONOSCENZA DELL'INNESTO
VAIUOLOSO NELLA PROFILASSI CONTRO
IL VAIUOLO IN ITALIA

Le due nazioni che per le prime nell'Europa occidentale conobbero il metodo dell'innesto del vaiuolo benigno a preservazione di un'attacco più grave della malattia — nella maniera come questo veniva praticato dalla medicina popolare in Grecia in Turchia e nell'Asia minore — furono l'Inghilterra e l'Italia, la prima di queste due nazioni nel 1713 l'altra nel 1715. E coloro che fecero conoscere questo metodo furono due medici greci; Emanuele Timoni per l'Inghilterra e Giacomo Pilarino per l'Italia.

La Repubblica di Venezia zelantissima nel proteggere i sudditi contro le malattie epidemiche contagiose, tanto quelli che vivevano nei confini del suo dominio quanto gli altri che per ragioni diplomatiche o commerciali erano obbligati a risiedere all'estero, specie nei paesi d'Oriente, volle appena diffusasi in Inghilterra la fama del nuovo metodo profilattico, comunicato dal Timoni in una lettera al Dott. Woodward, venirne a conoscenza per poterne o meno giudicare del valore ed incaricò il dottore Giacomo Pilarino console venuto a Smirne di darne alla Serenissima una estesa relazione. A questa relazione seguì nel 1715 la pubblicazione del Pilarino illustrante l'innesto vaiuoloso scritto che venne stampato a Venezia da Giovanni Gabriele Hertz in formato 12° scritto che in appresso venne conosciuto in Inghilterra, in Germania ed in Olanda. In Inghilterra infatti venne nel 1716 pubblicato nelle *Philosophical Transactions* (n° 347 Genn. Febr. 1716 pag. 893), in Germania nel 1717 ne fu fatta un edizione a Norimberga ed in Olanda l'editore I. Vander Aa lo stampò nel 1721 in 8° insieme alla lettera del Timoni.

Fu dopo la pubblicazione dello scritto del Pilarino che si iniziano in Italia i primi innesti con materiale tolto dalle pustole di casi di vaiuolo benigno per preservare il beneficiante dal contrarre una forma di vaiuolo grave. Possiamo quindi considerare questo scritto come il primo impulso a tale pratica e l'autore il primo fra i pionieri della diffusione in Italia di questo metodo preventivo.

Prima di prendere in esame il «*Nova et tuta Variolas excitandi per transplantationem methodus, nuper inventa et in usum tracta*» del medico greco credo conveniente dare un cenno biografico del Pilarino e dire alcunchè sulle sue cognizioni di medicina. Queste notizie sono state desunte dalla biografia del Nostro esistente nel Dizionario storico della medicina del Signor Eloy (1) nella edizione italiana, che per essere di pochi decenni posteriore alla morte del Pilarino è la più attendibile. Notizie in parola si trovano anche nell'«*Biographisches Lexicon der hervorragenden Aertze etc*» di Guret, Wernich ed Hirsch seconda edizione Berlino 1934 in una nota biografica scritta dal Pagel, nel «*Dictionnaire historique*» dell'abate F. X. De Feller, Parigi 1818, in un articolo dell'Alivisator comparso sulla «*Presse medicale*» in un altro del Collina in «*Rivista di storia delle scienze mediche e naturali*» e sugli scritti del Corsini e del Klebs sulla storia della vaiuolazione.

* * *

Giacomo Pilarino nacque il 9 gennaio 1659 a Lissuri nell'isola di Cefalonia da nobile famiglia. Egli quindi era di patria greco sebbene il Dr. Collina (2) si sforzi ma senza

(1) Dizionario storico della medicina che contiene l'origine, i progressi di quest'arte, le sette che vi sono surte etc., composto in francese dal Sig. Eloy ed ora nell'italiana favella accresciuto di correzioni, annotazioni etc. Napoli per Benedetto Gessari 1765.

(2) Collina Giovanni. Dell'italianità di Giacomo Pilarino primo trattatista della vaiuolazione (a proposito di un centenario

documenti appropriati di provare che il Pilarino era italiano, giacchè in quel tempo l'isola di Cefalù apparteneva alla Serenissima Repubblica di Venezia. Seguendo quest'apprezzamento, il Nostro avrebbe potuto essere stato francese se nato quando le isole Ionie furono sotto il dominio dell'Inghilterra. Per avere una documentazione certa circa la sua nazionalità bisognerebbe ricercare nei libri d'immatricolazione dell'università di Padova, ove il Pilarino studiò prima legge e poi medicina ed anche fra i diplomi di laurea conservati nell'archivio Arcivescovile padovano giacchè il Nostro si laureò in quell'ateneo⁽¹⁾. A dieci anni fu condotto a Venezia, ove, fatti gli studi generali, si iscrisse nella facoltà di legge dello Studio padovano e vi si laureò. In patria dove era ritornato dopo un assenza di sei anni rimase non soddisfatto dalla pratica dell'avvocatura. Ritornato quindi a Venezia si iscrisse nella facoltà di medicina nella quale pure fu addottorato a Padova. Amantissimo di viaggiare, pensò che soddisfacendo questa sua inclinazione, avrebbe potuto accrescere le sue cognizioni nell'arte del guarire. Cominciò quindi col recarsi a Candia, ove il pascià Ismail governatore dell'isola lo nominò suo medico curante. Poco dopo visitò Costantinopoli. Nel 1684 nominato medico del principe valacco Cantacuzino si recò in Valacchia, ove rimase fino al 1687, quando fu obbligato a ritornare in patria per la malattia mortale del padre suo e che non riuscì a veder vivo. L'anno seguente, vero

che non fu celebrato) in Rivista di Storia delle scienze mediche e naturali, anno XXIII, 1632, vol. 14, pag. 109.

(¹) Anche mancandoci questi documenti che non abbiamo potuto ricercare per ristrettezza di tempo ci può rendere sicuri della nazionalità greca di G. P. il fatto ricordato dall'Abate P. X. De Feller nel suo Dizionario storico (vol. 7, pag. 252, col. 1, Parigi, 1818 in 8°) e cioè «che il P. morì a Padova, dopo di essere rientrato nel seno della Chiesa romana, ed. avere abiurato gli errori dei Greci scismatici». Ora, secondo l'Eloy, il Nostro essendo nobile, la prima clausola per appartenere alla nobiltà veneta era quella di essere Cattolico Apostolico romano.

clericus vagans, lo troviamo in Russia, ove era stato nominato primo medico dello Czar, non si sa però con certezza se di Ivan IV o di Pietro Alexiewitc, colui che in appresso divenne Pietro il grande. Dopo però un anno lasciò la Russia per ritornare in patria. In quello stesso anno essendo il Doge Francesco Morosini stato nominato per la quarta volta Capitano Generale del Levante volle con se il Nostro quale suo medico particolare tenendolo con lui fino alla morte avvenuta nel 1694. Perduto così il suo protettore Pilarino ritornò per poco tempo a Venezia per portarsi poi nuovamente in Valacchia quale medico del principe Serbano rimanendovi in tale carica per quattro anni. Lo ritroviamo poi per un anno in patria passando poscia a Venezia e visitando in appresso Livorno Smirne e di nuovo Costantinopoli. Nel 1701 fu chiamato di nuovo in Valacchia dal principe Serbano il quale fu tanto contento del suo servizio che gli assegnò una pensione di 1500 zecchini. Rimase presso questo principe per soli tre anni dopo di che per quella sua abitudine di non poter avere una residenza fissa riandò a Costantinopoli e poi a Venezia.

Nel 1707 lo troviamo a Livorno dove s'imbarca per Smirne visitando in appresso Aleppo ed il Cairo. La Repubblica veneta per le premure del Procuratore di S. Marco Ascanio Giustiniani allora Balj presso la Sublime Porta lo nomina suo Console a Smirne confermandovelo con un decreto senatoriale. Pilarino rimase in questa carica per un quinquennio⁽¹⁾. Ritornato a Venezia gli fu dal magistrato della Sanità commesso di riferire sulla pratica della inoculazione profilattica del vaiuolo usato in Oriente. Dopo quattro anni di soggiorno in Venezia essendogli manifestato un'idropeascite, volle recarsi a Padova per esservi curato da quei professori dell'Università. Dopo un inutile trattamento di nove mesi morì, forse di cirrosi

(¹) L'Abate De Feller 1. c. dice solamente che a Smirne «Il s'attacha au consul de la Republique de Venise».

epatica, il 17 giugno 1718. Fu sepolto nella Chiesa di S. Francesco dei Minori osservanti (1).

Così si spegneva nella sua piena maturità colui che per il primo contribuì alla conoscenza in Italia della pratica popolare dell'innesto profilattico del vaiuolo.

* * *

Di non comune coltura medica, come ne fa fede la bella prefazione sull'evoluzione del pensiero medico dalle origini al tempo suo, preposto allo scritto «*Il mondo ingannato da falsi medici etc.*», tutta l'opera scientifica di Iacopo Pilarino si raggruppa intorno alla sua pratica professionale ed ai suoi due scritti «*Nova et tuta etc.*» ed «*Il mondo ingannato da falsi medici etc.*», assennata risposta allo scritto ironico ed ingiusto del Dr. Giuseppe Gazola nel quale questi, facendo la satira della smodata polifarmacia preferita da molti medici del suo tempo, ingiustamente inveiva contro la medicina. Nell'altro suo scritto egli minutamente descrive la pratica usata dal popolo in Costantinopoli e nell'Asia Minore per preservarsi dal vaiuolo grave e ne fa rilevare i vantaggi.

Il breve ma importante lavoro può venire così riassunto.

Egli dice questa pratica essere del tutto demoiatrica ed aver avuto origine in Tessaglia ed esser passato poi a Costantinopoli, dove fu solamente usata nelle classi popolari.

Durante una grave epidemia di vaiuolo, verso la fine dell'inverno dell'anno 1701, questa pratica cominciò ad

(1) L'iscrizione posta sulla sua pietra tombale dice: D. O. M. /Memoriae/ Iacobi Pilarino/ Nob. Cephaleni Med. Doc. / Viri / apud Dacos, Moschos /et Thracos / in Asia et Aegypto / Ex Arte, Prudentia, Probitate, / et Rerum public. / Administratione clari / Fratres M. M. P. P. / Obiit / anno salus. MDCCXVII, Aet. LX.

essere usata da persone della borghesia e della nobiltà, da quando un amico del Pilarino — che apparteneva alla famiglia nobile greca dei Garofoli — gli domandò il suo parere sull'uso di questa pratica terapeutica e se lo avesse consi-

*Illustriss. Praclariss. atque Eruditi-
tissimo Viro*

WILHELMO SERHAD,

Dignissimo pro Inclyta Natio-
ne Britannica nunc Smyr-
nis Consuli &c.

Amico & Patrono semper Colendiss.


JACOBUS PYLARINUS.

Quod non unica Episto-
la saepius à me expeti-
sti, Vir Praclarissi-
me, Amice inter
A 4 pra-

gliato di far praticare l'inoculazione ai suoi quattro figli, siccome grand era l'epidemia di vaiuolo ed i morti che allora si avevano in Costantinopoli. Il Nostro prese per rispondere tre giorni di tempo non avendo esperienza in materia. Al terzo giorno, mentre egli discorreva di ciò col suo amico,

si presentò una popolana greca che prese ad esporre i vantaggi dell'inoculazione, benchè ad essa non ne fosse cognita la causa. Disse che bene ne conosceva la tecnica, la quale aveva dato sempre buoni risultati col preservare in appresso

NOVA ET TUTA
VARIOLAS
Excitandi per Transplan-
tationem Methodus;
Nuper inventa & in usum
tracta:
*Qua ritè peracta, immunia in po-
sterum praservantur ab hujus-
modi contagio Corpora.*



VENETIIS, MDCCXV.
Apud Jo. Gabrielem Hertz.
Superiorum Permissu.

gl'inoculati da una forma grave d'infezione e che moltissimi erano i casi che essa aveva così trattato in Costantinopoli e che di ciò avrebbero potuto informarsi. Dopo queste asserzioni Pilarino sebbene titubante assicurò il suo amico

che si poteva fare l'esperimento, che questi intantamente richiedeva.

La donna greca inoculò allora i quattro ragazzi dei quali tre fra i cinque ed i sette anni di età ebbero una forma di eruzione veramente benigna. Il maggiore invece ebbe una forma più violenta con forte febbre e con sintomi imponenti, benchè l'eruzione delle postule fosse scarsa.

Con tutto ciò al quattordicesimo giorno entrò in convalescenza.

L'esito felice dell'innesto fece sì che molte famiglie nobili si sentirono spinte ad usarlo sui propri figliuoli. Solamente i Turchi per il loro fatalismo trascurarono di adoperarlo.

Il Nostro continúa il suo scritto esaminando minutamente la natura e la tecnica del piccolo atto operatorio che nulla ha a che fare con le cure simpatiche o magnetiche mentre al contrario è una vera operazione «*Physica*» che si fa collo stimolare la produzione del vaiuolo e delle sue pustole per mezzo dell'innesto che altro non è che il trasporto su di un corpo sano del fermento morbigeno o del pus estratto dalle pustole. Introdotto così nel corpo sano prende l'indole e le qualità del vero fermento e portato in circolo aggredisce subito l'organismo immettendosi i germi che si moltiplicano.

Da qui nasce una ebollizione o fermentazione universale a le parti impure ed eterogenee vanno alla cute gonfiandola in pustole.

Riporta poi la tecnica dell'innesto secondo quello che gli aveva detto la donna che l'aveva praticato e secondo ciò che Pilarino stesso aveva veduto assistendo all'atto operatorio e cioè:

1° — Scelta del tempo conveniente per l'innesto; ma mentre la donna riteneva conveniente praticarlo nell'inverno egli riteneva più adatta la primavera per la clemenza della stagione.

2° — Bisogna che il pus (fermentum) sia sceltissimo. Questo non deve essere prelevato da un qualsivoglia indi-

viduo ma invece durante una epidemia a forma benigna dalle pustole mature di un bambino estraendolo con la puntura e pressione della pustola e riponendolo in una conchiglia o vasetto di vetro pulitissimo collocato poi in luogo fresco.

3° — Il soggetto da inocularsi deve rimanere in una camera a temperatura moderata e costante.

4° — L'operatore sceglie sulla fronte presso l'inserzione dei capelli oppure nel mezzo del mento o sulle guancie una località e con un ago la punge in senso obliquo e sollevando la cute dagli strati sottoposti vi immette e strofina il pus preso dal vasetto apponendovi poi sopra una fasciatura. Ugualmente pratica altre inoculazioni sulle regioni mutacarpiche e metatarsiche coprendole con pochi giri di fascia imponendo al paziente di non rimuoverla e di non inumidirla.

Pilarino preferiva però inoculare il pus nelle regioni più carnose dove gli effetti della consecutiva infiammazione siano meno fastidiosi e dove i tendini siano meno superficiali.

Bisogna attenersi assolutamente a questa tecnica giacchè tutte le altre danno risultati meno soddisfacenti e qualche volta infelici.

Il paziente va poi lasciato in letto per quanto è necessario.

5° — Si prescrive un tenore di vita tenuto conto delle sei cose naturali specie riguardo al vitto. Fino al quarantesimo giorno viene vietato il vino, la carne, il brodo. Coloro che non ottemperano a queste prescrizioni vanno soggetti a complicazioni, giacchè qualche volta compaiono pustole sulla congiuntiva bulbare ed altri sintomi allarmanti.

Praticato l'innesto con questa tecnica non a tutti gl'inoculati l'eruzione compare allo stesso tempo; giacchè il fermento nei diversi individui agisce differentemente, in alcuni più presto in altri più tardi a seconda del temperamento, dell'età e della resistenza organica. In genere l'azione

compare al settimo giorno che è il giorno critico. Rarissimamente l'eruzione è avvenuta fin dal primo giorno.

I sintomi sopravvenuti variano nei pazienti a seconda del temperamento, della costituzione del sangue e particolarmente da disposizioni individuali. Le pustole sono generalmente uguali a quelle del vaiuolo naturale ma più benigne specie nella faccia. Molti hanno alterazione febbrile e dolori nelle località inoculate. L'eruzione delle pustole artificialmente procurate è limitato nel numero generalmente da dieci a venti, raramente da trenta a cento, eccezionalmente a duecento.

Devesi notare:

1° — Che molti ritengono sufficiente una sola inoculazione al braccio e benchè compaiono poche pustole, ciò non pertanto gl'individui così inoculati sono in appresso preservati dal contagio.

2° — Qualche volta avviene che l'innesto abbia esito negativo, sia perchè manca nell'individuo la predisposizione ad ammalarsi di vaiuolo, sia perchè il fermento contenuto nel pus è snervato e senza energia. In seguito però questi soggetti, sopravvenendo una epidemia di vaiuolo possono venir contagiati.

3° — I punti d'innesto divengono in genere sede di pustole. In alcuni invece sopravviene un ascessetto senza alcuna comparsa di pustole. In altri si forma un ascesso più grande con molto pus. Qualche volta gl'innesti fatti nelle mani e nei piedi si gonfiano con grande dolore e vi si forma una raccolta purulenta. Rarissimamente il fermento, trasportato alle ghiandole vicine provoca un'adenite suppurativa a seconda della diversa disposizione degli individui.

Fino ad ora nelle persone artificialmente inoculate non sono stati osservati casi letali, qualunque ne sia stato il sesso, il temperamento, l'età e se l'inoculazione viene praticata da un medico perito è assicurata la guarigione.

Il vaiuolo provocato in questo modo è di indole molto più benigna di quella delle forme che insorgono natural-

mente, giacchè proveniente da un fermento che manca di qualsiasi malignità. L'ebollizione della massa del sangue e tutto il processo guidato dalla natura modificata si compie più blandamente e senza violenza. Bisogna però tener presente di scegliere per l'innesto quella stagione dell'anno che sia la più idonea, affinchè il corpo che vi si deve sottoporre possa essere disposto a riceverlo unitamente a tutti i maggiori aiuti approntati dall'arte. E tutto ciò deve essere fatto per l'esito fausto della forma morbosa che così si promuove.

* * *

Riassunto così lo scritto del Pilarino vediamo ora quali furono dopo che esso venne conosciuto in Italia i primi medici che eseguirono l'innesto e le prime località dove avvennero le vaiuolazioni allo scopo di preservare gl'inoculati da un attacco di vaiuolo grave. Pilarino consegnò al Magistrato della Sanità della Serenissima la sua relazione circa quattro anni prima della sua morte, avvenuta nel 1718. Pare assodato che in Italia a partire da questa data o forse anche poco prima erano stati fatti esperimenti in proposito.

Due testimoni oculari Ponticelli ed il Dott. Caudagna ci hanno lasciato scritto, che nel ducato di Modena al tempo del duca Francesco Farnese un tal Dott. Maggi aveva praticato a Parma alcuni innesti di vaiuolo benigno. Pochi anni dopo e cioè nel 1753 il medico Morando Morandi di Finale nel Modenese pubblica ad Ancona un suo scritto sulla cura del vaiuolo con la china e con il bagno tiepido. In questo lavoro racconta come, spinto dalla lettura della relazione del Pilarino «Nova et tuta etc», avesse voluto praticare alcuni innesti «senza però farvi attorno molta reclame» e che nel 1722 aveva con buon esito inoculati di vaiuolo dieci bambini. Questi furono i primi innesti di vaiuolo benigno praticati in Italia dietro ciò che era stato suggerito dal Pilarino nella sua relazione e riportati con

esatto referto medico. De Renzi ci fa sapere ⁽¹⁾ che il Dott. Girolamo Peverini medico a Cisterna nello Stato Pontificio sia stato il primo ad eseguire l'innesto del vaiuolo in Italia e ciò dopo una tremenda epidemia, per la quale nella sola Roma «*si vuole essere trapassate di vaiuolo oltre sei mila persone*». Le inoculazioni vennero prima eseguite sopra individui gracili ed infermicci e con sua sorpresa il Peverini si convinse che nel maggior numero dei casi i risultati erano felici. Diffuse allora il sistema adottando per l'inoculazione il metodo della puntura. Il De Renzi non precisa l'anno, ma Arnold C. Klebs vuole sia stato il 1755. La pratica incontrò grande favore in altre località d'Italia e durante l'epidemia già detta che colpì Roma (1755) la Marchesa Bussalini di Cesena, emula di Lady Montague, si decise a fare inoculare in una sua proprietà tanto le persone di sua famiglia quanto quelle dei suoi dipendenti. Il de La Condamine, apostolo dell'innesto vaiuoloso che ci ha lasciato diverse memorie sull'inoculazione e che nel 1755 aveva fatto un viaggio a Roma — viaggio che poi pubblicò — ci fa sapere che le inoculazioni vennero eseguite dalla Marchesa stessa. Generalmente si ritiene che questa data segni la ripresa di questa pratica profilattica nella maggior parte d'Italia, ma ciò non è esatto, giacchè il de La Condamine stesso ci racconta, come anche prima del suo arrivo diversi commercianti inglesi di Livorno avevano fatto eseguire l'innesto del vaiuolo nei loro figliuoletti.

Ma indipendentemente dalla testimonianza dello scrittore francese sappiamo che Monteschi nell'alta valle del Tevere fu un centro, ove erano stato praticati molti casi di innesto, giacchè il medico Pietro Evangelisti, abbandonato il metodo della bambagia imbevuta di pus vaiuoloso aveva adottato anch'egli quello della puntura suggerito dal Pilarino. Quando il Peverini che come sopra ho detto aveva

(1) De Renzi Salvatore. Storia della medicina degli italiani vol. v pag. 522.

iniziato (1755) le inoculazioni a Cisterna, andò a stabilirsi a Siena, trovò continuatori attivi nella pratica della vaiuolazione col metodo della puntura nelle persone dei medici Pierotti a Cisterna, Evangelisti e Ferretti in terra dei Monteschi, Gamucci a Borgo San Sepolcro, Presciani ad Arezzo e Lunadei ad Urbino.

Una descrizione delle inoculazioni del Peverini ci è stata tramandata dal suo assistente in Siena per questa pratica, ove si parla anche del metodo «*semplicissimo*» usato.

Nel Granducato di Toscana la diffusione dell'innesto si dovette oltre alla fiducia con la quale questa pratica venne accolta da molti medici, anche ai suggerimenti del de La Condamine, fatti al Ministro di Stato conte di Bichecourt, il quale reputò necessario occuparsi della questione, tanto che nell'autunno del 1756 — dopo aver consultato le principali autorità mediche locali e quelle di Siena — fece fare a Giovanni Targioni — Tozzetti esperimenti in proposito su diversi bambini nell'Ospedale degli Innocenti. In Toscana intanto vanno ricordati fra i pionieri dell'innesto vaiuoloso benigno preventivo oltre il già detto Targioni-Tozzetti, anche Girolamo Pannilini, Francesco Carluri, Saverio Manetti, Angelo Gatti ed il Castellucci.

A Lucca poi il Paoli, Pietro Tabarrini e Francesco Pizzorno; A Livorno il Cei; a San Pietro in Bagno il Fantini; a Prato il Turacchi. Nel Mantovano procurò diffondere questa pratica Luigi Francesco Castellani di Sermide. A Genova l'Apostolo dell'inoculazione fu Carlo Gandini mentre N. Bottini cercò d'iniziare l'uso dell'innesto a Lerici.

Bicetti di Buttinoni parla di esperienze in questo genere fatte a Trevi nel Milanese l'anno 1765.

Intanto a Venezia il Senato ordina esperimenti in proposito che vennero fatti dal Visentini e dal Paitoni ed i risultati vennero pubblicati insieme alla traduzione di uno scritto di Angelo Gatti, di questo medico che fu l'apostolo dell'innesto vaiuoloso in Italia. Il Gatti nato a Ronta di Mugello in Toscana il 17 dicembre 1724 morì a Napoli il 18 gennaio 1789, circa due anni dopo che Jenner aveva sosti-

tuito all'inoculazione del pus vaiuoloso quello delle pustole della vaccina (Cow pox). Gatti fece in appresso un viaggio d'istruzione in Grecia e nell'Africa settentrionale per studiarvi il vaiuolo e la pratica dell'innesto vaiuoloso quale metodo profilattico. Professore all'Università di Pisa, dice Salvatore De Renzi l. c., egli aveva cercato di promuovere la pratica dell'inoculazione, che già aveva incontrato favore in Toscana ed egli stesso godeva fama di destro e felice inoculatore. Nel 1761 trovandosi a Parigi preceduto dalla fama dei suoi successi fu pregato dal barone di Holbach suo amico, di inoculargli i figliuoli. *«L'evento giustificò la fiducia in lui riposta onde altri distinti francesi implorarono la sua opera e così di mano in mano la classe più distinta di Parigi confidò al medico toscano la salvezza dei figli».*

Bisogna ricordare che in quel tempo l'inoculazione era in discredito e la facoltà medica di Parigi era sul punto di ostracizzarla quando l'opera e gli scritti del Gatti ne rialzarono il valore, risparmiando alla Facoltà l'umiliazione di un giudizio affrettato. Gatti introdusse nella pratica dell'inoculazione tre novità: 1° prelevò per la prima volta dalle pustole artificialmente provocate il materiale per le successive inoculazioni, dimostrando che così si ottenevano effetti locali più blandi senza diminuire l'azione profilattica contro il vaiuolo grave; 2° cominciò ad sperimentare l'inoculazione con la polvere delle croste delle pustole; 3° condannò ogni trattamento chirurgico delle piccole lesioni d'innesto, riprovando specialmente l'uso degli empiastri allora in voga. Colleghi invidiosi istituirono una campagna denigratoria contro il medico toscano che terminò con una pubblica accusa, tanto che il Parlamento finì col decretare la proibizione dell'innesto vaiuoloso. Il Gatti esasperato finì col proporre un premio di 1200 lire, a colui che avesse potuto provare sopravvenienza di casi letali all'inoculazione. Il premio non fu vinto ed il Re decretò che il Gatti inoculasse con il suo metodo gli allievi della Scuola Militare. Anche la facoltà teologica di Parigi

finì col trovare nei precetti evangelici ragioni per condannare l'innesto del vaiuolo!

Ma in Italia tre Sacerdoti toscani Adami, Berti e Veraci sapientemente controbatterono questo falso ragionamento.

La Repubblica Veneta intanto nel 1767 dopo la relazione del Pilarino e la pubblicazione del «*Nova et tuta variolas etc.*» del 1715, dopo gli esperimenti in materia ordinati dal Senato al Vicentini ed al Paitoni e la traduzione dello scritto di Angelo Gatti sull'innesto vaiuoloso pubblicato in francese, sebbene un poco tardi, si decise finalmente ad autorizzare l'innesto del vaiuolo in tutti i suoi Stati. A maggiormente avvalorare nel pubblico questa pratica contribuì il fatto che alcune case regnanti italiane, quali quelle di Parma, di Toscana, del Piemonte e di Napoli vollero che i loro giovani principi venissero inoculati e ne promossero l'esecuzione nei loro sudditi.

La pubblicazione del Pilarino aveva sortito il suo buon effetto risparmiando un rilevante numero di vittime ed il metodo dovette cedere il campo solamente quando Edoardo Jenner nel maggio 1796, inoculando a James Phipps il pus della vaccina potè provare che questo genere d'innesto completamente innocuo e benigno preservava ugualmente dal vaiuolo.

Prof. PIETRO CAPPARONI

ÍNDICE POR ARTIGOS

	Págs.
<i>A Cortiça, como material orgânico e elástico a aplicar nas construções anti-sismicas</i> , por RAÚL DE MIRANDA	72
<i>As nuvens nas paisagens de Júlio Dinis</i> (continuado do vol. 119.º), por F. PIMENTEL DE ALMEIDA	77
<i>Crónica do Real Mosteiro de Santa Cruz</i> (continuado do vol. 120.º), por D. TIMÓTEO DOS MÁRTIRES	1
<i>Gênese da Poesia Lirica do Pampa</i> , por MANOELITO DE ORNELLAS	127
<i>Invertebrata. Études de Paléontologie et de l'physiologie des organismes primitifs</i> , por EMILE SCHAUB-KOCH	101
<i>La parte presa dal greco Pilarino per la conoscenza dell'innesto vaiuoloso nella profilassi contro il vaiuolo in Italia</i> , por Prof. PIETRO CAPPARONI	211
<i>O Milagre de Teófilo</i> , por RUTEBEUF (tradução e prefácio de CAMPOS DE FIGUEIREDO)	155

ÍNDICE POR AUTORES

	Págs.
ANTÓNIO PEREIRA FORJAZ (D.) — <i>O Instituto de Coimbra e o seu fundador</i>	225
EMILE SCHAUB-KOCH — <i>Invertebrata. Études de Paléontologie et de Physiologie des organismes primitifs</i>	101
F. PIMENTEL DE ALMEIDA — <i>As nuvens nas paisagens de Júlio Dinis</i> (continuado do vol. 119.º)	77
MANOELITO DE ORNELLAS — <i>Gênese da Poesia Lirica do Pampa</i>	127
PIETRO CAPPARONI (Prof.) — <i>La parte presa dal greco Pilarino per la conoscenza dell'innesto vaiuoloso nella profilassi contro il vaiuolo in Italia</i>	211
RAÚL DE MIRANDA — <i>A Cortiça, como material orgânico e elástico a aplicar nas construções anti-sismicas</i>	72
RUTEBEUF — <i>O Milagre de Teófilo</i>	155
TIMÓTEO DOS MÁRTIRES (D.) — <i>Crônica do Real Mosteiro de Santa Cruz</i> (continuado do vol. 120.º)	1

